

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**CONECTORES ADVERSATIVOS NA FALA DO  
NATALENSE: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA COM  
IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO**

**MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA**

NATAL  
2009

**CONECTORES ADVERSATIVOS NA FALA DO  
NATALENSE: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA COM  
IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO**

**POR**

**MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Linguística Aplicada.**

**Orientador: Prof. Dr. Camilo Rosa da Silva.**

Natal  
2009

Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Oliveira, Maria José de.

Conectores adversativos na fala do natalense: uma análise funcionalista com implicações para o ensino / Maria José de Oliveira, 2009.  
134 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, 2009.  
Orientador: Prof. Dr. Camilo Rosa da Silva.

1. Conectores adversativos – Dissertação. 2. Funcionalismo - Dissertação. 3. Ensino – Dissertação. I. Silva, Camilo Rosa da. (Orient.). II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 81'33

**MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA**

**CONECTORES ADVERSATIVOS NA FALA DO NATALENSE: UMA ANÁLISE  
FUNCIONALISTA COM IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO**

Dissertação de Mestrado, defendida por Maria José de Oliveira, aluna do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, na área de Linguística Aplicada, aprovada pela banca examinadora, em 26 / 03 / 2009.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Camilo Rosa da Silva**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Orientador

**Profa. Dra. Elizabeth Afonso Christiano**

Universidade Federal da Paraíba  
Examinadora externa

**Profa. Dra. Maria Alice Tavares**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Examinadora interna

**Profa. Dra. Maria das Graças Soares Rodrigues**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Suplente

*A MINHA MÃE...*

de quem herdei

a sede de

amar as letras.

*AO MEU PAI, MEUS IRMÃOS e IRMÃS...*

*A GISONALDO*, esposo e parceiro acadêmico

Aos pequeninos

*OTTO GUILHERME* (um pequeno cientista!) e

*TOMÉ GALILEU* (de quem privei do leite materno)

por terem aprendido a conviver

e a respeitar o meu jeito insistente

de me doar ao estudo e à pesquisa,

***DEDICO!***

## **AGRADECIMENTOS**

É hora de agradecer porque o sonho, o anseio de tanto tempo guardado, agora se faz realidade, dando lugar a outros ideais.

Além desta força imensamente superior, que posso chamar de DEUS, além de MIM, muitos foram os que contribuíram para esse momento. A todos eles, agradeço!

Ao professor Dr. Camilo Rosa, exímio orientador, amigo de algumas trajetórias de vida estudantil e profissional em comum, pela forma amável e paciente de se fazer disponível para indicar caminhos e saídas sem nunca tolher a minha liberdade como pesquisadora. A ele, agradeço também por ter dividido com os mestrandos do Seridó seus conhecimentos sobre a teoria funcionalista, pela gentileza com que me cede/cedeu o seu acervo-pessoal de material bibliográfico e, sobretudo, por acreditar na minha capacidade de me tornar mestra da língua.

A professora Dr.<sup>a</sup> Maria Alice Tavares e a professora Dr.<sup>a</sup> Maria das Graças Soares pelas competentes e oportunas contribuições dadas no exame de qualificação.

A professora Maria Angélica Furtado da Cunha pelo exemplo de dedicação à pesquisa e ao professor Marcos Antônio Costa pelas inspiradoras aulas de cognição.

A Bete, Secretária do Programa de Pós-graduação, pela simpática e acolhedora forma de nos receber.

A colega Noelma, amiga e espécie de bússola que foi essencial para me familiarizar com os espaços da universidade. A Elis Betânia pelas animadas conversas que abreviavam o trajeto de volta para nossas cidades de origem. A Fabíola, Wildson e aos demais, agradeço pelo convívio saudável e pelas interações.

A Rogério Bezerra, que sem medir esforços, se fez intermediário para diminuir as burocracias do estado, tornando possível a conquista do meu direito ao afastamento do trabalho para me dedicar ao curso.

A Vera Lúcia Néri Serra, gestora que me apoiou e colaborou para que eu pudesse sair para cursar as disciplinas.

A Gisonaldo, companheiro, que sendo pai, acumulou as funções de pai-mãe, cuidando dos nossos filhos pequenos, quando eu precisava me deslocar para cumprir funções lingüísticas.

Ao casal Dulcea e Francisco que abriu as portas de sua casa, em Natal, e me acolheu como se fosse filha.

Aos demais familiares e aos amigos, pelo apoio e motivação.

**AGRADEÇO!**

## RESUMO

O trabalho em tela analisa o comportamento dos conectores adversativos na fala do usuário natalense, com vistas a sugerir implicações para o ensino de gramática nas escolas de ensino Fundamental e Médio. É uma investigação que se assenta no paradigma funcionalista, especificamente nas idéias defendidas por Givón. Para tanto, utilizam-se dados de situações de fala do *corpus* Discurso & Gramática – a língua falada e escrita da cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998). A amostra abrange um total de quarenta entrevistas, das quais se recortam as ocorrências cujos registros assinalam a existência de construções adversativas presentes em narrativas de experiência pessoal e nos relatos de opinião, modalidade de língua oral, do mencionado banco de dados. O trabalho revisita autores da gramática, Cunha (1986); Bechara (2006); Perini (2006), entre outros; autores que contemplam abordagens referentes ao uso de conectores de oposição como: Barreto (1999); Tavares (2003); Longhin (2003); Silva (2005); Rocha (2006); Neves (2000; 2006). Os resultados da análise panorâmica revelam como conectores de adversidade em uso pelo natalense, por ordem de recorrência, *mas, e, aí, agora, só que, no entanto, e já*. Analisados os resultados, comparam-se os mesmos com o tratamento apresentado pela gramática tradicional, analisam-se os quatro conectores mais recorrentes, aplicam-se os princípios da iconicidade e da marcação em construções adversativas e elege-se o protótipo da categoria. Em seção destinada à análise diferenciada do item *agora*, analisa-se o perfil estrutural das construções que envolvem o item, o perfil semântico, tempos, modos e aspectos dos verbos que se envolvem nas construções em referência, trajetória de gramaticalização e comparação com o protótipo da categoria, o *mas*. Por fim, sugerem-se implicações de todo o estudo para o ensino de língua portuguesa, nas séries do ensino fundamental e médio.

Palavras-chave: Conectores adversativos. Funcionalismo. Ensino.

## ABSTRACT

This work analyzes the behavior of the adversative connectors in the speech of the user of Natal, with views to suggest implications for the grammar teaching in the high school Portuguese languages classes. It is an investigation that sits on the functionalist paradigm, specifically in the protected ideas for Givón. For so much, data of situations of speech from the *corpus* Discurso e gramática – lingual falada e escrita da cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998). The sample embraces a total of forty interviews, of which the occurrences are cut out whose registrations mark the existence of adversatives constructions in narratives of personal experience and in the opinion reports, modality of oral language, of the mentioned database. The work revisits authors of the grammar, Cunha (1986); Bechara (2006); Perini (2006), among others; authors that contemplate referring approaches to the use of opposition connectors as: Barreto (1999); Tavares (2003); Longhin (2003); Silva (2005); Rocha (2006); Neves (2000, 2006). The results of the panoramic analysis reveal as adversity connectors in use for the habitant of Natal, for recurrence order, the *mas, e, aí, agora, só que, no entanto* and *já*. Analyzed the results, the same ones are compared with the treatment presented by the traditional grammar, with application of functional iconicity principle, markedness principle and the prototype of the category is chosen. In the differentiated analysis of the item " agora ", structural profile of the constructions is analyzed that involve the item, semantic profile, times, manners and aspects of the verbs that they wrap up in the constructions in reference, trajectory of grammaticalization and comparison with the prototype of the category. Finally, they are suggested implications of whole the study for the teaching of Portuguese language, in the high school classes.

Key- words: Adversative connectors. Functionalism. Teaching.



## LISTA DE QUADROS, TABELAS, E FIGURAS

### QUADROS

**Quadro (1):** síntese das normas de transcrição, p. 28

**Quadro (2):** adversativas no latim clássico x latim vulgar, p. 57

**Quadro (3):** posição dos gramáticos a respeito das adversativas, p. 58

**Quadro (4):** marcação/frequência dos conectores adversativos, p. 93

**Quadro (5):** marcação/complexidade estrutural dos conectores adversativos, p. 93

**Quadro (6):** marcação/complexidade cognitiva dos conectores adversativos, p. 94

**Quadro (7):** marcação dos conectores adversativos, p.95

**Quadro (8):** marcação dos conectores adversativos- idade/escolaridade, p. 98

**Quadro (9):** marcação dos conectores adversativos - tipos de discurso, p.100

**Quadro (10):** marcação dos conectores adversativos- níveis de articulação, p.103

**Quadro (11):** prototipicidade dos conectores adversativos na fala de Natal, p. 105

**Quadro (12):** comparação entre o item prototípico (*mas*) e o *agora*, p.117

### TABELAS

**Tabela 1:** frequência geral dos conectores adversativos na comunidade de fala de Natal, p. 69

**Tabela 2:**conectores adversativos registrados na amostra ainda não reconhecidos pelos estudos tradicionais, p.71

**Tabela 3:** distribuição dos adversativos – idade/escolaridade, p.97

**Tabela 4:** distribuição dos conectores adversativos - tipos de discurso, p.100

**Tabela 5:** distribuição dos conectores adversativos - níveis de articulação, p.103

**Tabela 6:** modos dos verbos das construções com o *agora*, p.113

**Tabela 7:** tempos dos verbos das construções com o *agora*, p. 113

**Tabela 8:** aspectos dos verbos das construções com o *agora*, p.114

### FIGURA:

**Figura 1:** prototipicidade dos conectores adversativos, p. 106

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 A ADVERSIDADE</b> .....	14
1.1 QUESTÕES DA PESQUISA.....	19
1.2 OBJETIVOS.....	19
1.3 HIPÓTESES.....	20
1.4 JUSTIFICATIVA.....	21
1.4.1 A língua falada e suas motivações.....	22
1.5 PROCEDIMENTOS E PASSOS METODOLÓGICOS.....	23
1.5.1 O <i>corpus</i> .....	25
1.5.2 Os tipos discursivos.....	28
1.5.3 Passos metodológicos.....	28
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO: FUNCIONALISMO LINGÜÍSTICO</b> .....	30
2.1 INTRODUÇÃO.....	30
2.2 FUNCIONALISMO.....	30
2.2.1 Gramática funcional.....	33
2.2.2. Princípios do funcionalismo.....	35
2.2.2.1 Iconicidade.....	35
2.2.2.2 Marcação.....	36
2.2.2.3 A Teoria dos Protótipos.....	37
2.2.2.3 Gramaticalização.....	39
<b>3 AS ADVERSATIVAS: ORIGEM, GRAMÁTICA E USO</b> <b>- revisitando conceitos e abordagens</b> .....	48
3.1 A COORDENAÇÃO E A SUBORDINAÇÃO.....	48
3.2 AS ORAÇÕES COORDENADAS.....	54
3.2.1 Coordenação sem a marca de conector.....	55

3. 2.2	Coordenação com a marca de conector.....	55
3.3	AS CONJUNÇÕES.....	56
3.3.1	Origem.....	56
3.3.2	As adversativas na gramática.....	57
3.4	UM CONTRAPONTO AOS ESTUDOS TRADICIONAIS: O USO.....	59
<b>4</b>	<b>ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS.....</b>	<b>68</b>
4. 1	PERFIL FUNCIONAL DA ADVERSIDADE.....	68
4.2	PERFIL DO USO SE CONTRAPONDO À TRADIÇÃO.....	70
4. 3	CONECTORES ADVERSATIVOS.....	71
4.3.1	Mas.....	71
4.3.2	E.....	77
4. 3.3	Aí.....	81
4.3.4	Agora.....	83
4.3.5	Só que.....	85
4.3.6	No entanto.....	86
4.3.7	Já.....	87
4.4	DA APLICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS FUNCIONALISTAS À ADVERSIDADE NA FALA DO USUÁRIO NATALENSE.....	88
4.4.1	Princípio da iconicidade.....	88
4.4.2	Princípio da marcação.....	92
4.4.2.1	A marcação controlada por fatores sociais e lingüísticos.....	95
4.4.2.1.1	A marcação quanto aos fatores idade e escolaridade.....	96
4.4.2.1.2	A marcação quanto aos tipos de discurso.....	98
4.4.2.1.3	A marcação quanto aos níveis de articulação.....	101
4.5	GRAU DE PROTOTIPICIDADE DOS CONECTORES ADVERSATIVOS MAIS RECORRENTES.....	104
4.6	E AGORA? .....	106
4.6.1	Perfil estrutural das construções com o <i>agora</i> .....	106
4. 6.2	Perfil semântico do <i>agora</i> .....	107
4.6.2.1	Dêitico temporal: presente, passado, futuro.....	109
4.6.2.2	Conector (relacional).....	110
4.6.2.3	Articulador discursivo.....	111

4.6.3 Verbos das construções com o <i>agora</i> .....	112
4.6.3.1 Modos dos verbos das construções com o <i>agora</i> .....	112
4.6.3.2 Tempos verbais das construções com o <i>agora</i> .....	113
4.6.3.3 Aspectos verbais dos verbos das construções com o <i>agora</i> .....	114
4.6.4 Trajetória de gramaticalização do <i>agora</i> .....	115
4.6.5 <i>Mas e agora?</i> .....	115
<b>5 SUGESTÕES DE APLICAÇÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA....</b>	<b>119</b>
5.1 PROPOSTA DE ATIVIDADES.....	122
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>124</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>127</b>

## INTRODUÇÃO

(...) elemento de eleição privilegiada na abertura de caminhos novos, que ele marca como, de algum modo, divergentes ou discrepantes. Com ele se sugerem novos e diferentes temas, diferentes focos, diferentes lugares, diferentes tempos, enfim, com ele se abrem novas cenas que, deixando outras para trás, com a marca explícita da alteração, conduzem o texto para rumos marcadamente desviantes (NEVES, 2006, p. 254).

É com essas palavras que Neves define o *mas*, e das quais se utiliza aqui para introduzir os conectores objetos de estudo deste trabalho, uma vez considerado pela autora, que o item definido é protótipo da categoria dos adversativos.

Como sujeitos da língua, somos capazes de reproduzir nossa identidade conflituosa ao sabor de duetos, antagonismos, jogos de antíteses, paradoxos, os quais são lançados aos quatro cantos.

Tanto é, que as construções antitéticas são bastante recorrentes nas interações cotidianas. Essas relações controversas ligadas pelo conector adversativo são o eixo central deste trabalho. Conectores como - *mas, e, aí, agora* - se destacam nas construções adversativas na fala do habitante da cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte.

Eles se envolvem em construções que parecem ter a sua base em uma comparação subjacente que opera na mente do falante, de modo que entre a informação base e a informação adversativa percebe-se uma divergência, advinda desse jogo comparativo, o qual resulta sempre em uma diferença.

Os itens em foco são tratados à luz do referencial teórico centrado no paradigma teórico-metodológico do Funcionalismo lingüístico norte-americano, com atenção especial para a aplicação dos princípios da iconicidade, da marcação, a teoria dos protótipos e a gramaticalização.

A pesquisa é realizada com base em dados da modalidade de língua oral, buscados no *corpus* Discurso & Gramática - língua falada e escrita da cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998) e objetiva relacionar os conectores adversativos mais usados pelo falante de Natal, além de averiguar o comportamento desses itens no discurso. Para isso, analisam-se vinte narrativas de experiência pessoal e vinte relatos de opinião, e se controlam fatores sociais como idade/escolaridade, níveis de articulação e tipos de discursos.

Embora os conectores sejam analisados na fala do natalense, para o conector *agora*, que recebeu análise diferenciada, fez-se necessária a recorrência a exemplos de outras fontes, a fim de se ter uma visão mais histórica da evolução do item.

A investigação foi concretizada e seu resultado é desenvolvido nos seguintes capítulos: no primeiro capítulo, se expõe o problema abordado, situa-se o objeto de estudo, definem-se questões e objetivos, hipóteses, limites e motivos para a investigação, além de traçar os passos metodológicos seguidos pela pesquisa.

No segundo capítulo, insere-se o referencial teórico. Nele, apresenta-se e se discute os postulados do funcionalismo lingüístico, concepção de gramática funcional, define-se os princípios da iconicidade, da marcação, a teoria dos protótipos e a gramaticalização. Para se tecer o capítulo, autores como Givón (1979, 1990, 1994, 1995 e 2001), Hopper e Traugott (1993, 2003), Thompson e Couperkuhlen (2005), entre outros, foram consultados.

No terceiro capítulo, faz-se uma revisita aos conceitos e abordagens referentes à origem dos conectores adversativos, como eles são vistos na gramática e no uso. É um contexto em que se discutem os conceitos tradicionais de coordenação e subordinação, enfatizando-se a necessidade de se trabalhar o enlace de orações no nível do texto, priorizando-se as questões interativas e de interdependência discursiva. Na seqüência, trata-se das orações coordenadas com conector ou sem conector, definem-se conjunções desde sua origem, confere-se a posição dos gramáticos em relação ao conceito e elenco de conectores por eles apresentados. Adiante, lança-se o contraponto a essa teoria, gerado pela necessidade de envolver em uma só análise os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos: o uso. Para tanto, foram invocados os trabalhos de Silva (2005, 2006), Barreto (1999), Neves (2000, 2006), Tavares (2003, 2006), entre outros.

O capítulo quarto trata da análise interpretativa dos dados. Primeiro se apresenta um perfil funcional da adversidade, registrando-se a freqüência geral dos conectores adversativos na fala do natalense. Logo depois, apresenta-se uma visão panorâmica dos itens adversativos mais recorrentes, a qual consiste de um rastreamento da origem etimológica de cada item e como os mesmos se comportam nos dados do *corpus*. Seqüencialmente, aplicam-se os princípios da iconicidade, da marcação, e conhecem-se os protótipos da categoria dos adversativos. Em outra seção, toma-se o item *agora* para um estudo diferenciado que consiste na análise

estrutural dos arranjos em que ele se insere, os usos semânticos, verbos das construções (tempo, modo e aspecto) e a síntese do processo de gramaticalização do item sob enfoque, assim como um estudo comparativo entre ele e o protótipo da categoria - o *mas*.

No quinto capítulo, sugerem-se as implicações deste estudo para o ensino de gramática nas escolas de Ensino Fundamental e Médio.

Por fim, apresentam-se as considerações finais e dentro delas as possíveis retomadas para trabalhos futuros.

## 1 A ADVERSIDADE

Este capítulo expõe o problema abordado, descreve e situa o objeto de estudo, define objetivos, questões, limites e razões para a elaboração desta pesquisa, além de traçar os contornos e determinar os passos metodológicos que operacionalizam a ação investigativa em pauta.

A adversidade será aqui retratada mediante uma análise funcional de orações que codificam informações, as quais se opõem no fluxo discursivo. As ocorrências são buscadas em dados reais da fala do interlocutor natalense, presentes no *corpus* Discurso e Gramática - língua falada e escrita da cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998).

A investigação caracteriza-se como uma análise funcional, cujos fins se aplicam à possibilidade de se descrever e analisar as diversas funções semântico-pragmáticas assumidas pelas construções investigadas no processo de interação comunicativa. Conforme Neves (2006, p.226),

uma análise de base funcionalista penetra a organização dos enunciados para avaliá-los não apenas sob diversos níveis (predicacional; proposicional; ilocucional), mas também sob os diversos ângulos que envolvem a atividade lingüística (textual/informacional; interacional), e o faz sempre com incorporação dos diversos componentes (sintático; semântico; pragmático).

E o problema que se coloca é a questão das divergências entre os estudiosos, principalmente, em relação à definição de um conceito comum para o fenômeno, bem como em relação ao elenco de adversativas por eles apresentadas. A questão mais crucial é que algumas formas adversativas, apesar de já se encontrarem cristalizadas pelo uso, não são mencionadas como tal pela tradição, além do fato de que outras há que são elencadas como adversativas por alguns autores e, no entanto, não possuem estatuto para isso.

Para se ter uma noção do problema, vejamos a posição de alguns autores de gramáticas normativas e pedagógicas em relação ao conceito.

Para Cunha (1986, p. 534) “as adversativas ligam dois termos ou duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, uma idéia de contraste”. O autor cita como representantes da categoria os itens *mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto*.



Em outra seção, denominada “posição das conjunções coordenativas”, relata que, das conjunções adversativas, apenas o *mas* aparece obrigatoriamente no começo da oração; *contudo*, *entretanto*, *no entanto*, *porém* e *todavia* podem figurar em contextos de início de oração, ou após um de seus termos.

Leme (2003, p. 250) considera os adversativos como “a idéia de oposição entre os enunciados coordenados, como se a verificação das duas proposições ao mesmo tempo se revestisse de excepcionalidade”. Como conjunções padrão apresenta: *mas*, *porém*, *todavia*, *entretanto*, *contudo* e *no entanto*. O autor não tece qualquer comentário a mais sobre a categoria dos adversativos.

Cegalla (1997, p. 341) conceitua as adversativas como as que exprimem contraste, oposição, ressalva. Nos seus exemplos, alguns retirados de obras literárias, apresenta o seguinte elenco de itens arrolados para a mencionada categorização: *mas*, *contudo*, *entretanto*, *porém*, *antes (=pelo contrário)*, e *sim (=mas)*.

Saconni (1990, p. 267-8), por um lado, inclui entre os adversativos aqueles que “exprimem essencialmente ressalva de pensamentos, ressalva esta que pode indicar idéia de oposição, retificação, restrição, compensação, advertência ou contraste”. Como representantes da categoria, elenca: *mas*, *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*, *no entanto*, *não obstante*, etc.

Por outro lado, o autor chama a atenção para alguns itens com traços de adversidade (*e*, *quando*, *agora*, *senão*), que, algumas vezes, são confundidos com outros tipos de conjunções, e assim, os apresenta em orações, em contextos nos quais podem ser parafraseadas pelo *mas*.

Ferreira (2003, p. 463) chama de adversativas as conjunções que “exprimem uma idéia contrária à da outra oração; uma oposição, um contraste”. Categoriza como representantes contrajuntivos os seguintes itens: *mas*, *e (=mas)*, *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto*, *entretanto*.

Infante (2006, p. 281) entende que as adversativas “exprimem oposição, contraste” e inclui neste rol as seguintes formas: *mas*, *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto*, *no entanto*, *não obstante* etc., muito embora, atente para o fato de que a classificação das conjunções deve ser feita a partir de seu emprego efetivo na língua.

Terra (2002) relaciona como adversativas as relações que “indicam oposição, contraste”. *Mas, porém, todavia, contudo, entretanto* são os itens que apresenta como representantes da categoria.

Bechara (2006, p. 321) conceitua os adversativos como as que “enlaçam unidades apontando uma oposição entre eles”. Rotula de adversativas por excelência: *mas, porém e senão*. Em comentário posterior, observa que “ao contrário das aditivas e alternativas, que podem enlaçar duas ou mais unidades, as adversativas se restringem a duas. *Mas* e *porém* acentuam a oposição; *senão* marca a incompatibilidade”.

A partir das definições acima, percebe-se o quanto é problemática a concepção das adversativas na nossa língua. Os conceitos parecem ser baseados em critérios sintáticos e semânticos, porém nenhum deles reconhece o critério pragmático.

Um ponto em que se observa a unanimidade no tratamento das relações contrajuntivas entre os gramáticos consultados é com relação à escolha do *mas* sempre encabeçando a lista dos adversativos e o *porém* em segundo lugar.

Entretanto, no que diz respeito ao restante do elenco para representar a categoria, os autores divergem bastante.

Os que tentam inovar, como Cunha (1986) e Saconni (1990), refletindo sobre a multifuncionalidade de alguns itens que já são consagrados pelo uso<sup>1</sup> como elementos de adversidade, o fazem de forma tímida, quase sempre em forma de adendo, ou de blocos à parte.

Destarte, percebe-se que a análise da produção de sentido das adversativas torna-se prejudicada, diante de um tratamento tão restrito e, por vezes, inconsistente, patrocinado pelos gramáticos.

Ora, se a linguagem é uma atividade sociocultural que serve a propósitos cognitivos e comunicativos (GIVÓN, 2001), por que se insistir em trabalhar a língua baseando-se em critérios limitados a uma perspectiva estrutural, quando se sabe que as funções por ela (a língua) assumidas são carregadas de intencionalidades e os objetivos discursivos se envolvem com fatores muito complexos da comunicação.

Assim sendo, postula-se que o estudo funcional das construções em foco poderá possibilitar a realização de uma análise para além das estruturas, podendo,

---

<sup>1</sup> Cunha (1986) reflete sobre a multifuncionalidade do *mas*, do *e*, e de outros conectores que não são tratados nesta pesquisa. Saconni (1990) apresenta exemplos de outros conectores adversativos, além do *mas, porém, todavia...*, mas em forma de adendo, de informação à parte.

então, investigar que outras formas estão adquirindo o estatuto de conector adversativo no contexto da fala natalense, o que poderá ser revelador de um grupo de itens adversativos ainda não constantes nos manuais de gramática tradicional. Vejam-se algumas ocorrências do D&G, Natal-RN:

- (1) essa cirurgia que fiz ... **mas** tive seqüelas né ... fiquei com seqüelas como ... meus dentes ficaram num sei quantos anos ... caindo sozinho ... amolecia sozinho e caía ... é só sem ver de que caía e também tive que ... eu tava ... tinha seis anos né ... (narrativa de experiência pessoal, p.7 )
- (2) ...(carro passando)) aí ele veio no ... na ... na ... na ... na ((riso)) aí ele veio pediu ... pediu pra passar ... **aí** o motorista também tava muito melado né ... aí passou ... aí na ... na ... na ... **aí** o motorista não deixou passar ... aí ele cortou pela direita e trancou a gente e jogou todo mundo na BR ... (narrativa de experiência pessoal, p.6)
- (3) ... eu chamei umas duas colegas minhas pra mostrar a experiência que eu tinha achado fantástico ... **só que** ... eu achei o seguinte ... se o professor colocou um pouquinho ... foi aquele desfile ... imagine se eu colocasse mais ... peguei o mesmo béquero ... coloquei uma colher ... uma colher de cloreto de sódio ... foi um fogaréu tão grande ... foi uma explosão ... quebrou todo o material que estava exposto em cima da mesa ... (narrativa de experiência pessoal, p. 20)
- (4) talvez aqui na via costeira em Natal tenha um ar igual no inverno ... **mas** muito agradável o ar e uma imensa rajada de frio ... porque eu tinha ... eu pensava que tinha ido bem agasalhado ... que tinha levado os cober/ é ... os casacos certos ... a luva certa ... **mas** eu vi que meu casaco era insuficiente pra aquele frio ... ((riso)) **mas aí** eu tive que me agüentar até ... até Rio Grande porque eu num tinha ... num sabia comprar em Porto Alegre um casaco e num tinha ... (narrativa de experiência pessoal, p. 44)
- (5) ...ele enfrenta uma transformação muito grande **agora** ... vem enfrentando ... **agora** vai tá piorando e a gente vê aí os brasileiros ... os nordestinos ... os sertanejos ... ninguém abre os olhos ... tá todo mundo iludido ... todo mundo pensando em como se divertir ... todo mundo pensando em ter

amanhã o dia melhor ... mas num abre pra situação econômica ... que vai melhorar sua vida ... (relatos de opinião, p.36)

(6) tá todo mundo lá vidrado porque:: porque eles querem sonhar com a vida melhor ... **mas** eles só sonham ... **no entanto** ... querem receber aquilo ... não vê e pra abrir os olhos é difícil ... é preciso que haja alguém que invista mais na educação ... (relatos de opinião, p.37)

(7) ... toda relação tem dificuldades e elas devem ser superadas no convívio ... num acredito que ... o casamento ... que se resolva alguma coisa fugindo de um relacionamento ... é ... onde já existem é ... outras pessoas é ... personagem passar por quatro ... cinco pessoas ... (relatos de opinião, p.73)

Conforme se pode ver na amostra composta por ocorrências constantes no D&G, *corpus* eleito para dar suporte a esta investigação, a maioria dos conectores registrados nas ocorrências acima ainda não foram reconhecidos pela tradição como adversativos, haja vista que a gramática tradicional se espelha na língua escrita, em cujo contexto essas ocorrências não acontecem com muita frequência.

Como os objetivos da presente pesquisa dizem respeito, em termos mais gerais, à identificação do comportamento dos conectores que realizam a oposição no contexto da fala natalense, o trabalho limita-se a considerar como objeto de inquirição apenas as construções que trazem a marca do conector, muito embora se reconheça a importância e a realização da adversidade em enunciados que se realizam através de planos simplesmente justapostos, sem, portanto, trazerem conector algum.

Quanto à terminologia, adota-se, aqui, para os responsáveis pelos elos entre os *segmentos opostos*, ora o termo *conector*, ora *conectivo* ou *conjunção*, *item*, *unidade*, por se tratar de um trabalho inspirado na proposta funcionalista, mas que precisa revisitar alguns conceitos tradicionais.

Muitas indagações são frequentes em relação ao comportamento dos conectores adversativos, as quais serão apresentadas abaixo como questões que norteiam a operacionalização dos propósitos da análise:

### 1.1 QUESTÕES DA PESQUISA

Visando à averiguação das conexões que trazem a marca dos conectores adversativos em eventos contemplados pelo *corpus* D&G, da cidade do Natal-RN, a proposta de trabalho busca esclarecimento sobre as seguintes questões: (i) Que conectores atuam como adversativos no *corpus*? (ii) Quais os itens mais recorrentes evidenciados em situações de uso na modalidade de língua referida? (iii) Quais as categorias mais marcadas, as menos marcadas e conseqüentemente qual o prototípico da categoria em análise? (iv) De que forma se manifesta a iconicidade nas construções relacionais em foco? (v) As variáveis idade e escolaridade determinam a preferência por algumas das formas? (vi) Qual a trajetória de gramaticalização experimentada pelo item que receberá análise diferenciada?

Estabelecidas as questões que serão pertinentes para alcançar os resultados desta proposta, a análise pretende, também, apresentar os objetivos que conduzirão os destinos da pesquisa em tela.

## 1.2 OBJETIVOS

Em termos gerais, os objetivos perseguidos foram os seguintes:

- Analisar o comportamento dos conectores adversativos no universo D&G, aplicando-se os princípios do funcionalismo, com vistas a sugerir implicações específicas para o ensino da gramática.
- Identificar as diversas formas relacionais presentes nas construções adversativas do *corpus*.
- Averiguar quais os conectores de adversão que são mais recorrentes na fala do natalense.
- Averiguar se existem, funcionalmente, outros conectores, além dos já contemplados pela gramática dita tradicional, que realizam o papel da adversidade no contexto da fala de Natal.
- Investigar a perspectiva de gramaticalização de alguns itens mais recorrentes, mediante análises diacrônicas.
- Sugerir implicações dessa descrição funcionalista dos conectores para o ensino da gramática nas escolas do ensino fundamental e médio.

Definidos os objetivos, apresentam-se as conjecturas que conduzirão os destinos da análise.

### 1.3 HIPÓTESES

*A priori*, acredita-se na hipótese básica de que existem outros conectores responsáveis pela realização da adversidade na fala do natalense, além dos reconhecidos pelos estudos tradicionais.

Espera-se que esses itens adversativos que circulam na fala do natalense já venham se cristalizando, e alguns deles já estejam em adiantado processo de gramaticalização.

Pressupõe-se que os artigos de opinião e as narrativas de experiência pessoal sejam os tipos discursivos que se apresentam no *corpus* Discurso e Gramática (D&G) com mais possibilidade de apresentar orações contrastivas.

Nos relatos de opinião, possivelmente, os interlocutores, no momento interativo, sentem-se mais livres para opinar, esclarecer, argumentar e até discordar daquilo que flui do pensamento entre falante e ouvinte, levando-se à crença de que o contexto é propício ao aparecimento de segmentos que se opõem discursivamente.

Com relação às narrativas de experiência pessoal, acredita-se que, ao contar os fatos, o ouvinte se sinta impelido a fazer comentários de expectativas geradas pelo ato discursivo, gerando a pressuposição de que este tipo de discurso constitui também contexto atrativo para as orações de contra-expectativa.

Outro pressuposto é que algumas conjunções mais recorrentes possam experimentar exercer outras funções na dinâmica interativa da língua, constatando o seu caráter de multifuncionalidade.

Hipotetiza-se, ainda, que haja uma ordem icônica que parte da informação básica para a informação adversativa, a qual não é definida pelos conectores, mas emerge da pressão da ordem social que não se exime das influências de fatores cognitivos e culturais, quando da organização do fluxo do pensamento.

Quanto aos princípios do funcionalismo, baseando-se nos critérios de Givón (1995), pressupõe-se que, neste estudo, o conector *mas* será o menos marcado<sup>2</sup>,

<sup>2</sup> Nos termos de Givón (1995), considera-se o item menos marcado aquele que é mais freqüente no discurso e mais marcado o item que é menos freqüente. Outros critérios relacionados à complexidade estrutural e cognitiva dos itens também são considerados.

acreditando-se, por isso, que será também o prototípico da categoria no contexto relacionado, visto que é o conector mais recorrente no discurso. Pesquisas como a de Silva (2005) comprovam a prototipicidade do item em contextos da língua escrita.

#### **1.4 JUSTIFICATIVA**

A opção por trabalhar as adversativas se prende ao fato de que estudos já comprovam contrapontos visíveis em relação ao tratamento apresentado pelos gramáticos tradicionais e ao uso dos itens responsáveis pela materialização da oposição na língua.

Acredita-se que o estudo em pauta poderá contribuir para orientar outras propostas mais viáveis de ensino da língua e suas categorias, uma vez confirmado em pesquisas anteriores que as línguas são passíveis de inovações.

Destarte, já é perceptível que o estudo da gramática de nossa língua necessita de uma reformatação. Acredita-se que se deve partir da análise do comportamento sintático-semântico da fala nos seus contextos diversos, para daí se sugerir intervenções didáticas para o ensino da língua nas escolas de Ensino Fundamental e Médio.

Necessário se faz eleger esses itens (*mas, e, aí, agora, só que, no entanto e já*) para pesquisa, porquanto atuam nos processos coesivos, mantêm e retomam a progressão textual. Como dizem Mussalim e Bentes (2001, p. 286) “o estudo desses processos têm recebido especial atenção no contexto atual da lingüística”.

A decisão por trabalhar as adversativas e não as concessivas se deve à observação de que estudos também comprovam o uso abundante daquelas em contextos relacionais de oposição em detrimento das concessivas.

Com relação à escolha do Funcionalismo como base teórica para conduzir esta reflexão, acredita-se que o modelo dá margens para analisar outras possibilidades de descrição do processamento interativo entre os utentes da língua. No que diz respeito aos conectores, postula-se que o trabalho permite averiguar como operam esses itens relacionais em situações interacionais, atividade produtiva para as pesquisas atuais que envolvem a linguagem.

##### **1.4.1 A língua falada e suas motivações**

A escolha de recortes da língua oral acontece porquanto os estudos na modalidade oral os apontam como fontes relevantes para uma análise circunstanciada de mecanismos sintáticos que envolvem a língua e suas variações de uso.

Na visão de Du Bois (2003), a riqueza de informação está o mais inteiramente possível no discurso falado espontâneo. Em tudo, a língua falada e, especificamente, a conversação, permanecem mais perto da incorporação viva da língua.

E, ainda, acrescenta: “Se nós procuramos entender o sistema da gramática, e se as gramáticas codificarem melhor o que os falantes fazem mais uso, então é à língua falada que nós devemos dedicar nossas atenções mais cuidadosas” (p. 49).

Para Castilho (2005), as análises da língua falada acionam mecanismos de simultaneidade, de modo que, ao produzir a fala, verbalizam-se reflexões sobre o que se produz no ato do discurso.

É válido citar que, no nível do descritivo, Castilho (2005, p. 60) também credita valor à língua na modalidade oral, e dá conta das revelações desse modo de produção de linguagem: “[...] a gramática oral é muito mais complexa, muito mais rica do que a gramática da língua escrita, na qual todos esses elementos de constituição do discurso ficam filtrados, muito diluídos, e de difícil percepção”.

Comentando sobre o desconhecimento que se tem do valor da língua falada e sobre os desafios para a Lingüística do Século XXI, Castilho (2005, p. 61), assim declarou:

Temos muito o que aprender com as análises que foram feitas da língua falada. Isso eu diria que é uma das perspectivas para outro século. Mas a perspectiva mais succulenta é de exploração das categorias cognitivas, do modo como elas se gramaticalizam na língua.

Nessa perspectiva, pois, o que se espera nos meios científicos é que muitos trabalhos envolvendo a língua oral sejam realizados, a fim de que se aprenda a analisar todas as possibilidades de interpretação subjacentes à constituição da língua falada e dela se possam tirar conclusões proveitosas.

É sabido que, no momento da fala, os interlocutores se utilizam de recursos extralingüísticos como gestos, mímicas, tom de voz e outros, cujas manifestações são da própria estrutura corporal. A língua escrita se mostra impermeável a tais recursos.



Dessa forma, influencia-se este estudo, também, pela visão de Castilho (2005), visto que, além de considerar frutíferos os trabalhos com a língua oral, considera frutíferas as análises que contemplam a gramaticalização de itens cognitivos, ou seja, de itens responsáveis pela organização da coerência do discurso.

Por isso, motiva-se, cogita-se e decide-se averiguar o comportamento dos conectores adversativos na comunidade de fala do Natal-RN, dentro da perspectiva funcionalista, e num *corpus* de língua oral, pois, como propõe Givón (1995), a comunicação oral espontânea é considerada o meio mais revelador de língua para os funcionalistas.

### 1.5 PROCEDIMENTOS E PASSOS METODOLÓGICOS

A pesquisa se insere num modelo caracterizado como descritivo-analítico, com a finalidade de analisar o comportamento dos conectores adversativos presentes na fala do natalense.

Para tanto, elege-se o *corpus* Discurso e Gramática - língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998), tratado aqui como D&G.

Críticas à pesquisa que elege os *corpora* para estudo têm surgido, e entre as alegações constam a reificação da linguagem (BAKHTIN, 1995) ou que “os dados não resultam de introspecção de um participante de interação, mas sim de um observador de fora” (HENRY WIDDOWSON, 2000, p. 6 apud ROTH, 2006, p. 152).

Entretanto, percebendo que o *corpus* utilizado é bem monitorado e atende aos objetivos definidos pela pesquisa em pauta, não se considera problema utilizá-lo para análise.

Os passos da pesquisa serão os seguintes: a primeira fase da investigação consistiu na leitura do *corpus* escolhido para servir de fonte de localização de dados que trazem a marca da adversidade entre seus enunciados (D&G de Natal), para então localizar essas ocorrências, destacá-las e agrupá-las, consonante suas características funcionais.

Como a análise busca descobrir a frequência ou fator de recorrência de alguns adversativos, acreditando ser esse um dos fatores importantes para se verificar a instauração de regularidade. Em ação posterior, foi feita a quantificação

dos itens adversativos revelados pelos dados, os quais, depois de percentualizados, serão expostos através de tabelas.

Os itens que se revelaram como representantes da adversidade no contexto natalense foram analisados sob um prisma geral, numa análise cujo âmbito circunda desde a origem dos termos buscada em referências latinas e dicionários etimológicos até a temporalidade atual, ratificada por ocorrências apresentadas pelo D&G.

Já que, por questões de escopo da pesquisa, não se pode dedicar atenção total a todos os conectores, num outro estágio, observou-se quais os itens mais recorrentes, para, dentre eles, escolher aquele que receberia uma análise mais refinada. Entre os mais recorrentes, alguns descartes e cuidados foram necessários, com base em critérios específicos para se escolher o item que foi menos trabalhado no contexto da pesquisa natalense:

- 1º critério: verificar os quatro itens adversativos mais recorrentes no *corpus*.
- 2º critério: entre os mais freqüentes, escolher dois itens ainda não reconhecidos pelas gramáticas tradicionais como adversativos.
- 3º critério: entre os dois eleitos, selecionar aquele que não foi objeto de estudo recente dentro das pesquisas do Programa de Pós- Graduação do PPgEL-UFRN.<sup>3</sup>

Na seqüência, foram aplicados os princípios do Funcionalismo às construções adversativas, a fim de conferir o (meta)-princípio da iconicidade e o da marcação, e daí, averiguar qual o adversativo prototípico no contexto alvo da pesquisa. Em ato contínuo, verificou-se se os fatores tipos discursivos e idade/escolaridade apontam preferência pelo uso de algum conector.

É preocupação desta pesquisa conferir se há uma ordem icônica utilizada pelos utentes, incluindo fatores como preferência por posição estrutural, tempo e modo verbais.

---

<sup>3</sup> Trabalhos como o de Tavares (2003) e Silva (2005), os quais tratam de conectores, não foram defendidos no PPgEL, mas são de autoria de professores que atuam ou atuaram na área do programa (PPgEL), defendendo seus projetos relacionados aos conectores que atuam na seqüenciação (e, aí, daí, então ) e na área da oposição (mas, porém, embora e mesmo). Ainda, existe o trabalho de Confessor (2008): Aí marcador de especificidade de SN indefinidos: um estudo funcionalista com implicações para o ensino, defendido no próprio PPgEL.

Os itens adversativos receberam um tratamento de análise numa revelação que mostra desde a sua origem etimológica, calcada em dicionários e outras referências, bem como as funções e subfunções que assumem ou assumiram ao longo do trajeto existencial, como, aliás, segundo os funcionalistas, deve ser uma abordagem da língua em função.

Num estágio posterior, analisou-se o item adversativo *agora*, eleito para análise minuciosa, o qual, além de observado em sua trajetória de gramaticalização, recebeu um tratamento comparativo com o item prototípico, a fim de se averiguar com que traços ou propriedades da oposição (adversidade) ele se identifica.

Por fim, encaminha-se para os resultados, as retomadas e as sugestões de implicações para o ensino.

### **1.5.1 O corpus**

O *corpus* eleito para esta pesquisa (D&G) nasceu de um projeto organizado pelo grupo de estudos Discurso & Gramática do Departamento de Lingüística e Filologia da Faculdade de Letras da UFRJ e UFF. Para tal realização, os membros do grupo organizaram amostras de língua falada e escrita através de informantes de cinco cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Niterói, Natal, Rio Grande e Juiz de Fora. Porém, este trabalho se restringe à amostra da cidade de Natal, doravante D&G, ou D&G de Natal.

O D&G de Natal é constituído por vinte depoimentos de informantes de diversos graus de escolaridade. Ciente da finalidade da coleta, cada um dos cinco entrevistados produziu cinco tipos de textos distintos, nas modalidades escrita e falada, totalizando duzentos registros.

Dentre eles, opta-se, aqui, por analisar recortes que trazem as marcas dos conectores adversativos de amostra representativa dos “relatos de opinião” e das

“narrativas de experiência pessoal”<sup>4</sup> na modalidade de língua falada, crendo que os tipos discursivos são os mais férteis para o tratamento da adversidade.<sup>5</sup>

“O *corpus* é considerado de confiabilidade e fonte singular de dados no contexto dos *corpora* disponíveis sobre o português do Brasil”, conforme opina Votre (2004, p.17), em relação à amostra da cidade do Rio de Janeiro.

Dessa forma, pode-se caracterizar, também, o *corpus* de Natal, tendo em vista que os procedimentos aplicados para monitoramento das entrevistas foram semelhantes para todo o trabalho do D&G.

Votre (2004) justifica que o *corpus* é fonte de dados singulares, pela variedade de tipos discursivos, pela comparabilidade, pela relevância e pelas faixas de escolaridade.

É visível, ainda, no D&G de Natal, toda essa caracterização. Primeiro, a variedade de tipos textuais nas produções de informantes é fato notório, uma vez que cada um recebeu a incumbência de produzir cinco tipos de textos; narrativa de experiência pessoal; narrativa recontada; descrição de local; relato de procedimento e relato de opinião.

Segundo, a comparabilidade é garantida, porquanto os mesmos informantes que produziram textos orais produziram textos escritos também, para, então, possibilitarem-se análises comparativas das duas modalidades da língua.

Revela-se, ademais, um *corpus* relevante para as pesquisas que envolvem a língua em situação de uso, visto que, em sua introdução, os organizadores comprovam como os dados são bem estruturados. Em primeiro lugar, houve o treinamento dos bolsistas envolvidos nas atividades, discussão de procedimentos de coleta, além de outras instruções necessárias, tudo com o propósito de garantir uma condição de comunicação mais próxima de uma situação real.

Dessa maneira, cada informante, consciente da finalidade da coleta, deveria: identificar-se apenas pelo primeiro nome para garantir o anonimato; ser orientado a respeito dos temas e questões a serem tratadas; estar ciente do tipo de texto a ser

---

<sup>4</sup> Nos relatos de opinião, possivelmente, os interlocutores, no momento interativo, sentem-se mais livres para opinar, esclarecer, argumentar e até discordar daquilo que flui do pensamento entre falante e ouvinte, levando-se à crença de que o contexto é propício ao aparecimento de segmentos que se opõem discursivamente. Com relação às narrativas de experiência pessoal, acredita-se que, ao contar os fatos, o ouvinte se sinta impelido a fazer comentários de expectativas geradas pelo ato discursivo, gerando a pressuposição de que este tipo de discurso constitui também contexto atrativo para as orações de contra-expectativa.

<sup>5</sup> Os termos adversidade e adversão são usados no texto para expressar as relações contrastivas que de alguma forma se opõem no fluxo discursivo.

coletado, além de garantir a presença no momento da gravação das entrevistas para monitorar a originalidade dos depoimentos.

No que diz respeito ao grau de escolaridade, os falantes selecionados pelo grupo de estudos abrangem desde a alfabetização até o último ano do terceiro grau. O grau de escolaridade é controlado pela variável idade, acreditando que há uma correlação estreita entre idade e escolaridade.

É de bom grado, considerar, ainda, as palavras de Votre (2004, p.18) ao dar destaque ao D&G do Rio de Janeiro, declarando que

foi organizado com preocupação predominante em registrar aspectos relevantes da sintaxe e da semântica da língua, manifestados pelo uso de reticências, transcrição cuidadosa de recomeços, falsos começos, hesitações e gaguejos.

Essa organização também alcança o D&G de Natal, ora em análise, porém se percebe que, apesar de os organizadores terem tido a preocupação em registrar esses recursos típicos da língua falada, na forma como ele se apresenta, não há uma ênfase monitorada dos recursos prosódicos. O controle de alongamentos de vogais não permite o registro das várias possibilidades de duração, intensidade e altura (VOTRE, 2004).

A propósito dos recursos prosódicos supramencionados, uma vez que esta pesquisa se debruça sobre dados da língua oral, vale registrar para efeitos de clareza das análises de ocorrências do *corpus*, as seguintes normas de transcrição, publicadas no D&G, em consonância com o Projeto NURC-SP, a seguir transposto com adaptações:

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )
Hipótese do que ouviu	(hipótese)
Truncamento de sílaba e/ou quebra de seqüência	/
Qualquer tipo de pausa, substituindo todos os sinais específicos da língua escrita que desempenham tal função: ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos e vírgula.	...
Interrogação	?
Qualquer alongamento	::

Comentário do transcritor	((minúsculas))
Discurso direto	“ ”
Superposição, simultaneidade de vozes	[texto]
Números	por extenso
Nomes comuns estrangeiros	Itálico
Onomatopéia e siglas	caixa alta
Nomes próprios	iniciais maiúsculas
Nomes de profissão, cursos em geral	minúsculas

**Quadro (1)** Síntese das normas de transcrição

De acordo com os fins que nortearam o trabalho do D&G, considera-se que o *corpus* é apropriado para analisar o comportamento de algumas formas em situações reais de uso da língua.

Por isso, optou-se por se trabalhar os adversativos na fala do natalense. O *corpus*, ora escolhido, favorece o trabalho com o que se processa através do uso nas construções interativas e a sua natureza autoriza o contato com contextos reais de ocorrência, fato que o aponta como propício para uma reflexão multifuncional das construções arroladas como objeto de estudo.

### 1.5.2 Os tipos discursivos

Marcuschi (2008) defende a tese de que é impossível não se comunicar por algum gênero, assim como considera impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Nesse âmbito, a comunicação se realiza através de algum gênero, cujo conceito se constrói na própria interação comunicativa.

Ao interagir no mundo social, promove-se uma organização interna do gênero, que por sua vez, não existe de forma isolada. Depende de fatores ligados ao texto em funcionamento.

Considerando que há uma relação estreita entre gênero e tipo discursivo, porém o reconhecimento de um não anula o efeito do outro, optou-se pelo uso da terminologia tipos discursivos para enquadrar as narrativas de experiência pessoal e os relatos de opinião, devido à compreensão de que os textos da amostra se caracterizam como seqüências lingüísticas que podem operar em muitos tipos de gêneros.

Marcuschi (2008) acredita que os tipos textuais abrangem cinco categorias conhecidas como narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. São, por isso, modos textuais. Os gêneros textuais referem-se a textos materializados em situações comunicativas recorrentes e constituem listagens abertas<sup>6</sup>.

Assim sendo, o pensamento marcuschiano indica que os textos aqui analisados são vistos predominantemente como modos textuais, por isso, o mais sensato será considerá-los tipos textuais ou discursivos. Vejam-se os tipos discursivos:

- i) Narrativas de experiência pessoal – estruturam-se pela ação do informante ao contar um ou mais fatos que se passaram em certo lugar, e em um determinado tempo, com participação de personagens.

Martelotta (1988, p. 53) considera que, nesse tipo de discurso, é possível encontrar-se um alto índice de contrastivas, visto que:

Essas cláusulas estão mais ligadas a comentários do falante em relação aos fatos narrados, suas crenças referentes às expectativas do ouvinte em relação a esses fatos ou mesmo a processos de organização discursiva das informações da narrativa.

- ii) Relatos de opinião – discurso em que o falante manifesta sua opinião a respeito de determinado tema. Esse tipo de discurso, geralmente, é apresentado com predominância de verbos no presente.

De acordo com Martelotta (1988, p. 53), esse tipo de discurso leva “o falante a explicar ou argumentar mais sua opinião, já que ele interage com o ouvinte, que avaliará seus argumentos, podendo inclusive discordar deles”.

---

<sup>6</sup> Segundo Marcuschi (2008), seriam exemplos de gêneros textuais: telefonema, sermão, carta comercial, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso (...) entre outros.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO: FUNCIONALISMO LINGÜÍSTICO

### 2.1 INTRODUÇÃO

Este capítulo tem como intuito apresentar algumas postulações úteis à explicação do comportamento dos conectores adversativos na fala do Natal-RN. Como o objetivo da investigação visa, de alguma forma, a desvendar o movimento que caracteriza os processos de mudanças semânticas e sintáticas realizadas por algumas dessas formas adversativas, contornados pela língua viva, procura-se amparo no arcabouço do Funcionalismo Lingüístico.

Dessa maneira, discute-se, a seguir, a tela que perfila a corrente teórica citada, dando ênfase aos aspectos que a influenciaram, concepção de gramática funcional e os princípios importantes a uma feição de ordem funcionalista.

### 2.2 FUNCIONALISMO

O Funcionalismo Lingüístico ganhou forças, no fim da década de 70, como um movimento radical norte-americano, defendido por Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, os quais advogavam uma lingüística baseada no uso, fundamentados pela tendência em observar a língua no âmbito contextual e da situação extralingüística.

Nos anos 90, ele se redimensionou. A ênfase começou a se concentrar na ação interativa dos usuários, de modo que, em uma abordagem funcionalista de qualquer natureza, o objeto de estudo é sempre a língua em situação comunicativa.

Conforme Castilho (2002, p. 6), a concepção funcionalista considera a “língua como um instrumento de interação social, cujo correlato psicológico é a competência comunicativa, isto é, a capacidade de manter a interação por meio da língua. (...) A pragmática é o marco globalizador, dentro do qual se deve estudar a semântica e a sintaxe”.

Segundo Barreto (1999), a abordagem funcional significa, primeiramente, a investigação de como a língua é usada, para que objetivos ela nos serve e de que meios dispomos para atingir seus objetivos.

Essas concepções mostram que o funcionalismo não pode se abrigar sobre um único rótulo, visto que a teoria mescla-se com outras vertentes do pensamento,



tornando impossível se definir um conceito unificado para o termo, que se aplique às várias versões.

Na verdade, as várias versões desse campo de pesquisa recebem o nome dos seus proponentes: Givón, Hopper, Heine, Dik, Halliday, entre outros.

Nichols (1984, apud NEVES, 1997, p. 59), verificando o nível de evolução gradual do termo funcionalismo, rotula-o de funcionalismo conservador, moderado e extremado.

Os conservadores se limitam a apenas apontarem as inadequações dos modelos formalistas; os moderados reconhecem a inadequação dos modelos formalistas, porém consideram importante a análise da estrutura da língua (DIK, 1989; HALLIDAY 1961, 1968, 1973; e GIVÓN 1984, 1990); os extremados negam a estrutura da língua e consideram as regras dependentes das funções a que servem no discurso (THOMPSON, 1987; HOPPER, 1987).

O fulcro desta investigação é o paradigma givoniano. De acordo com Givón (1998, p. 41), a codificação humana da língua combina um número de módulos distintos, os quais podem ser baseados em componentes do desenvolvimento adaptativo, relacionados aos processos comunicativos e cognitivos. Dessa maneira, comprova-se o caráter adaptativo das estruturas lingüísticas às circunstâncias discursivas. Por sua vez, entrelaçam-se aspectos culturais e cognitivos do ato da produção lingüística.

Considerando essa perspectiva, são pertinentes à teoria o estudo reflexivo das evoluções, mudanças, deslizamentos, as múltiplas funções e outros processos experimentados pelas categorias mais recorrentes que servem à linguagem.

O espírito da lingüística funcional norte-americana está, sobretudo, presente na refutação proposta por Givón (1995), no que ele caracteriza como os três dogmas da Lingüística estrutural:

- A arbitrariedade do signo lingüístico x iconicidade
- Idealização entre *langue* e *parole* x estudo descritivo da língua
- Separação diacronia/sincronia x pancronia

Baseando-se nestes dogmas, Givón (1995) entende que a arbitrariedade do signo lingüístico, defendida por Saussure, refere-se apenas à codificação das palavras. A orientação defendida e aceita pelos funcionalistas é a iconicidade. Apostam no princípio de que há motivação entre forma lingüística e seu significado.

Entretanto, a língua real exhibe, em algumas situações, casos em que não há relação de transparência entre forma e conteúdo, se essas formas forem tomadas sincronicamente. Destarte, pode-se dizer que a correlação acontece entre uma forma e várias funções ou entre uma função e várias formas.

Outro dogma refutado por Givón é a distinção entre *langue* e *parole*. Para Saussure, importavam apenas os fatos relativos à *langue* (língua), desprezando os atos relativos à fala. Aludindo aos funcionalistas, precisa-se dar um novo relevo ao discurso individual, encarado como nível gerador do sistema lingüístico e definido como um corpo em constante transformação.

Para Givón (2001), é durante a *performance* que as pressões funcionais adaptativas responsáveis pelas molduras da estrutura sincrônica (idealizada) se manifestam. Nela, a língua é adquirida e a gramática assume o formato de emergente e maleável. Nela, também, as formas se ajustam, criativamente, em função do contexto, para novas funções e significados 'estendidos'.

Com relação ao terceiro dogma, a dicotomia sincronia/diacronia compreendida como dois eixos separáveis, restritos a seus domínios específicos, deixa de ser considerada. Mediante as pesquisas de gramaticalização, percebe-se que, ao lado dos fenômenos que mudam com o tempo, devem-se considerar os aspectos que parecem manter-se no curso trajetorial de categorias das línguas. De um lado, percebe-se a seqüência de mudanças ocorridas no tempo, e de outro, a coexistência de um conjunto de polissemias (MARTELOTTA; ÁREAS, 2003).

Trabalhos de Traugott e Heine (1991); Hopper e Traugott (1993) atestam que os mecanismos que geram as mudanças na língua dependem de fatores comunicativos e cognitivos do ato discursivo. Dessa forma, pode-se considerar que o funcionalismo adote o pancronismo.

Adotar uma perspectiva de análise do ponto de vista pancrônico é reconhecer que uma análise deve partir da investigação histórica do percurso discursivo, pelo qual passa uma forma, para em conseqüência entendê-la numa determinada sincronia.

O enaltecimento das abordagens de cunho pancrônico pelos funcionalistas vem ganhando espaço, uma vez que se percebe o caráter mutável da língua. Outra percepção bastante comum é de que as formas, apesar de enveredarem por funcionalidades diversas, carregam vestígios de seus significados-fontes quando postos à mercê do uso.

Furtado da Cunha, Oliveira e Votre (1999, p. 4) apontam algumas razões que tornam a abordagem diacrônica desejável:

- Aumenta o poder explanatório da teoria lingüística; revela mais claramente os fatores cognitivos e comunicativos subjacentes ao significado gramatical à proporção que ocorre a mudança;
- a língua não apresenta significados estáveis, em decorrência de seu caráter mutável;
- as generalizações são mais efetivas, considerando-se as suas fases de desenvolvimento do que em um estado sincrônico;
- a diacronia parece ser a responsável por explicações e esclarecimentos mais reveladores sobre as relações cognitivas emanadas de suas formas e significados.

Para entender melhor os contornos gerais do conceito do funcionalismo, pode-se recorrer às premissas de Givón (1995, p.9), as quais resumem e caracterizam a corrente que guia o estudo:

- A língua é uma atividade sócio-cultural;
- a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
- a estrutura é não arbitrária, motivada, icônica;
- a mudança e a variação estão sempre presentes;
- as categorias não são discretas;
- a estrutura é não rígida, maleável;
- o significado é dependente do contexto;
- as gramáticas são categorias emergentes e
- regras gramaticais permitem flexibilidades.

### **2.2.1 gramática funcional**

A gramática da perspectiva funcional é considerada “um conjunto de formas, padrões e práticas que surgem para servir às funções que os falantes necessitam desempenhar com mais frequência” (FORD; FOX; THOMPSON, 2003, p.122).

Essa concepção relaciona a estrutura flexível da gramática a um formato advindo das situações vivenciadas pelos seres humanos através de suas experiências cognitivas, no processo interativo da língua.

A gramática é, dessa forma, sensível às pressões do uso e, por isso, passa por constantes modificações.

Nessa concepção, o estudo é de base semântico-pragmática, de modo que, numa abordagem funcionalista, devem-se acionar os esquemas conceituais com base em componentes cognitivos, os quais se fixam na língua pela ação de recorrência dos usuários.

De acordo com Hopper (1998), a gramática de uma língua não consiste de um sistema definido, mas antes de uma coleção aberta e sem fim, de forma que está constantemente se reestruturando e adquirindo outras acepções semânticas e outras estruturas sintáticas durante o uso.

Thompson (1991 apud HOPPER, 1998, p.161) disse o seguinte: “Quando um ato é aceito pelas pessoas, então é usado, praticado várias vezes, e essa ação interagida e multiplicada torna-se um costume e assim continua na mente das pessoas sem interrupção e torna-se lei.”

Desse modo, constrói-se a concepção funcional de gramática como um sistema de regularidades aberto a mudanças provindas da ação e interação dos homens, sujeito às pressões lingüísticas e extralingüísticas do ato comunicativo. Para se fixar na língua, esse sistema dependerá da frequência do uso.

Como os atos de comunicação emergem no tempo, a gramática em situação emergente existe no tempo. Suas formas são matérias usadas antes e novamente em cada ocasião de uso em diferentes contextos e com sentidos diferentes. Essas formas “estão sujeitas aos caprichos da memória, do cansaço ou à ausência do reforço dos interlocutores. As regularidades emergentes são agregações, são sedimentos de frequência” (HOPPER, 1998, p. 161).

Na concepção de Givón (2001), o papel da gramática no processamento da informação humana é de representação e comunicação do conhecimento. A comunicação acontece através dos dois subsistemas que envolvem os níveis de representação: cognitivo e comunicativo.

Nessa perspectiva, a questão da formatação do significado é concretizada através da combinação de conceitos (*palavras*) em informação proposicional, as quais combinadas e conectadas dão origem ao discurso. Por isso, é imprescindível,

para o conhecimento da língua, a análise dos aspectos cognitivos e socioculturais que se manifestam na interação verbal, envolvendo aquisição, evolução, deslizamentos, variações e mudanças, fatores que, por ação recorrente do uso humano, contribuem para criar as regularidades da língua e atestar a não autonomia da gramática, numa preparação para se instaurar o processo da gramaticalização.

Configura-se, dessa forma, a noção de gramática emergente (HOPPER, 1987), aqui considerada para explicar a trajetória evolutiva de gramaticalização dos adversativos em estudo, na oralidade.

As noções de gramática funcionalista (emergente) serão valiosas para este estudo. A seguir serão discutidos alguns dos princípios da teoria base já mencionada, que lhe são fundamentais, e serão preciosos também para explicar o movimento comportamental dos adversativos. Dentre eles, citam-se o princípio da iconicidade, o princípio da marcação, a teoria dos protótipos e a gramaticalização.

## **2.2.2. Princípios do Funcionalismo**

### **2.2.2.1 Iconicidade**

É a iconicidade o ponto de referência do paradigma da lingüística funcional, principalmente no que se refere às orientações givonianas. O interesse pelo termo ressurgiu nos anos 80, inspirado nos trabalhos de Pierce.

Entende-se por iconicidade o emparelhamento entre a forma e seu conteúdo, de modo que dessa relação subjaz um princípio motivador.

Nos termos de Bolinger (1977): “a condição natural de uma língua é preservar uma forma para um significado e um significado para uma forma”. Essa formulação clássica, rotulada de versão forte, prevê uma conexão não arbitrária, numa relação de um-para-um, entre a forma e a função. No entanto, Givón observa que a iconicidade da gramática não é absoluta, como de fato se percebe, porque algumas formas sofrem as pressões diacrônicas ocasionadas pelas corrosões e desbotamentos, os quais obscurecem o sentido original. Assim, as codificações não são 100% icônicas e, para Givón (2001), a crença no absolutismo icônico é considerada idealista e ingênua.

Tavares (2003) assim pensa sobre a iconicidade:

o que une as diversas teorias funcionalistas é a aceitação, em maior ou menor grau, de uma (meta) princípio denominado iconicidade, segundo a qual as estruturas lingüísticas tendem a refletir e a serem pressionadas por funções. Se algo é posto em uso, o é por conta de alguma função- as formas desempenham papéis no discurso, fato que está subjacente à organização gramatical. A iconicidade não implica, porém a existência de correspondências biunívocas e não arbitrárias do tipo representado pela fórmula 1:1 (isto é, para cada forma há uma função ou um significado). Formas e funções estão sempre em mobilidade, havendo geralmente mais de uma forma para cada função e mais de uma função para cada forma. A iconicidade que caracteriza a língua reside no fato de que as formas são usadas sob influência de um conjunto de motivações funcionais.

Está com a razão Votre (1996), quando propaga a idéia de que os humanos agem de forma intencional em termos lingüísticos, embora nem sempre possamos ter força de precisão para abstrair a intenção de cada ato verbal.

Como ele próprio afirma, “na língua, nada é por acaso”. Entretanto, ao sabor da elaboração criativa do homem, movida pelas pressões de ordem estrutural e funcional surgem implicações que geram, às vezes, ambigüidades: uma forma para várias funções e várias formas para uma função.

Givón (1990) defende alguns subprincípios regentes da iconicidade no nível brando: o da quantidade, o da proximidade e o da ordenação linear.

Pelo princípio da quantidade, há uma proporcionalidade entre o tamanho do texto e a quantidade de informações por ele veiculadas, de modo que uma porção maior de informação terá direito à porção maior de codificação, assim como a informação menos previsível e a mais importante receberá mais material de codificação. Em outras palavras, a complexidade do pensamento tende a refletir na complexidade da expressão.

O subprincípio da proximidade prevê que os conteúdos mais próximos cognitivamente são mantidos em proximidade espaço-temporal (GIVÓN, 2001).

No que toca ao subprincípio da ordenação linear, ele atua na tendência a ordenar os vocábulos, conforme a ordem da temporalidade que os fatos vivenciam na realidade extralingüística.

### **2.2.2.2 Marcação**

Princípio que condiciona uma relação por oposição binária ou eneária entre um termo (marcado) e outro (não marcado) ou entre termos marcados e não-marcados de categorias lingüísticas. Os itens marcados são os menos freqüentes.

Para estabelecer o princípio, Givón (1995, 2001) observa a distinção binária ou eneária -“um membro do par/dos pares tem presença de uma propriedade e o outro tem ausência”, e apresenta três critérios de análise das categorias marcadas e não marcadas: complexidade estrutural, distribuição de freqüência e complexidade cognitiva.

- a) complexidade estrutural: geralmente a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não marcada correspondente;
- b) distribuição de freqüência: as construções mais marcadas tendem a ser menos freqüentes no texto do que os seus pares;
- c) complexidade cognitiva: as construções ou estruturas marcadas tendem a ser mais complexas, do ponto de vista cognitivo, do que as não-marcadas que a elas correspondem.

Esse princípio será útil para explicar as mudanças e estabilizações da língua em uso, especificamente, para explicar as regularizações assumidas por alguns itens que experimentam representar o papel da adversidade na fala do natalense.

### **2.2.2.3 A Teoria dos Protótipos**

A categorização clássica, baseada em Aristóteles e a categorização natural, baseada em Wittgenstein, são as duas formas de categorização lingüística. A categorização clássica considera que as classes gramaticais são discretas sem possibilidades de gradações, conforme prega a gramática tradicional.

A teoria dos protótipos se espelhou em Wittgenstein para explicar que o significado é profundamente dependente do contexto que, pela característica da não discretude, envolve-se em um *continuum* gradual de categorização.

Givón (1986) apresenta uma proposta de uma solução híbrida para conectar as duas categorias, o que ele denominou de teoria dos protótipos, segundo a qual, são prototípicos os itens de uma determinada categoria que compartilham os traços ou propriedades dessa categoria. Os itens que compartilham um maior e menor número de traços apresentam diferentes graus de prototipicidade.

O enfoque clássico da categorização se diferencia da teoria dos protótipos porquanto essa reemprega a noção de traço ou componente pela de atributo. A preferência pelo atributo encontra justificativa em Taylor (1995), para quem os

atributos são menos abstratos, não binários, funcionais ou interacionais, culturais e algumas vezes “acidentais” (Aristóteles), além de não serem únicos para caracterizar o elemento.

Por esta percepção, tanto as classes morfológicas como as categorias sintáticas não apresentam fronteiras nítidas entre os limites que as separam umas das outras. A teoria postula que o membro ostentador do maior número de propriedades recorrentes para bem representar uma categoria é considerado o protótipo.

À proporção que uma forma se afasta do núcleo prototípico, ela tende a assumir outras funções. Desse modo, o critério que determina a classificação de um item, forma ou construção, depende da relação de aproximação ou distância do protótipo-base.

Os resultados das pesquisas apontam que, apesar de as línguas apresentarem uma variedade de cores, evidências experimentais determinam que existam cores focais<sup>7</sup>. Essas representam melhor a categoria. É a base para a generalização da categoria completa. Assim, a existência das demais categorias de cores do *continuum* centro-periferia é determinada por fatores biológicos e cognitivos.

De alguma maneira, a teoria dos protótipos encontrou inspiração na teoria das cores, visto que, em verdade, o processo de categorização das formas obedece a um *continuum*, dado o processo evolutivo da língua, e destarte, o ideal será mesmo considerar as categorias como focais. Muito embora alguns autores asseverem que não se pode sustentar que as categorias se estruturam em torno de um centro cognitivo até que os falantes julguem a sua aplicação e as institucionalize.

É perceptível que os atributos se ordenam dentro de uma categoria com diferenças de graus, os quais são reflexos das projeções cognitivas. Os membros que se localizam próximos ao centro serão os prototípicos e os que se localizam distantes do centro são periféricos, portanto, mais passíveis de pertencer a outra classe gramatical.

---

<sup>7</sup> A teoria das cores básicas é um argumento que sustenta a noção de protótipos. Estudos de Berlin e Kay (1969) revelam que a língua possui um inventário de onze cores focais (nível básico), de base cognitivo-perceptual. O *continuum* da cor é representado por unidades focais, ou seja, pela nuance que melhor representa a categoria. Dessa forma, existe a cor que melhor representa a cor vermelha, a cor verde, etc.



A teoria em foco apresenta, dessa forma, uma metodologia alternativa para a categorização das formas em estudo, uma vez que considera relevantes as visões do mundo absorvidas pelos falantes, através da realidade.

Em relação ao estudo das conjunções, vale citar a afirmação de Barreto (1999, p. 66), também considerada por Silva (2005), quando diz que

pode-se afirmar não haver uma separação nítida entre conjunções coordenativas e subordinativas, mas um contínuo que vai da coordenação perfeita à subordinação por excelência, havendo, em cada grupo de conjunções, os protótipos, isto é, as que preenchem as características básicas de cada grupo.

No que diz respeito, especificamente, aos conectores adversativos, a teoria oferece alternativas para se refletir sobre quais as formas circulam como centrais ou periféricas em movimentos delineados pelos falantes de Natal-RN, quando da realização da oposição, a fim de eleger o protótipo da categoria dos adversativos.

### **2.2.2.3 Gramaticalização<sup>8</sup>**

Hopper e Traugott (1993, p.XV) definem a gramaticalização como “o processo pelo qual itens lexicais e construções gramaticais passam, em determinados contextos lingüísticos, a servir a funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.

Nesse âmbito, os autores mostram que a gramaticalização não acontece de forma abrupta, mas de maneira lenta e gradual, obedecendo a uma evolução, um *continuum* que se estabelece em unidades dependentes e independentes que se rearranjam no discurso, a partir de usos anteriores.

Para Brinton e Traugott (2005, p.99):

Gramaticalização é a mudança através da qual, em certos contextos lingüísticos, os falantes usam partes de uma construção com uma função

---

<sup>8</sup> A discursivização é vista como processo de mudança associado às regularizações empreendidas pela língua em situação emergente, dado o caráter de incompletude da gramática em condições interativas.

No entanto, a busca de um conceito específico para o termo vem gerando controvérsias. Para uns a discursivização provém da gramaticalização e parte do discurso para chegar à gramática; para outros, o fenômeno passa do léxico para o discurso via gramática. E, para outros, a discursivização simplesmente não existe. Como se acredita que a gramaticalização atende às necessidades desta pesquisa, não se discute com mais detalhes o conceito de discursivização.

gramatical. Ao longo do tempo, o item gramatical resultante pode se tornar mais gramatical ao adquirir mais funções gramaticais e expandir suas classes de hospedeiros.

Os mesmos autores enumeram as principais características implicadas na definição acima (p.99-100):

(1) A gramaticalização é concebida como uma mudança histórica que resulta na produção de novas formas funcionais. Não é simplesmente um processo de adoção ou incorporação de elementos não alterados no inventário.

(2) O *input* da gramaticalização pode ser qualquer item armazenado no inventário, de cadeias (*be going to*) a construções (*let us* “deixe-nos” > *let's* hortativo) e itens lexicais (*magan* “ter força para” no OE > *may* verbo auxiliar no inglês contemporâneo). No entanto, os itens no *input* devem ser semanticamente gerais.

(3) Uma vez que os itens gramaticalizados estejam formados, freqüentemente sofrem mudança posterior em direção ao pólo gramatical do contínuo léxico-gramatical (por exemplo, podem sofrer processos de fusão, etc). Essa é uma mudança de menos para mais gramatical em uma escala de gramaticalidade (G1>G2>G3).

(4) O *output* da gramaticalização é uma forma gramatical, isto é, uma forma funcional. Em casos mais avançados, a forma pode se tornar semanticamente esvaziada, isto é, desbotada, e até mesmo não-referencial (por exemplo, *do* em *Did she leave?*), ou pode se tornar fonologicamente esvaziada, mas ainda com significado (por exemplo, o morfema zero).

(5) O *output* da gramaticalização pode ser uma forma com qualquer grau de complexidade. Formalmente, esses itens variam de construções gramaticais ou perífrases (G1) a palavras funcionais e clíticos (G2) e a flexões (G3).

(6) A gramaticalização é gradual no sentido de que não é instantânea e se desenvolve através de passos bem pequenos e tipicamente sobrepostos, intermediários e, às vezes, indeterminados.

(7) A gramaticalização tipicamente envolve fusão com um hospedeiro, às vezes seguida de coalescência/redução de seqüências fonológicas (por exemplo, a fusão da perífrase latina (*cant*)-are *habeo* (*infinitivo* +*haver* +1ª pessoa do singular). Freqüentemente as formas reduzidas e fundidas passam a ser parte de um padrão mais geral de marcação gramatical, como o paradigma de caso ou o de tempo, um fenômeno que Lehmann (1995 [1982], p. 135) denomina “paradigmatização”.

(8) A gramaticalização também comumente envolve a perda de significados concretos e literais (idiomatização, desbotamento), contrabalançada pelo fortalecimento e eventual semanticização de significados mais abstratos e gerais contextualmente derivados em contextos “ponte” (por exemplo, tornaram-se salientes implicaturas de futuridade contextualmente derivadas de certos usos da expressão *be going to* com significado de movimento literal).

(9) Como a gramaticalização sempre envolve “expansão de hospedeiros”, também envolve aumento na produtividade padrão e de *token* (produtividade de ocorrências).

Martelotta (2007), em palestra sobre o desenvolvimento de advérbio para conectivo, apresentou a seguinte definição:

Gramaticalização é um processo, por definição, unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (informação verbal)<sup>9</sup>.

Diante dos conceitos, verifica-se que o fenômeno da gramaticalização é um processo de mudança que opera de forma predominante numa só direção, o qual resulta em novas formas sujeitas às pressões gerais da cognição e do uso. A recorrência do uso faz com que as formas se rotinizem, tornem-se regulares, e conseqüentemente institucionalizadas pela aceitação da comunidade lingüística. Tavares (2007b) enumera algumas alterações, pelas quais uma forma em gramaticalização tende a passar:

- (i) desenvolvimento unidirecional no plano semântico, indo de significados concretos/lexicais para significados abstratos/gramaticais;
- (ii) ganho de propriedades morfossintáticas típicas da categoria gramatical para a qual está migrando e, em contraparte, perda de propriedades típicas de seu emprego fonte lexical;
- (iii) erosão, com a perda de substância fonética.

Com base em todo esse processo que envolve alterações, mudanças, a gramática opera de forma emergente, tendo em vista a disposição das funções e formas para a mobilidade contínua.

Na concepção de Tavares (2007b), a variação da gramática se dá consoante as modificações de manifestação da língua na modalidade escrita/falada, gêneros discursivos, os graus de formalidade que a situação exige ou não, bem como, através da experiência particular dos interlocutores com a língua.

Inspirando-se ainda em posições da mesma autora, observa-se que o ponto central que instiga a mudança se localiza nas diferenças entre as experiências do mundo captadas pelos seus interlocutores.

Para levar a interação adiante, esses interlocutores precisam negociar formas e funções, fazer adaptações, as quais, se aceitas como manifestas pela freqüência do uso, podem se rotinizar, e, por conseguinte, tornar-se repertório da língua, prontas para serem disseminadas nos meios lingüísticos e sociais.

---

<sup>9</sup> Palestra proferida por Mário Eduardo Martelotta, no CCHLA/PPgEL –Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Tema: desenvolvimento de advérbio para conectivo: um processo de gramaticalização, realizada no segundo semestre de 2007.

Traugott e Heine (1991) identificam algumas condições necessárias para que se dê a gramaticalização, as quais são oriundas de estudos lingüísticos realizados em diversas línguas. Eles apontam a forte evidência de apenas determinadas classes lexicais serem suscetíveis à gramaticalização.

É considerado restrito também o número de itens lexicais que podem funcionar como fontes para o referido processo. Dessa maneira, os autores acrescentam que para uma forma ser gramaticalizada são importantes o seu conteúdo semântico, as inferências (saliência perceptual) para produção do discurso e a frequência do uso.

Reportando-se a Traugott e Heine (1991), Barreto (1999) trata dos fatores que determinam o início da gramaticalização e comenta que o fator determinante ou ponto de partida do processo é a pressão discursivo-pragmática, ou seja, a necessidade de a língua ser “o mais possível informativa, processável e expressiva” (p.99).

Hopper e Traugott (2003) não pensam diferente. Atribuem à pragmática a responsabilidade pelo surgimento da gramaticalização, a qual é caracterizada pelo intercruzamento de dois processos cognitivos: a metáfora e a metonímia, adiante explicitados.

Hopper (1991) propõe cinco princípios de gramaticalização:

- (1) camadas/estratificação
- (2) divergência
- (3) especialização
- (4) persistência
- (5) decategorização

- Estratificação: em um domínio funcional amplo, novas camadas estão emergindo continuamente. Nesse ínterim, entre o velho e o novo, as camadas velhas não necessitam ser descartadas, mas podem coexistir com as camadas mais novas.
- Divergência: se uma forma lexical sofre gramaticalização, a forma original pode permanecer como autônoma, sujeita às mesmas mudanças a que se submete um item lexical comum. Segundo Silva

(2005), as formas podem comungar da mesma etimologia, mas do ponto de vista funcional, há divergências.

- Especialização: explica que dentro de um domínio funcional, num determinado estágio, é possível a variedade das formas com nuances semânticas diferentes. Essa variedade estreita-se ao se configurar a gramaticalização, e, portanto, reduzem-se a variedade e opções de escolhas formais.
- Persistência: diz respeito à percepção de vestígios-fontes, ou seja, “as relíquias de outrora”<sup>10</sup> deixadas por seus significados originais, ao longo do trajeto traçado pela gramaticalização.
- Decategorização: as formas, ao passarem pelo processo de gramaticalização, tendem a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e sintáticas que são peculiares às categorias plenas (nomes e verbos). Passam, pois, a se caracterizar como categorias secundárias (adjetivos, participios, preposições e conjunções).

Porém, Castilho (1997), entendendo que os princípios formulados por Hopper (1991) são mecanismos, relaciona, pois, quatro princípios, os quais podem, na sua ótica, representar os estágios de gramaticalização. São eles: analogia, reanálise, continuidade/gradualismo e unidirecionalidade.

- Analogia – envolve a atração de formas não existentes para se uniformizar com construções já existentes. Hopper e Tragoutt (2003) asseguram que o processo é manifesto. Opera ao longo do eixo paradigmático e as mudanças são no sentido de uma forma já existente cumprir novas funções.
- Reanálise – acontece quando uma forma perde os limites de sua constituição e passa a ter, em diversas instâncias, estrutura e sentido diferentes daqueles do falante, pela ação dos cortes não imediatos resultantes da abdução. Tudo isso motivado por novas interpretações e inferências que se aplicam às formas antigas.

---

<sup>10</sup> Givón (1979, p. 83).

- Continuidade e gradualismo – explicam a efetivação da renovação das estruturas da língua como processo contínuo e gradual.
- Unidirecionalidade<sup>11</sup> – mostra a irreversibilidade do movimento da gramaticalização.

Dois princípios de Castilho (1997), aos quais Hopper e Tragoutt se referem como mecanismos gerais de gramaticalização, merecem uma atenção especial: a reanálise e a analogia.

A opinião dos autores é que a reanálise é o mecanismo mais importante para a gramaticalização. Porém, os dois processos desempenham papel relevante na gramaticalização.

A reanálise<sup>12</sup> acontece de forma imperceptível. Age em substituição das estruturas antigas pelas mais novas, suscita mudanças na regra e atua no eixo sintagmático da estrutura linear. Por outro lado, a analogia é uma manifestação aparente em si mesma, atua no eixo paradigmático de qualquer nóculo constituinte e não provoca a mudança de regra, apenas a expande. Apesar de diferentes, de certa maneira, os dois processos interagem porquanto a analogia torna visíveis as mudanças não perceptíveis na reanálise (HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

Heine e Kuteva (2007) elencam quatro mecanismos interrelacionados que envolvem a gramaticalização:

- a) dessemantização-desbotamento semântico das formas;
- b) extensão- generalização de contextos;
- c) decategorização- mudança de classe;
- d) erosão- redução fonética.

<sup>11</sup> Os defensores da unidirecionalidade acreditam no caráter anti-reverso da direção das formas em processo de gramaticalização. No entanto, algumas abordagens contestam a veracidade do princípio, alegando nem sempre haver uma mudança do concreto para o abstrato, tendo em vista a existência dos contra-exemplos (antigramaticais). Porém, são raros na língua, porque para se estabelecer o reverso da unidirecionalidade deve-se cumprir o trajeto de forma gradual: (G3 > G2 > G1) (BRINTON; TRAUGOTT, 2005). O trajeto escalar referido expressa os níveis de gramaticalidade, no que diz respeito à fusão com elementos externos: G1= perífrases; G2= formas semi-direcionadas e clíticos; G3= afixos.

<sup>12</sup> A reanálise, apesar de muito importante para se instaurar a gramaticalização, não é condição essencial para que ocorra o processo.

Pelo que se observa, não há consenso, entre os estudiosos do fenômeno, a respeito dos principais mecanismos que regem o processo. No entanto, observa-se a relevância de alguns conceitos para a gramaticalização.

A unidirecionalidade é um deles, porque apregoa que as mudanças ocorrem prototipicamente numa direção linear, única, sem espaço para a reversibilidade ou contra-exemplos, obedecendo à seguinte escala:

*A > A/B > B*

Daí, derivam-se as trajetórias de gramaticalização, muito importantes para explicar as mudanças experimentadas por alguns conectores:

*Item lexical pleno > palavra gramatical > clítico > afixo derivacional*

Para Givón (1979), o processo de gramaticalização atua numa unidirecionalidade cíclica, assim:

*Discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero*

Esse trajeto delinea o movimento de uma forma ou construção cujo percurso começa no discurso, gradualmente evolui para obter o *status* de categoria sintática, adquire propriedades funcionais discursivas, sofre alterações de cunho semântico e fonológico, deixa de ser forma livre, chegando à exaustão, pressionada por uma cristalização extrema (CASTILHO, 1997).

Martelotta, Votre e Cezário (1996) relatam a disposição das línguas para adquirir um sistema semântico cognitivo, cuja base é o mundo experienciado pelo falante/ouvinte, e esse, pois, determina a procedência dos sentidos que movem o mundo, através da transferência do real para o abstrato.

Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991) propõem um esquema escalar crescente de dimensão translingüística para descrever essas mudanças:

*Pessoa > objeto > espaço > tempo > qualidade*

No mesmo ano de 1991, os autores citados formulam o percurso universal de transferência metafórica para conectores:

*Espaço > (tempo) > texto*

Como eles próprios explicam, “as formas se associam a significados progressivamente mais abstratos, partindo da noção de espaço, podendo ou não passar pela noção de tempo e desaguando na categoria mais abstrata do texto”. Em outras palavras, a concepção deixa evidente que as mudanças ocorrem de forma progressiva, deslocando-se dos seus sentidos em direção do + *concreto* > - *concreto*.

A distinção do real para o abstrato corresponde, segundo os autores citados, às noções de ideacional e textual de Halliday (1970). Na tentativa de explicar as funções da gramaticalização em direção a uma subjetivação crescente, eles passam a compreensão de que o padrão de transferência acontece no seguinte percurso: ideacional/proposicional > textual<sup>13</sup>. Essa posição converge entre os proponentes Traugott e Köning (1991) e Heine, Claudi e Hünemeyer (1991).

Entretanto, o percurso acima assinalado preocupa os estudiosos quando surge o terceiro item da escala: função interpessoal.

Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), por exemplo, manifestam-se contrários à posição da função interpessoal no último degrau da escala e invertem a ordem para: interpessoal > textual, justificando que a função interpessoal envolve relações vinculadas ao falante e ao ouvinte, no que se referem às atitudes, crenças e julgamentos (falante) e no que se refere às relações sociais (ouvinte), sem limites claros entre os dois. Assim, Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) aconselham que pelo menos, para o componente orientado para o ouvinte, a direção do percurso em discussão seja a seguinte:

*Ideacional > interpessoal > textual*

<sup>13</sup> Cumpre-se aqui esclarecer a finalidade de cada função nos termos de Halliday (1970). A função ideacional tem como propósito referir ou denotar, exprimir conteúdos; a função interpessoal ou função-evento expressa papéis e atitudes e julgamentos dos participantes em uma situação comunicativa de interação com o receptor; a função textual ou função texto atua na organização do discurso, ou seja, nas escolhas e na organização das idéias.



A metáfora e a metonímia são, conforme já mencionado, outros mecanismos de mudanças que se envolvem na gramaticalização.

A metáfora é compreendida por Hopper (2003) como um tipo de domínio em termos de outro, cuja direção envolve a transferência de uma forma básica, usualmente concreta, em direção a uma mais abstrata. A transferência de sentido provém de motivações analógicas e relações icônicas emanadas da cognição humana. Por isso, é base dos processos de gramaticalização, visto que impulsiona as mudanças gramaticais no discurso, nas relações do + *mais concreto* para o - *concreto*.

A metonímia é também um processo cognitivo conceitual, porém menor, que se realiza mediante a associação entre elementos contíguos. Atua no nível estrutural e morfosintático e age no processo de gramaticalização por meio da pressão de informatividade<sup>14</sup> e a reanálise (MARTELOTTA, 1996). Para alguns autores, metáfora e metonímia agem em conjunto.

---

<sup>14</sup> Na compreensão de Martelotta (2004, p.109), a pressão de informatividade “diz respeito às possíveis inferências que podem ser feitas acerca de uma afirmação, em um determinado contexto, que leva à mudança, invariavelmente, na direção do valor que antes era apenas inferido”. Ele cita como exemplo o caso do item *agora*, propondo como possíveis contextos geradores de mudança para o valor contrastivo, os usos em que o circunstanciador apresenta a tendência a marcar uma oposição em relação ao passado.

### 3 AS ADVERSATIVAS: ORIGEM, GRAMÁTICA E USO - revisitando conceitos e abordagens

Estudar as adversativas, retomando os conceitos tradicionais de coordenação e subordinação, pode parecer uma decisão incoerente com a proposta contemporânea lingüística, mas postula-se que seja o ponto de partida mais proveitoso para se iniciar uma discussão que envolva a junção de enunciados.

A atitude de conectar informações, contrair elo entre sintagmas, orações e períodos, mediante nexos opositivos, especificamente adversativos, requer o domínio de estruturas complexas<sup>15</sup>.

Para se manipular estruturas complexas, torna-se necessário revisar posições e conceitos a respeito dos principais recursos que se envolvem nesse processo: a coordenação e a subordinação.

#### 3.1 A COORDENAÇÃO E A SUBORDINAÇÃO

Há muito tempo, gramáticos e lingüistas buscam um consenso conceitual para o fenômeno. Porém, a atividade de conceituar os dois termos está longe de alcançar a unificação.

Os gramáticos tradicionais vêem a coordenação como um processo que une as orações independentes. Por esse conceito, entende-se que cada oração constituinte do período apresenta a sua estrutura própria, sem a necessidade de recorrer à oração que se junta para cumprir função sintática de seus termos. No entanto, esse é um conceito limitado, visto que envolve apenas o critério sintático.

A esse respeito, Dubois et. al. (2006, p. 154) se posicionam: “a gramática tradicional caracteriza a coordenação pelo fato de uma palavra (chamada conjunção coordenativa) ligar duas palavras ou duas seqüências da mesma natureza (categoria) ou da mesma função”.

Mas, segundo os autores, essa definição levanta três tipos de problemas:

- 1) A coordenação acontece entre termos de natureza e funções diferentes, considerando as acepções que essas palavras assumem pelas abordagens tradicionais. Assim em, “*um objeto verde e de aspecto estranho*” (exemplo

<sup>15</sup> Entende-se por oração complexa a oração que contém dentro dos seus limites pelo menos uma outra oração (PERINI, 2006). Porém, não há unanimidade para o conceito. Gramáticos, como Bechara (2006), consideram que o rótulo de orações complexas se aplica apenas aos processos de subordinação.

dos autores) - a coordenação está presente, mas os termos não são da mesma natureza e função;

2) Por seqüência de palavras, os autores entendem orações, membros de frases, unidades isoladas. E exemplificam que em *um menino inteligente e que faz bem as suas lições*, a oração que comporta a relativa (*que faz bem as suas lições*) está coordenada ao adjetivo *inteligente*.

3) Dubois et. al. vêem também que a coordenação assindética caracteriza-se pela ausência do elemento coordenativo. Entretanto, os autores entendem que as relações entre os termos sindética e assindética são as mesmas.

Com relação à subordinação, os mesmos autores (p. 567) afirmam que é a situação na qual se encontra a proposição que depende da principal (ou de uma outra subordinada) que desempenha em relação a ela o papel de principal. Mas eles admitem que, em consequência dessa forma geral, existem certas exceções (a do infinitivo e a da subordinação expressa pelas conjunções, pelos pronomes ou advérbios relativos e pelos pronomes interrogativos indiretos).

Perini (2006) considera que a dicotomia coordenação/subordinação representa a simplificação, porém está longe de dar conta de todos os fatos concernentes ao encaixamento de constituintes.

Para o autor acima citado (p.130), a subordinação acontece quando uma “oração faz parte de um termo da outra”. Como exemplo, cita o encaixamento da oração menor (*não desarrumou a casa* (oração subordinada); e a maior *titia disse que nós desarrumamos a casa* (oração principal). Ele entende que a frase completa é a principal.

É opinião do autor que a coordenação é o segundo processo de montagem de orações complexas e ocorre quando duas orações são equivalentes sintaticamente, ou seja, as duas orações são totalmente separadas, e nenhum elemento é parte de ambos. Como exemplo, cita as sentenças: *Titia fez a salada e Mamãe fritou os pastéis*.

O autor questiona os dois processos e, adiante, apura se realmente há distinção entre eles. Ao verificar a quantidade de orações existentes em “*Titia fez a salada e mamãe fritou os pastéis*”, adota a posição de que o enunciado comporta

três orações: a) *Titia fez a salada.* b) *Mamãe fritou os pastéis.* c) *Titia fez a salada e mamãe fritou os pastéis.*

Perini (2006) considera que há uma relação entre a oração maior (c) e os menores (a) e (b), absorvendo a posição de autores como Huddleston, que considera (a) e (b) subordinados de (c), muito embora assevere ser um caso muito peculiar da subordinação.

Perini (2006) termina rotulando o termo global de *membro de coordenação*. Dessa forma, justifica que se, por exemplo, (a) é membro de coordenação (MC) de (c), justifica-se chamá-la de subordinada.

A consequência de tudo isso é que não existe coordenação sem subordinação, porquanto a coordenação (a) e (b) implica em geral uma estrutura (c), a qual se subordina (a) e (b), já que são membros de coordenação (MC).

Garcia (1986, p. 16) acredita que as orações “se interligam mediante dois processos sintáticos universais: a coordenação e subordinação”.

Para ele, na coordenação as orações se dizem da mesma natureza e função, apresentando a mesma estrutura sintático-gramatical, o que ele rotula de “encadeamento de idéias”. Na subordinação, o autor enxerga “uma desigualdade de funções e de valores sintáticos. É um processo de hierarquização em que o enlace entre as orações é muito mais estreito do que na coordenação”. Ainda acrescenta que nenhuma oração subordinada subsiste sem o apoio de uma principal.

Mas essas abordagens privilegiam a estrutura. Para esclarecer algumas questões de ordem funcional, invoca-se Neves (2006). A autora trata do conjunto de propósitos para estudar a língua em função, trazendo à baila a questão do corte rígido entre subordinação e coordenação.

Neves (2006, p. 226) critica o fato de que a visão tradicional se fixa numa “sintaxe de superfície, contentando-se em apresentar o conceito de coordenação como o que implica independência sintática e em oposição ao de subordinação” que se resolve na proposição de uma oração principal (ou mais de um) de seus termos expressos em forma oracional (oração subordinada). A autora ainda assegura que esses termos podem ser qualquer uma das chamadas funções sintáticas<sup>16</sup>.

Diante disso, percebe-se o caráter de exaustão já alcançado pelo estabelecimento do corte rígido (entre os dois processos), sendo insuficiente para

---

<sup>16</sup> Sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo, aposto, adjunto adnominal e adjunto adverbial.

promover esta análise. Recorre-se, pois, a outros estudos calcados em perspectivas semelhantes para explicar, em outras palavras, o que acontece.

Givón (2002) considera inadequado vincular a distinção entre subordinação e coordenação das orações aos processos de dependência e independência. Ele considera que a integração entre orações acontece na dimensão funcional e na dimensão sintática, a partir de escalas graduais, as quais avançam para um nível mais encaixado.

Halliday (1985), na proposta de uma gramática funcional, propõe para a enunciação dos blocos complexos a conjugação de dois eixos sistêmicos: o tático e o lógico-semântico.

Nas palavras de Neves (2006), no eixo tático, há um sistema que sustenta uma relação de simples continuação entre elementos que vêm um em seguida ao outro (a parataxe) e um sistema que sustenta uma relação de “dominação” entre um elemento modificador e, portanto, dependente e um modificado, portanto, dominante (a hipotaxe).

Dessa forma, as coordenadas correspondem a construções apositivas típicas, as quais correspondem à parataxe; as adverbiais e adjetivas explicativas dizem respeito à hipotaxe.

A importância dada ao cruzamento entre o sistema tático e o lógico-semântico acontece porquanto as duas visões se distinguem.

Ainda, Neves (2006) adverte que a proposta considerada inaugural na organização de uma frase complexa é buscada em Matthiessen e Thompson (1988), para quem a avaliação do grau de interdependência entre enunciados complexos completa-se através das funções do discurso que emanam do processo comunicativo, sendo dependente de fatores internos e externos à frase, os quais se resolvem na interação.

Adiante, ela menciona a questão do caráter contínuo das diferenças que separam as orações, concepção defendida por alguns estudiosos do assunto.

Hopper e Tragoutt (2003, p. 169-170), baseados em discussões de Matthiessen e Thompson (1988), Lehmann (1988, 1989) e Langacker (1991), tentam simplificar os estudos, apresentando a seguinte classificação tripartida:

- a) “parataxe ou independência relativa”, e não encaixamento;

b) “hipotaxe ou interdependência”, em que há um núcleo no qual as orações giram como satélites que não se realizam sozinhos. Elas são relativamente dependentes;

c) “subordinação” ou, em sua forma extrema, “encaixamento”. É a completa dependência em que um elemento marginal é incluído inteiramente dentro de um constituinte nuclear.

O *continuum* que pode caracterizar o percurso da combinação das orações pode ser assim representado:

*Parataxe > hipotaxe > subordinação*

Neves (2006) chama a atenção para que seja observada nessa organização o critério da não-discretização de categorias para não se incorrer no mesmo comportamento do corte rígido entre dois processos, o qual passaria a ser de três blocos, persistindo o problema.

Assim sendo, diante do grande número de propostas e estudos que tratam de um fenômeno tão vasto como é a integração das orações, merece menção o pensamento de Neves (2006, p. 232), o qual se retoma e dele se comunga:

[...] a razão fundamental das postulações que se fazem em todos esses estudos funcionalistas é a incorporação da pragmática, ou seja, é a inserção de categorias pragmáticas (por exemplo, a própria organização do fluxo informacional na análise lingüística).

Dessa forma, vale-se assentar as seguintes noções a respeito do enlace de segmentos enunciativos: o processo acontece além da frase, da oração, ou até mesmo além do texto e das estruturas, visto que muitas interpretações provêm de manifestações do mundo cultural, o qual está subjacente às relações discursivas partilhadas por falante e ouvinte.

Dentro dessa perspectiva, interpreta-se que a noção daí implicada considera que a coordenação pode acontecer no nível da oração quando os gramáticos enfatizam a questão vinculada à independência, mas postula-se que no nível do texto ou além dele o fenômeno pode alcançar gradativamente a subordinação, vinculado que está às versões públicas do mundo, e às idiosincrasias de cada ato verbal.

### 3.2 AS ORAÇÕES COORDENADAS

Após toda essa discussão sobre os processos de integração de orações, torna-se necessário tratar das orações coordenadas, porque mesmo considerando que não há fronteiras rígidas demarcando limites entre a coordenação e a subordinação, e considerando também que há um *continuum* que pode conduzir gradativamente as categorias de um plano integrativo para o outro, necessário se faz tratar com mais detalhes da coordenação, uma vez que é o *locus* prototípico onde se abrigam as adversativas.

Do ponto de vista tradicional, a maioria dos gramáticos consideram orações coordenadas aquelas vistas como sintaticamente independentes. Porém, Bechara (2006) acredita que existe outra interpretação dessa relação, a qual não resulta da ligação sintática entre os segmentos, mas da experiência da visão de mundo dos interlocutores. O autor ainda assegura que a manifestação também não vem do emprego da conjunção responsável pela conexão oracional.

Neves (2006, p. 244) apresenta uma postura bem semelhante em relação a essa visão. Para ela, a ênfase dada pela quase totalidade dos estudos gramaticais à função ligadora das conjunções

[...] decorre da perspectiva em que esses estudos se situam: numa visão em que se parte dos elementos componentes e se faz o percurso das relações integrativas, na perspectiva dos elementos menores para os maiores- [...].

A proposta da autora é a mudança de perspectiva. Assim sendo, os estudos da ordem da coordenação devem partir do nível do texto ou do discurso para as unidades menores.

As orações coordenadas podem encadear-se por auxílio de conectores ou apenas por justaposição ou assindetismo (BECHARA, 2006).

#### 3.2.1 Coordenação sem a marca de conector

Convém se tratar aqui, em primeiro lugar, da relação que se manifesta sem a marca explícita de um conector.<sup>17</sup>

<sup>17</sup> É comum o uso da coordenação sem a marca de conector, conforme o exemplo: Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado. E emburrava: a língua fugia dos dentes, engrolava ruídos confusos. [GrR.1,102]. (BECHARA, 2006).

É comum o registro de contextos opositivos cujos segmentos se encadeiam apenas por uma seqüência marcada, na fala, por entonações descendentes ou pausas e, na escrita, por algum sinal de pontuação que pode ser a vírgula, ponto e vírgula e dois pontos.

No ponto de vista de Bechara (2006, p. 479), esse procedimento é rotulado de justaposição e, sob um prisma semântico-sintático, “tais justaposições se aproximam pela independência sintática e estreito relacionamento semântico, da parataxe ou coordenação”.

Perini (2006, p.144) acredita que o único critério seguro para identificar essas orações é inerente à estrutura interna dos segmentos envolvidos na construção, uma vez que “é apenas a presença de duas estruturas oracionais completas lado a lado”.

Mas, retomando Bechara (2006), ele ainda acrescenta que as orações justapostas apresentam um comportamento aproximado aos dos coordenadores e com elas mantêm relações buscadas no nível superior do texto, cujos efeitos de sentido são de causa-explicação, concessão, conseqüência, oposição, tempo, levando-se em conta o conteúdo de pensamento nelas designado.

Silva (2005), em seu estudo funcionalista sobre os conectores de oposição, tratou do assunto, assinalando que são variados os recursos lingüísticos levados a cabo para materialização de tais construções. Dentre eles, verificou, no *corpus* analisado (editoriais jornalísticos), a utilização de recursos como itens lexicais antonímicos até o item verbal dotado de conteúdo lexical imanente a sua estrutura.

Em uma exposição mais detalhada, o autor enumerou alguns recursos que se apresentam nos segmentos oracionais, os quais podem determinar o caráter opositivo das construções, mesmo sem a presença do conector: seqüencialidade temporal no confronto entre dois recortes de tempo (passado/presente), duplicação de itens verbais, paralelismos sintáticos, uso de expressões adverbiais como infelizmente, lamentavelmente, ao contrário, entre outros.

Assim sendo, mesmo que esta pesquisa se debruce apenas sobre as construções que trazem a marca do conector, registra-se o fato de que não é condição necessária a presença do nexos à realização do tipo de construção em foco.

### **3. 2. 2 Coordenação com a marca de conector**



As orações coordenadas são enlaçadas por conectores coordenativos. Gramáticos como Ferreira (2003), Cegalla (1997), Leme (2003), Infante (2005), entre outros, classificam as conjunções coordenativas que trazem a marca do conector em aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

Halliday e Hasan (1976 apud NEVES, 2006) classificam as conjunções/junções de forma bem generalizada em quatro tipos: aditiva (incluindo alternativa), adversativa, causal (incluindo razão, propósito, conseqüência, resultado, etc.) e temporal.

Bechara (2006, p. 477) considera que elas assinalam três tipos de relação semântica: a) aditiva; b) adversativa; c) alternativa.

Neves (2006, p. 248) aponta como tipos de relação de “co-ordenação” os valores presentes no *e*, *mas* e *ou*, definidos, respectivamente, por seus valores básicos de adição, de desigualdade e de alteridade.

Caso se fosse levar em consideração apenas a questão da nomenclatura, a autora simplesmente teria apresentado os mesmos valores defendidos por Bechara (2006).

No entanto, Neves (2006) vai além porque impulsiona o pensamento do leitor para se considerar o enunciado total, bem como as considerações emanadas dos fatores discursivos. É no nível do texto, portanto, que as análises devem ser consideradas.

A autora em foco considera fluidas as caracterizações que envolvem os conectores relacionados, propondo apenas algumas indicações gerais para cada um dos coordenadores.

Essas indicações presentes em Neves (2006, p. 251) partem de um nível de gradiência “que vai da mais neutra adição ao máximo da exclusão, passando pela contraposição e pela oposição, conforme a contextualização do semantismo básico de cada um deles”. Ressalve-se que toda essa trajetória é cumprida no nível do texto, conforme frisa a própria autora.

O fato notório é que os estudos sobre a gramaticalização vêm apontando para o caráter multifuncional dessas formas conjuntivas, as quais só podem ser categorizadas dentro de uma situação discursiva, a despeito do que prega a tradição.

E como a pesquisa em tela focaliza os adversativos que trazem a marca do conector, esse tema será retomado mais adiante, em capítulo específico para as análises.

### 3.3 AS CONJUNÇÕES

#### 3.3.1 Origem

Mesmo considerando que do ponto de vista funcional as conjunções por si sós não determinam o sentido das construções, torna-se oportuno cogitar-se sobre a origem desses elementos, visto que é importante para as análises funcionalistas averiguar vários recortes sincrônicos de ocorrências dos elementos em estudo, inclusive suas histórias-fonte, a fim de se averiguar a trajetória existencial das formas desde a sua gênese.

Com relação ao estudo das conjunções do Português, convém, então, lembrar, com base em estudos na área, que o elenco das conjunções herdadas do latim clássico era bem abundante, entretanto, como o povo fazia uso do latim vulgar, preferindo o uso de sentenças simples, de justapostas e a coordenação de orações, poucas foram as formas conjuntivas latinas que sobreviveram.

Barreto (1999) afirma que muitas dessas conjunções latinas simplesmente desapareceram pela falta de adesão ao uso. No que diz respeito às adversativas, ela assegura que essas também desapareceram e em seu lugar surgiu o advérbio *magis*, que passou a assumir a função de adversativa.

Longhin (2003) considera surpreendente o fato de o latim clássico possuir grande quantidade de conjunções adverbiais, as quais exprimiam, em graus diversos e nuances variadas, o fenômeno da oposição. Mas, como se sabe, o latim vulgar não fez uso de nenhuma. Veja-se o quadro das adversativas no latim clássico e no latim vulgar:

LATIM CLÁSSICO	LATIM VULGAR
<i>Sed, uerum, at, atqui, imno, autem, uero, tamen, quidem, nihilo, minis</i>	<i>Magis</i>

**Quadro (2):** Adversativas no latim clássico x latim vulgar

Diante disso, para suprir a falta das demais conjunções latinas, os usuários estão sempre recorrendo a palavras de outras classes gramaticais, sobretudo, dos advérbios e preposições, e, a partir daí, implementam-se os processos de gramaticalização.

Para Barbosa (1856), o português só possui nove conjunções propriamente ditas: *ca, e, mas, nem, ou, pois, porém, que e se*, excluindo-se aquelas que se formam de expressões compostas ou de nome ou advérbio seguido de *que*, e as que assumem funções de advérbios ou nomes em outros contextos.

Por isso, as conjunções do português, em sua maioria, são decorrentes de processos de gramaticalização. O fato verificado é que muitas delas evoluem de outras classes gramaticais, em especial, de advérbios.

### 3.3.2 As adversativas na gramática

No capítulo inicial, já foram apresentados e problematizados alguns conceitos definidos pela tradição em relação às adversativas, os quais são aqui retomados, de forma sintética, através do seguinte quadro:

AUTOR	CONCEITO DE ADVERSATIVAS	ELENCO APRESENTADO
Cunha (1986)	"ligam dois termos ou duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, uma idéia de contraste".	mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto.
Leme (2003)	"a idéia de oposição entre os enunciados coordenados, como se a verificação das duas proposições ao mesmo tempo se revestisse de excepcionalidade".	mas, porém, todavia, entretanto, contudo, no entanto.
Cegalla (1997)	"exprimem contraste, oposição, ressalva".	mas, contudo, entretanto, porém, antes (pelo contrário) e sim (=mas).
Saconni (1990)	"exprimem essencialmente ressalva de pensamento, ressalva esta que pode indicar idéia de oposição, retificação, restrição, compensação, advertência ou contraste".	mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto, não obstante, etc.
Ferreira (2003)	"exprime uma idéia contrária à da outra oração; uma oposição, um contraste".	mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante, etc.
Terra (2002)	"indicam oposição, contraste".	mas, porém, todavia,

		contudo, entretanto.
Bechara (2006)	“enlaçam unidades apontando uma oposição entre eles”.	mas, porém e senão.
Infante (2006)	“exprimem oposição, contraste”.	mas, porém, contudo, entretanto, no entanto, não obstante, etc.

**Quadro (3):** Posição dos gramáticos a respeito das adversativas

A idéia que perpassa os conceitos é que não há uma homogeneidade de critérios para exprimir as definições das mencionadas conjunções. Como se pode perceber, uns se baseiam em critérios sintáticos (liga dois termos); outros, em critérios apenas semânticos (exprimem contraste, oposição, ressalva...). Mas nenhum deles as define baseando-se no entrelaçamento de critérios sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Ora, se a língua é um processo dinâmico, dotada de variações e maleabilidades, para acionar a sua gramática, a estrutura por si só torna-se insuficiente para satisfazer a competência comunicativa.

Os conceitos da gramática tradicional são apresentados de forma imprecisa e superficial; a maioria deles trazem apenas definições e exemplos pré-fabricados, muitas vezes, calcados em clássicos da literatura, sem ao menos promover uma reflexão ou referência ao uso da língua corrente.

Para se ter uma idéia, dos gramáticos consultados, Cunha (1986) é um dos poucos que dedica uma seção de seu trabalho para fazer comentários relacionados aos valores afetivos e particulares expressos pelas formas em estudo. Como, por exemplo, em relação às conjunções, ele é um dos poucos que apresenta um trabalho mais amplo da língua, uma vez que reconhece os variados matizes significativos expressos pelas relações coordenadas.

Pela análise empreendida, percebe-se que o elenco dos itens reconhecidos como adversativos comuns à maioria são: *mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto*.

Porém, é válido registrar que Saconni (1990, p. 267-268), apesar de elencar grupo semelhante de conjunções adversativas, alerta para que se observe um outro grupo de adversativos que diz ser confundido com outros tipos de conjunções, o qual ele expõe através de exemplos, a seguir transcritos:

*Juçara fuma, e não traga. (e=mas);*

*Veio de automóvel **quando** poderia ter vindo a pé. (quando=mas);  
 Gosto muito de Cristina, **agora** beijar os pés dela eu não vou. (agora=mas);  
 O homem faminto não comia, **antes** engolia os alimentos. (antes=mas);  
 “O maior fator da evolução humana não é a inteligência, **senão** o caráter, não é o pensamento, mas a vontade”. (senão=mas).*

Os exemplos apresentados por Sacconi (1990) nos levam à compreensão de que alguns gramáticos têm o conhecimento das mudanças experimentadas pela língua em algumas situações discursivas, entretanto, insistem em permanecer tratando os fatos da língua como algo estático.

A unanimidade entre eles, como já foi comentado antes, é apenas em relação à escolha do *mas* como primeiro representante da classe adversativa. O *porém* é o segundo das relações da maioria deles.

É indiscutível o estatuto de adversativo assumido pelo *mas*, todavia, conjunções como *no entanto*, *entretanto*, conforme Neves (2006), não possuem estatuto para se abrigar em tal categoria, representando, assim mesmo, a adversidade, pelas abordagens consideradas tradicionais.

Dessa maneira, percebe-se que são vários os problemas enfrentados pelas abordagens tradicionais, especificamente, no tratamento das adversativas. Os estudos recentes propõem a mudança de perspectiva.

Não se pode mais trabalhar uma língua dinâmica com base em critérios e situações de língua congelada.

### 3.4 UM CONTRAPONTO AOS ESTUDOS TRADICIONAIS: O USO

Perseguir objetivos relativos à organização funcional de enunciados é tarefa que reclama por uma análise contemplativa dos aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos envolvidos em um evento comunicativo.

Buscar esclarecimentos para elucidar questões referentes à materialização da adversidade no discurso e descortinar os propósitos de uma língua em função é tarefa que requer um trabalho com a língua viva, a língua do povo em interação.

Para tanto, precisa-se buscar o pensamento de outros estudiosos. Por isso, invocam-se alguns trabalhos, os quais constituirão a base do fenômeno que aqui se investiga.

Em primeiro lugar, remete-se a Silva (2005), na tese de doutorado “*Mas tem um porém...: mapeamento funcionalista da oposição e seus conectores em editoriais*

*jornalísticos*". O trabalho mapeia os conectores que representam a oposição em editoriais jornalísticos de João Pessoa – PB, para, em fase posterior, contemplar o processo de gramaticalização experimentado pelos elementos mais recorrentes na análise.

Silva (2005) investiga a oposição sob uma ótica funcional, cujos resultados revelaram que o *mas* é o protótipo do domínio, seguido do *porém*. Na concessividade, foram eleitos os itens *embora* e *mesmo* como protótipos da categoria.

Como esta pesquisa focaliza a oposição, mais especificamente as adversativas, lança-se o olhar para os dados que se ocupam de tais categorias, muito embora, crenes de que as adversativas podem assumir também suas funções em contextos concessivos.

A supremacia do *mas* no contexto em tese parte dos princípios da marcação e da persistência, assim observa Silva (2005). Ele entende que a complexidade cognitiva assumida pelo "*mas*" se deve a sua relação com os diferentes contextos estruturais. Isso fortalece a sua condição de item capaz de exercer algumas funções em contextos onde outros conectores não encontram abrigo, como a de abertura de parágrafos.

Ao investigar a conduta do item prototípico, o autor constatou o comportamento mais ou menos linear do *mas* nas situações em que assume a função de ligar orações, em detrimento da função de iniciar parágrafos.

A pesquisa em foco confirmou, ainda, o caráter icônico da oposição, mediante a observação da ordem como as informações contrastivas são estabelecidas no acesso ao mundo social.

Quanto a esta dissertação, também procura averiguar os itens que atuam como prototípicos no universo investigado, aplicar os princípios do funcionalismo a fim de se verificar as estruturas mais marcadas, conferir frequência e trajetória de gramaticalização percorrida pelo item que recebeu tratamento diferenciado na análise.

Apesar de algumas semelhanças entre as duas propostas, esta se diferencia da proposta de Silva (2005), porque enquanto aquela se debruça sobre contextos de língua escrita, sobretudo, calcados em editoriais jornalísticos pessoenses, esta contempla ocorrências coletadas em situações reais de oralidade do interlocutor natalense.

O trabalho de Barreto (1999), o qual promove a análise dos processos de gramaticalização na história do português, será também revisitado, tendo em vista ser considerado de amplo alcance nas referências dos estudos sobre a gramaticalização.

Os pontos mais revisados serão os que retratam o panorama de origem das conjunções no português, além das seções que tratam da análise dos itens elencados como adversativos.

Merece atenção a seção em que a autora traça o trajeto percorrido pelo *mas* desde o latim clássico, quando da sua origem *magis* formou o grau comparativo: “*tanto mas*”, usado como adjetivo e substituindo o comparativo em *-ior*. Juntou-se à conjunção “*sed*” - conjunção adverbial típica do latim, a qual indicava uma ação que ocorreria de preferência a uma outra, e depois começou a ser usado isolado, com a mesma carga semântica, e na língua falada substituiu *sed* (BARRETO, 1999).

Entre comparações de construções que contêm orações subordinadas comparativas com outras em que constam orações coordenadas adversativas, a autora acaba concluindo que a conjunção adversativa *mas* teve origem no comparativo de superioridade por forças de um processo metafórico, o qual determinou a recategorização, assim:

#### *Advérbio > conjunção*

Os valores assumidos por ocasião do processo de gramaticalização empreendido pela forma serão também revisitados. Com relação aos outros itens, *no entanto*, *entretanto*, *todavia*, entre outros, os quais são tratados pela tradicionalidade como adversativos, serão também observados.

Rocha (2006), em seu trabalho de doutorado: “*A motivação conceptual do processo de gramaticalização de conjunções adversativas em Português*”, especificamente, leva em consideração os itens *mas*, *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto*, justificando serem eles os itens elencados como adversativos pela maioria dos gramáticos tradicionais. A autora reconhece serem discutíveis em relação à categorização como adversativos, à exceção do *mas*, atribuindo sua escolha a questões de etimologia comum.

O trabalho de Rocha, ora referido, interessa a esta pesquisa, sobretudo, porque trata da motivação que levou os itens adversativos a se gramaticalizarem, além de conduzir a uma reflexão sobre a conceitualização das relações opositivas.

A autora, por exemplo, analisando o tratamento que as gramáticas dão às adversativas, e refletindo sobre relações assumidas pelos referidos itens, no texto global em que se inserem, conclui que as relações contrajuntivas se assentam sobre o sentido básico da diferença, do choque existente não entre dois segmentos, mas entre duas idéias, que, quando não expressas lingüisticamente, podem ser apreendidas por uma análise que compreenda os domínios epistêmico e conversacional da língua e considere o subentendido que permeia a linguagem como um todo.

Interessante no trabalho é que ela conclui o pensamento, considerando o aspecto dinâmico e mutável do quadro das categorias em foco, deixando as reflexões para que inspirem outras pesquisas sobre os itens que são suscetíveis a cair no desuso ou a surgirem. Isso sugere o caráter volúvel das formas enquanto categorias sujeitas a um ciclo de vida que pode evoluir e até conduzir ao seu desaparecimento.

Outro ponto importante que a autora destaca em relação ao protótipo dos adversativos é que a presença de palavras negativas não pode assumir por si só a responsabilidade pela gramaticalização do item, mesmo admitindo que a contrajunção requer, comumente, mas não normalmente, as palavras negativas, assim como requer “elementos gramaticais” (conjunções) que a assinalem e cita exemplos de Neves (2000, p.756) em que sintagmas nominais só podem ser coordenados se tiverem a presença do não (“*Não o menino, mas a mãe*”).

Como motivação comum mais aceitável aos itens analisados, a autora compreende como mais plausível a motivação metafórica, que permitiu a abstratização dos itens analisados, os quais, depois de perderem a referência-fonte, vêm tentando se especializar nos contextos da adversidade.

Outros estudos merecem destaque nesta análise. Nessa perspectiva, remete-se a Neves (2000). Em seu trabalho sobre as adversativas, ela apresenta algumas estratégias viáveis para se analisar tais construções, tomando como modelo o protótipo da categoria (o *mas*), observando as diversas nuances por ele apresentadas, enquanto macroestrutura da oposição.



Neves (2000) acredita que os segmentos coordenados por *mas* podem ser sintagmas, orações e enunciados, e, posteriormente, apresenta os valores semânticos mais comuns assumidos pelo item:

- Contraposição
- Eliminação

Desses dois valores, a autora extrai algumas subfunções, conforme lista, a seguir:

## 1 Iniciando sintagmas orações ou enunciados em função atributiva

### 1.1 Contraposição:

Em direção oposta marcando contraste entre positivo e negativo:

*Será que pé gasta? Diz que de quem trabalha em salina gasta. MAS eu não; agora sou jornalista. (VI)*

Em direção oposta marcando contraste entre negativo e positivo:

*Obra que não se escreve com a pena, mas que se realiza com a luta. (COR-O).*

Em direção oposta marcando contraste entre expressões de significação oposta:

*Vou bem. MAS você vai mal.*

Em direção oposta marcando contraste simplesmente entre diferentes:

*Muitos dos nossos homens dispuseram-se com nobreza e veemência a desfazer, aos poucos MAS constantemente, equívocos passageiros. (JK-O)*

Em direção oposta marcando compensação envolvendo gradação:

*E então não me cansava de chutar o freguês. Malhar, malhava: MAS agora, com aquele bicho gordo eu não podia. (DM)*

Em direção oposta marcando compensação não envolvendo gradação:

*Tinha de resignar-se a tolerar, durante algumas horas, a presença de Susana, seu olhar sardônico, as vingativas perguntas que não deixaria de fazer. MAS havia o menino, conversaria com ele. (FP)*

Em direção oposta restringindo por acréscimo de informação acrescentando um termo:

*Casou-se. Mas não foi com a Luízinha. (BS)*

Em direção oposta restringindo por acréscimo de informação acrescentando um circunstante limitador:

*Contemporâneos do cristo, sim. MAS de forma tremendamente mais realista do que o formulara Kierkegaard. (NE-O)*

Em direção oposta restringindo por acréscimo de informação acrescentando uma qualificação restritiva:

*Queria que o filho fosse ministro, sim, MAS ministro protestante. (COR-O)*

Em direção oposta negando inferência:

*O bar do porco era velho e fedia: era muquinfo de um português lá onde, por uns mangos fuleiros, a gente matava a fome, engulindo uma gororoba ruim, preta. MAS eu ia. (MJC)*

Na mesma direção:

*O sertão, para ele, não é uma coisa, MAS principalmente uma idéia e um sentimento. (FI)*

Em direção independente:

*Gostaria de ver o Zico na gávea até a morte, MAS reconheço que ele tem direito a este último contrato milionário. (PLA)*

## 1.2 Eliminação:

Eliminação com referência temporal com negação de subsequência natural sem colocar nada no lugar:

*Abriu a boca para responder à insolência. MAS conteve-se. (M)*

Eliminação com referência temporal:

*Experimentou calcular se estaria perto ou longe daquilo que acontecia em algum lugar. MAS parava, e de novo o silêncio do sol se refazia e o desorientava. (M)*

Eliminação sem referência temporal com negação do 1º membro:

*Você pensa que sabe, MAS não. (A)*

## 2 Empregos em início de turno (início de turno - pragmática)

### 2.1 Contraposição

Em direção oposta com restrição ao que foi enunciado:

*Você não acha ridículo um velho amar? MAS nem você tem a idade de Goethe, nem ela é jovem como Betina Brentano. (VN)*

Em direção oposta com restrição por pedido de informação:

*Pois se não quiser trazê-la não traga (...) \_ MAS porque lhe é tão importante conhecer a moça pessoalmente? (CO)*

Em direção independente sugerindo um novo argumento para consideração:

*E se a danadinha batesse com a língua nos dentes? Não! A pequena não era boba... até bem sabida, logo se via. MAS se começasse a achacá-lo?- estremeceu. (DM)*

Em direção independente mudando-se o foco de narrativa ou de conversa:

*Elvira está ótima, não? Felizmente. MAS de que é que estavam falando? (VN)*

Em direção independente introduzindo-se novo tema que contrasta com o anterior:

*Depois (as mulheres) falavam de roupas, sem constrangimentos. De roupas, de empregadas e do zelo com as crianças (...) MAS os homens permaneciam no outro canto da sala e um deles contava coisas de viagem. (CBC)*

## 2.2 Eliminação

- O enunciado elimina de certo modo o anterior:

Eliminação sem nenhuma recolocação:

*\_ Terá sido mesmo? MAS não, não pode ter sido. (FP)*

Eliminação por recolocação:

*\_ Era como as outras pessoas? \_ MAS, pelo amor de Deus, minha filhinha, não me faça mais perguntas. (CC)*

Eliminação por rejeição de algum elemento de enunciação:

*Na portaria do hotel, mal fechei a porta, a dona espantou-se: \_ MAS o senhor lá fora com um tempo destes! (MP)*

Essas referências serão retomadas na análise individualizada do *mas*, quando servirão de guia para identificar as subfunções assumidas pelo referido conector no contexto pesquisado.

Outro trabalho a ser visitado é o de Tavares (2003). Trata-se de sua tese de doutorado que investiga a seqüenciação retroativo-propulsora de informações na interação entre interlocutores de Florianópolis. A investigação se debruça sobre as formas mais recorrentes no contexto relacionado pelos conectores *e, aí, daí e então*, os quais, depois de gramaticalizados, experimentam outras funções na língua, dentre elas, a de adversativos, em alguns contextos específicos.

É interessante contemplar Tavares porquanto aborda esses conectores em função, em uma proposta que busca explicações no modelo funcionalista, dando ênfase à gramaticalização e ao modelo sociolingüístico variacionista.

Merece atenção ainda o trabalho de Longhin (2003), *A gramaticalização da perífrase conjuncional só que*, o qual apresenta uma descrição detalhada do comportamento dessa expressão. A autora entende que as ocorrências de *só que* compartilham o sentido pragmático de quebra de expectativa, sentido particularizado por condições contextuais que assinalam as cinco acepções da expressão:

- a) marcador de diferença
- b) marcador de acontecimento inesperado (surpresa)
- c) marcador de refutação
- d) marcador de não satisfação de condição
- e) marcador de contra-argumentação

Para a autora (p. 206), em termos mais gerais,

*só que* é um operador de foco que acrescenta uma circunstância em geral nova, não considerada até o momento e que a apresenta como sendo única que se justifica adicionar. Esse elemento contrasta com tudo mais no tipo de conclusão que autoriza e é suficiente para tornar inválida uma generalização previamente considerada.

Ela ainda reforça a idéia intuitiva de que *só que* é uma conjunção típica de natureza coordenativa.

É uma análise que será, particularmente, importante para referenciar o estudo geral do *só que* no enfoque ora desenvolvido, uma vez que a forma perifrástica mencionada é um ocorrente de freqüência perceptível no contexto da oposição no D&G.

Todos os trabalhos citados serão de importância singular para o desenvolvimento desta pesquisa.

## **4 ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS**

A análise interpretativa dos dados será distribuída em um capítulo, onde se apresentam os dados gerais e a análise panorâmica<sup>18</sup> dos itens que se apresentam na fonte investigada como adversativos, aplicam-se os princípios do funcionalismo a categoria de conectores sob averiguação e se faz uma análise diferenciada do conector *agora*.

### **4.1 PERFIL FUNCIONAL DA ADVERSIDADE**

---

<sup>18</sup> A análise panorâmica envolve o rastreamento da etimologia dos termos em dicionários latinos e outras referências, bem como a investigação das diversas nuances assumidas pelos itens no contexto de uso.

Concebida como a junção de segmentos que se opõem no fluxo discursivo, a adversidade é aqui retratada numa análise contemplativa de aspectos semântico-discursivos.

Acreditando que a gramática atua de forma emergente (HOPPER, 1998) e que o sistema de regularidades para se fixar na língua dependerá da frequência do uso, em primeiro lugar, debruça-se sobre o levantamento dos itens mais freqüentes no *corpus*. Em um segundo momento, elege-se os itens mais recorrentes e entre eles procede-se a escolha daquele que será estudado mais detalhadamente, mediante alguns critérios específicos.

Analisado o comportamento dessas construções que trazem a marca do conector de adversidade na comunidade de fala do natalense, em outra seção aplica-se-lhes os princípios da iconicidade e da marcação, comprovando-se o item prototípico da categoria; em seção posterior, analisa-se o comportamento do item *agora* para, então, compará-lo com o prototípico.

Durante o percurso de averiguação das ocorrências de conectores adversativos, os dados revelam os possíveis representantes da categoria em condições semântico-pragmáticas, ou seja, numa análise permeada por critérios que contemplam aspectos relativos ao ato de produção de sentido, envolvendo contexto situacional, tipo de ato de fala, a intenção, valores e crenças dos participantes da ação verbal.

Por isso, a análise vai além do eixo sintagmático. Os segmentos conectados não são baseados nos critérios tradicionais de bipartição austera entre coordenação e subordinação. Outros fatores relacionados ao fluxo do pensamento estão envolvidos no *continuum* que envolve a junção, de modo que se descarta o trabalho baseado em critérios demarcatórios rígidos.

De posse dos dados, constata-se que os mesmos são reveladores de tendências de uso das construções, que, para a realização da oposição recorrem aos mais variados conectores; muitos deles sequer constam nos manuais ou gramáticas tradicionais. Vejam-se:

**Tabela 1:** Frequência geral dos conectores adversativos na comunidade de fala do Natal

<b>CONECTOR</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>%</b>
mas	269	65,6
e	64	15,6
aí	38	9,2

agora	26	6,3
só que	10	2,5
no entanto	2	0,5
já	1	0,3
<b>TOTAL</b>	<b>410</b>	<b>100</b>

Em verdade, os itens aqui relacionados figuram nas construções do *corpus* como contrajuntores, porém se observa que apenas o *mas* e o *no entanto* são, talvez, os itens reconhecidos pelos estudiosos do português tradicional como representantes da adversidade. O “e” também já encontra abrigo entre os adversativos por alguns gramáticos mais inovadores que, algumas vezes, produzem reflexões sobre sua multifuncionalidade.

É estranho que o item *porém*, geralmente o segundo item das relações apresentadas pelos gramáticos tradicionais, não tenha tido presença em nenhuma das construções opositivas do *corpus* analisado.

Postula-se que os demais itens, *agora*, *aí*, *só que* e, *já*, apresentem características comuns ao *mas*, de modo que possam ser notificados como conectores adversativos no processo de categorização e etiquetamento dos fenômenos do mundo.

Em termos quantitativos, os dados totais da amostra somam 410 ocorrências, envolvendo situações que carregam a marca dos conectores adversativos. Do total, 269 trazem a marca do conector *mas*, detentor de 65,6% das ocorrências.

É notório que o *e*, *aí* e *agora* disputam um lugar na estrutura da adversidade no discurso natalense. Entretanto, é valioso considerar que os citados itens já assumem outras funções pragmático-discursivas na língua.

O *e*, por exemplo, é considerado pela tradição o prototípico das conexões aditivas; o *agora*, representante das construções temporais, e o *aí*, um circunstanciador espacial.

A expressão perifrástica *só que* obteve o percentual de 2,5% da preferência do usuário natalense. Apesar de não constar nos manuais da tradição, a expressão já se regulariza como adversativa e é reconhecida pelos estudos funcionalistas, como assim constatou Longhin (2003). Segundo a autora, existe uma tendência da expressão perifrástica compartilhar o sentido pragmático de quebra de expectativa, sobretudo, particularizado por condições contextuais.

Outro fenômeno curioso e digno de observação é o fato do item *no entanto* ocorrer apenas em duas construções. Como se sabe, é comum entre os gramáticos incluir o item em menção entre os segmentos adversativos, muito embora, alguns estudos funcionalistas, como o de Neves (2006), considere fluida essa classificação, justificando que esse elemento não passa nos testes que poderiam lhe conferir tal estatuto. Entre os testes, segundo a mesma autora (p. 263), inclui-se a possibilidade de co-ocorrer com um coordenador como *e* ou *mas*, ou ocorrer separado por vírgula. Entretanto, não se comunga desta posição.

Em razão da presente investigação se debruçar sobre a modalidade de língua oral, registram-se também ocorrências adversativas mediante o elo *mais = mas*. Entendendo que essa é uma variação fonológica do *mas*, tais ocorrências foram incluídas na contagem do conector *mas*.

#### 4.2 PERFIL DO USO SE CONTRAPONDO À TRADIÇÃO

Como a pesquisa pretende investigar quais os itens que se manifestam no contexto natalense como adversativos e se esses são reconhecidos pela gramática tradicional como tais categorias, é relevante também registrar quais os conectores identificados nos dados do D&G de Natal que apresentam comportamento de adversativos, porém não são assim reconhecidos pela tradição.

**Tabela 2:** Conectores adversativos registrados na amostra ainda não reconhecidos pelos estudos tradicionais

<b>CONECTORES</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>%</b>
aí	38	50,6
agora	26	34,6
só que	10	13,4
já	1	1,4
<b>TOTAL</b>	<b>75</b>	<b>100</b>

Conforme os dados, das quatrocentas e dez ocorrências de construções adversativas, setenta e cinco delas (18,29%) revelam segmentos conectados por itens adversativos, os quais a gramática tradicional não reconhece.

Os quatro itens mais freqüentes nos dados, os quais figuram como representantes da adversidade, pela ordem de preferência, são o *mas*, *e*, *aí* e *agora*.

Dos quatro eleitos, o *mas* é reconhecido pela gramática tradicional como representante maior da categoria e o *e*, algumas vezes, é reconhecido pela sua



multifuncionalidade. Autores como Cunha (1986) revelam outros matizes significativos assumidos por esse conector, e, dentre eles, cita-se o valor de adversativo que o item experimenta em algumas relações, restando, pois, para o *aí* e o *agora* a disputa por um espaço maior na análise.

Com base nos critérios estabelecidos para a presente investigação, o escolhido será aquele que não foi objeto de estudo recente na UFRN-PPgEL. Como o *aí* vem sendo estudado por Tavares (2003, 2006) e Confessor (2008), o **agora**, portanto, será o item eleito para a análise mais pormenorizada. Os demais itens se submeterão a uma análise panorâmica de rastreamento de suas origens etimológicas em dicionários e outras referências, bem como se identifica as suas ocorrências no contexto de uso.

#### 4. 3 CONECTORES ADVERSATIVOS

##### 4.3.3 Mas

Consoante Barreto (1999), *mas* se originou do advérbio latino marcador de comparação *magis*, juntou-se em ação posterior à conjunção *sed* (conjunção adversativa mais recorrente no latim), e passou a ser usado isoladamente, suplantando o *sed*.

Para Neves (2006, p. 248), o valor semântico básico do *mas* é o de desigualdade, o qual remete ao seu sentido latino de marcador de comparação.

A autora argumenta que, em termos básicos,

o *mas* expressa a relação entre dois segmentos de algum modo desiguais entre si: cada um deles não só é o externo ao outro (co-ordenado), *mas*, ainda, é, marcadamente, diferente do outro.

Partindo-se dos princípios básicos do elemento, Neves propõe uma incursão pela análise semântica do enunciado maior, considerando também os fatores discursivos.

Nas suas indicações para o coordenador, Neves (2006) assevera que, como “zonas nebulosas de interferência”, o *mas* passa por uma escola gradual de desigualdade > contraste > contrariedade > desconsideração > anulação.

Ainda ressalta a mesma autora que as dessemelhanças só podem ser assentadas na base das semelhanças, assinalando como traços característicos da relação adversativa “o reconhecimento de uma entidade, para posterior registro de sua desconsideração, negação, anulação, rejeição” (p. 250).

Assim sendo, considera que, em todo enunciado que traz a marca do *mas*“, há algo de oposição (que vai de um mínimo, a condição de simples desigualdade, a um máximo, a anulação), e algo de admissão, que vai de um mínimo, o simples reconhecimento ou registro de existência, a um máximo, a concessão” (p. 250).

Cunha (1986), conforme já foi comentado em seção anterior, comenta sobre os valores afetivos apresentados pelo *mas* e ressalta que, além da idéia básica de oposição, de contraste, o *mas* pode exprimir restrição, retificação, atenuação/compensação, adição, entre outros.

Ainda fala da importância do emprego do item “para mudar a seqüência de um assunto, geralmente com o fim de retomar o fio de enunciado anterior que ficou suspenso” (p. 537).

Neves (2000) discorre também sobre o *mas*, definindo um conjunto de subfunções que o representa, originado dos seus dois valores semânticos principais: contraposição e eliminação (cf. capítulo 3).

E desta forma, ciente de que o conector vai além da sua função adversativa, ficando à mercê das transformações sofridas pelas pressões do ato discursivo, veja-se, a propósito, com que funções ou subfunções o conector referido se apresenta na fala do povo natalense<sup>19</sup> em posições relacionais.

**a) oposição por contraste-** opera na direção de um enunciado positivo para um negativo ou vice-versa, mediante expressões de sentido contrário ou simplesmente entre diferentes. A ocorrência abaixo ilustra a subfunção.

- (8) aí o menino nasceu ... nasceu aparentemente bom né ... **mas** quando foi pro hospital ... morreu no hospital ... (D&G, oral, p. 7).

<sup>19</sup> Vale salientar que o conector em tela já recebeu a atenção de muitos pesquisadores; é líder de ocorrências no contexto em análise, todavia por questões de escopo, não é foco desta pesquisa. Por isso, a análise baseia-se em princípios mais gerais de abordagens que se espelham em Neves (2000), Cunha (1986) e Silva (2005; 2006).

Em (8), a oposição se realiza através da existência de um contraste entre expressões de significação opostas (nasceu x morreu), muito embora se perceba uma informação que se intercala aos segmentos opositivos.

**b) oposição por compensação-** esse tipo de relação acrescenta ao segmento anterior uma compensação que resulta da direção contrária dos argumentos, conforme demonstra a ocorrência:

- (9) eu creio que sim ... como eu falei pra você a pouco ... pelo menos eles iriam pensar mais ... ficar na cadeia ...né? tá certo que na cadeia assim ... num tem tanto privilégio assim ... né? sofre muito ... **mas** pelo menos tá com a vida lá feita ... tá lá ... né? comendo ... dormindo ... mesmo ruim ... mas tá ... né? (D&G, oral, p. 108).

Observa-se em (9) que o *mas* conecta-se a uma contraposição de compensação denunciada pela afirmação do informante de que o indivíduo sofre, porém ganha a recompensa de “tá com a vida lá feita”. Para ele, o direito a casa e comida parece ser um ato de reparação ao fato de sofrer na cadeia.

**c) oposição por restrição** - opera pela adição de informações ao segmento anterior. Eis a ocorrência:

- (10) esse aqui já é um ciúme né? aí acaba ... sempre o ciúme ... tá certo ... olha ... o ciúme ... só um pouquinho ... **mas** muito demais ... o homem não gosta ... eu acho que o ... os rapaz nenhum gosta ... porque já fica chato ... (D& G, p. 151).

Além das palavras que se opõem (pouquinho X demais), revelando contraste entre expressões de cargas semânticas opostas, o argumento primeiro limita circunstancialmente o ciúme, contrapondo com uma informação que extrapola o limite da aceitação, gerando a adversidade.

**d) oposição por negação** - a negação pode ser obtida pela oposição que se faz ao argumento anterior, com manutenção do fato. Por outro lado, pode ser obtida também da insuficiência da asseveração que não permite a inferência. Confere-se mediante a ocorrência (11).

- (11) eu acho um casal lindo... quando eles tão unido... que se dão bem... que um é fiel a outro... não com confiança... que num confia... tá certo que:: tem um... tá certo que eles falam assim... confie em mim... **mas** é difícil a pessoa confiar ... (D&G, oral, p.151).

Na situação acima, percebe-se o reconhecimento do discurso do outro, porém ele é mantido pelo segmento "... mas é difícil a pessoa confiar", confirmando a situação adversa.

Na posição de início de turno, do momento interativo entre entrevistador e entrevistado, ou de "introdutor de perguntas" (SILVA, 2006), adota-se a subclassificação:

- a) solicitador de esclarecimentos
  - b) recuperador temático
  - c) propulsor de progressão temática
  - d) contrapositor concessivo<sup>20</sup>
- Solicitador de esclarecimentos – nessa subfunção, a propósito do enunciado anterior, o entrevistador intervém junto ao informante para extrair mais informações sobre o contexto da conversa, como se pode vislumbrar na ocorrência seguinte:

- (12) muitos animais são ... sacrificados quando há ... existe seca no Rio Grande do Sul naquela reserva ...  
 E: **mas** por qual motivo?  
 I: porque seca tudo ... as reservas de água secam e eles vão ... vão se acabando ... ficam pouquíssimos animais ...  
 E: sei ... (D&G, oral, p.45)

<sup>20</sup> A subclassificação aqui adotada é baseada mais especificamente em Silva (2006).

Na ocorrência (12), o entrevistador tenta extrair mais informações a respeito do motivo pelo qual os animais são sacrificados, através do pedido de informações adicionais.

- Recuperador temático- o *mas* se conecta a um segmento em que o entrevistador controla o entrevistado para se ater ao tema em foco.

(13) E: **mas** você acha que esses programas deveriam estar sendo apresentados?

I: veiculados? eu acho que sim Marcos ... a verdade ela tem que ser ... mostrada mesmo que incomode ... mesmo que alguns ... num tenham estômago pra assistir ... ((riso)) mas outros terão ... e ... e às vezes eu me ... eu me obrigo a assistir pra saber do que está acontecendo e ... e ter a minha ... minha própria opinião formada sobre esse ... sobre o que está acontecendo no ... no país ... eles ... é só isso ...

E: **mas** é ... você ... assiste com frequência a televisão?

I: não Marcos ... eu ... eu gosto mais de ler ... eu fico mais lendo ... o ... tempo que eu tenho é à noite pra assistir TV e ... e ... eu só assisto se tiver passando alguma coisa interessante ... e eu ouvir aqui do meu quarto ... alguma coisa que ... gosto de assistir o jornal das oito ... assisto ... assisto é ... o jornal local também ... (D&G, oral, p. 74)

O exemplo (13) mostra situações em que o entrevistador toma o turno para manter o discurso vinculado ao tema em foco, sempre complementando e conduzindo as informações discursivas na mesma perspectiva direcional.

- Propulsor de progressão temática- o *mas* introduz um novo tema, o qual contrasta com a informação do segmento anterior, fazendo progredir a temática.

(14) aí pegou um:: negócio aí ficou:: aí abriu assim ... fez assim ...aí abriu ... tinha ... tinha um ouro assim ... aí abriu assim ... o:: o negócio ... aí tinha um monte de ouro em pó ...

E: sim ... **mas** você tá me contando uma história e isso você já fez né? ... eu só quero saber da sua opinião ... que que você acha ... das coisas que passam na televisão? se são boas ...

(D&G, oral, p. 193)

O entrevistador pressiona o informante para progredir no tema, sugerindo, questionando, numa situação que controla o andamento da seqüenciação e organização do discurso. Observa-se que o informante estava contando algo sobre o qual já havia falado, e dessa forma o entrevistador retoma o turno para apontar outra direção que o discurso deve seguir.

Na ocorrência abaixo, identifica-se uma ocorrência de um contrapositor concessivo.

- (15) ...pena de morte ... sim ou não ... você acha ... que é que você acha a respeito dessa jogada de responsabilidade pra cima do povo brasileiro? porque é o povo que vai decidir ... qualquer:: qualquer fracasso ... tanto pro sim ... quanto pro não ... foi o povo que decidiu ...  
 I: isso é uma responsabilidade muito grande ... sabe? e que vai refletir bastante ... né?  
 E: vai ...  
 I: porque depois que tiver tudo bonitinho ... já vigorando ... né ... aí as pessoas ficam arrependidas ... o mal é esse ... sabe? porque ... eu pelo menos eu assim ... se eu decidir uma coisa vou até o fim ... eu não digo que tá errado não ... ((risos))  
 E: **mas** o que você acha?  
 I: é:: eu votei sim ... então vai ser sim ... pronto e acabou-se ... (D&G , oral, p.111)

No fato de o informante declarar que, se decidir por algo, mesmo que esteja errado, ele vai até o fim, e mesmo assim o entrevistador ainda insiste em saber o que acha da pena de morte percebe-se a contraposição gerada pelo ato discursivo com nuances que podem alcançar a concessividade. A concessividade pode estar no fato contrário à ação principal, mas incapaz de impedi-la.

- A COCORRÊNCIA DO CONECTOR

A presença de conectores que disputam vagas nas relações de contra-expectativa co-ocorrendo e atuando de forma combinada num mesmo contexto, *mas aí*, *mas só que*<sup>21</sup> é um fato significativo de observação.

- (16) ...porque eu li muito Saint-Exupéry na minha adolescência e início da juventude ((riso)) e ele falava do amor que ele sentia pelas estrelas ... pelo pôr-do-sol ... pelo nascer do sol ... o pôr-do-sol ... aí passou o medo ... nessa hora eu olhei mesmo pra o horizonte ... pras nuvens **mas aí** quando o avião já tava ... já estava próximo de ... se aproximando de São Paulo mesmo da cidade que ele ... ele ... como é que se diz ... ele perdia altitude né? (D&G, oral, p.41).
- (17) ...acho que deve se dar chance a essas pessoas ... **mas só que** ... veja só ... o ensino público é muito mais escolas ... então há uma:: uma cultura e tudo ... então ... você tem que formar primeiro a base para melhorar estado ... município ... (D&G, oral, p.91)
- (18) ...: hum hum... quero falar mais... **mas só que**... eu não quero falar mais nisso...  
E: quer falar sobre o quê? (D&G, oral, p. 190)
- (19) ...sabemos que existe ainda...feudos de dominação... sociedade de dominação... é:: dentro do nosso país... do que uma novela daquela... **mas se bem** que nun deixavam de ter seus personagens feudais como o Senhorzinho Malta era? não é... aquele lá o Lima Duarte e a ...Renata Sorah... eram senhores feudais mas... diluídos dentro de um tema... (D&G, oral, p.72)

A esse respeito, Tavares (2003) se posiciona, e remete a Bybee, Perkins & Pagliuca (1994, p. 07) para justificar que os itens lingüísticos, ao passarem pela gramaticalização adquirem redução e dependência semântica, tornando-se sintaticamente mais rígidos em suas posições, como também nas relações de escopo com os outros elementos.

Nas palavras de Tavares (2003, p.16) “relacionado à fixação do escopo, está o desenvolvimento de exclusividade mútua entre membros de um domínio funcional, o que permite seu emprego simultâneo”. Diante disso, a autora compreende que a

<sup>21</sup> Foram verificadas no *corpus* 16 ocorrências do **mas aí**, 02 ocorrências do **mas só que** e 01 ocorrência do **agora... mas**.

co-ocorrência é uma evidência de que os itens envolvidos estão se gramaticalizando.

No entanto, como os itens não constituem objeto de estudo pormenorizado dessa investigação, não foram computados para os resultados gerais. Apenas foram citados, para não se ignorar pontos importantes que podem sinalizar para o processo de gramaticalização de tais formas.

#### 4.3.4 E

De acordo com Barreto (1999), a origem da conjunção *e* remete à conjunção latina *et*, que, por sua vez, provém do advérbio *eti= além de* (indo-europeu).

Ainda no latim, a forma sofreu recategorização, passando a indicar a cópula de elementos *e*, com esse valor semântico, se fixou como conjunção, dando entrada na língua portuguesa e outras línguas românicas.

O *e*, apesar de sua condição predominantemente aditiva, desempenha várias funções na organização discursiva. Sua história multifuncional não é recente.

Cunha (1986) já enumerou os vários matizes assumidos pelo item: adversativo, concessivo, consecutivo, conclusivo, final, explicativo, interjetivo, entre outros.

No *corpus* em análise, o item também apresenta manifestações multifuncionais; entretanto, interessam a este trabalho as ocorrências em que o termo adquire o valor adversativo.

Conforme expressam os dados da amostra, o item funciona como adversativo em 64 (15,6%) ocorrências detentoras da marca do conector adversativo, articulando-se em segmentos tópicos e oracionais.

No nível do segmento tópico, as informações se conectam, entretanto, antes do conector, o falante faz uma pausa, interrompe o fluxo do pensamento, para então processar o segundo segmento que dá continuidade ao primeiro, como mostram as ocorrências seguintes:

- (20) ... e com pena de morte ... antes de:: qualquer pessoa ... cometer algum crime ... de assassinato ... ele ... pelo menos eles pensariam ... “não ... eu vou pagar por isso com a minha vida” ... e sem pena de morte não ... eles levam uns anos de cadeia ... têm bons advogados ... você sabe que ... até



pra criminosos ... os advogados ... né? tem bons advogados ... de repente sai da cadeia ... mata do mesmo jeito ... (D&G, oral, p.108)

- (21) ... pessoas sequestram ... de repente você ... a família fica ainda com a esperança que ... a pessoa esteja viva ... né? e eles ficam embromando ... embromando ... depois tá morto ... e os pedaço cada um de um lado ... isso é um crime muito bárbaro ... e vai continuar ... você vai ver ... vai continuar cada vez mais esses crimes ... (D&G, oral, p.108)

Essa posição intersegmental tópica é a que predomina na fala do natalense, sobretudo na amostra ora analisada, cujas construções adversativas contraem elo através do *e*.

Em (20), há uma comparação implícita entre o comportamento das pessoas com a aplicação da pena de morte e sem a aplicação dela. O *e* conecta uma informação que nega o segmento posto anteriormente, gerando a controvérsia, sobretudo pela força semântica das preposições *com / sem*.

Mas a adversidade se manifesta também pela força do segmento mais forte e de saliência mais ativada do que o primeiro. É o que se exemplifica na ocorrência (21). O fato de a família ter esperança contradiz com a “embromação” dos seqüestradores, cuja ação culmina para o desfecho fatal da morte do seqüestrado, o que gera a quebra de expectativa, a diferença.

O segundo *e* do mesmo exemplo atua também em uma relação básica gerada pela crença na diferença. O falante admite um fato (crime muito bárbaro), mas essa asseveração não é suficiente para impedir que o crime continue a acontecer. A expectativa emanada da norma cultural humana é que, se o crime é considerado bárbaro, talvez isso acionasse o espírito humanitário das pessoas para agirem de modo contrário, mas não é o que acontece. À contra-regra, o crime vai continuar.

Ao se articularem as informações entre orações, os conectores interligam segmentos em maior grau de integração, sem margens para pausas (TAVARES, 2007a). Vejam-se:

- (22) ... aí fiquei quase esse tempo todinho que passei no hospital numa cadeira de roda ... tinha medo de ... de ... de ... de levantar e num poder andar ...

interessante ... num sentia dor nenhuma mas eu ... eu tinha medo num sei por que ... (D&G, oral, p.7)

- (23) ...acho que Deus não está em muita gente ali ... porque a igreja passa a ser um ritual ... você vai todo domingo ... muitas vezes você vai e não está ali ... enquanto que se você estivesse em casa ... estivesse conversando com ele ali você estaria com ele ... então o importante é ter Deus dentro de si ... não importa o caminho que você utilize ... se é catolicismo ... se é ... como é que se diz? (D&G, oral, p. 27)

Em (22), a oposição se materializa no caso em que o falante põe o enunciado para, em seguida, se pressupor o possível contraste, situação em que o *e* engata uma relação entre a expectativa positiva que o interlocutor teme não acontecer. Geralmente o ato de levantar pode levar ou não o ser humano a andar, e dessa forma, mesmo com todas as condições favoráveis, estabelece-se um temor de que isso possa não acontecer, configurando, pois, o caráter de adversidade entre os enunciados.

Na ocorrência (23), o traço da adversão se revela no conflito entre o acontecido e o inesperado, mas possível. O entrevistado opina sobre o ritual das pessoas que levadas pelo hábito, vão à igreja, não obstante, a ação de ir parece insuficiente para produzir a inferência de sua doação a Deus. Por isso, o falante direciona o pensamento para a possível existência da informação nova, ocasionada pelo fato desviante da norma (“e não está ali”), comportamento que pode ser observado entre algumas pessoas freqüentadoras da igreja.

O *e* ainda se apresenta em início de turno, posição semelhante a do *mas* na função de assaltar o turno. Essas ocorrências, porém, são restritas a um número bem pequeno, no *corpus* em análise.

- (24) e sem pena de morte não ... eles levam uns anos de cadeia ... têm bons advogados ... você sabe que ... até pra criminosos ... os advogados ... né? tem bons advogados ... de repente sai da cadeia ... mata do mesmo jeito ... como o crime de Daniela Perez foi muito ... cho/ chocou todo mundo ... né?  
E: hum hum ...

l: e têm pessoas que é contra ... contra ... contra esse ... essa pena ... de morte aqui no Brasil ... (D&G, oral, p.108)

Na ocorrência (24), o fato do crime cometido contra Daniela Perez ter chocado o mundo inteiro não é suficiente para que as pessoas se manifestem a favor da implantação da pena de morte no Brasil. Então, o informante assalta o turno por meio do *e* para mostrar que a força da asseveração do argumento anterior nega a consecução implícita.

#### 4. 3. 3 *Aí*

Busca-se a história do *aí* em trabalhos de Tavares (2003, 2007), os quais envolvem a análise de *e*, *aí*, *daí*, *então* em relações retroativo-propulsoras.

Segundo a autora, *aí* provém da forma arcaica *I* (ou *HI*), à qual se juntou em processo aglutinativo a um prefixo *a* (intensificador/enfático). O *i* deve sua origem ao *IBI* latino, cuja significação é “nesse lugar” e “nesse momento”.

Como se percebe, já em sua origem, o termo assumiu papéis de múltiplos usos, uma vez observado que provém de referências locativas e temporais.

Tavares (2003) aponta a seguinte trajetória para a evolução da forma: *dêixis locativa* > *anáfora locativa* > *anáfora temporal* > *seqüenciação retroativo-propulsora* ou a passagem pode acontecer da *anáfora locativa* para a *seqüenciação*.

A autora argumenta que os papéis desempenhados pelo *aí* não acabam na *seqüenciação*, mas esse pode ser um ponto de onde convergem as funções outras assumidas pelo item no período pós-*seqüenciação*.

Dentre as funções assumidas encontram-se o *aí* com marcas da adversão, ou, nas palavras da autora, “exibindo um contraste, uma antítese entre as informações conectadas, e possivelmente, disputando espaço com outras formas adversativas como *mas*, *só que*, *já e agora*”.

No *corpus* D&G, o destino da forma não é diferente. Além de assumir funções semelhantes às apontadas por Tavares, disputa vagas na adversidade em 38 (9,2%) ocorrências, competindo e buscando espaço entre informações antitéticas, conforme exemplos a seguir:

- (25) se desvalorizam ... podendo ela chegar ... quando tiver ... pegando ... dá uma tapa na cara ... uma bofetada assim ... “ei ... me respeite seu cabra” ... **aí** não ... num fazem isso não ... “ai num pegue não ... num pegue nisso aqui ... num sei aonde” ... a meu Deus do céu ... nã ... sou não ... num sou dessas não ... (D&G, oral, p.150)
- (26) eita ... ele vai já falar alguma coisa” ... **aí** num falava nada ... **aí** quando foi ... eu tava assim de costa ... **aí** quando ele passou ... **aí** eu olhei ... menina ... todos dois se olharam juntinhos ... (D&G, oral, p.152)

Vale registrar que a maioria das ocorrências conectadas pelo *aí* com força adversativa se materializa a partir de um enunciado positivo contrariado pelo enunciado que traz alguma marca de negação.

Em (25), o argumento do interlocutor exortando as garotas para que exijam respeito é contrariado pelo argumento posterior “num fazem isso”, numa demonstração de negação do que o entrevistado propõe. A negativa é representada pelo “num”. Em (26), *aí* introduz um enunciado que contrasta com seu enunciado anterior, cuja contraposição é assinalada não só pela presença do “num”, mas também pelas duas expressões de valores semânticos opostos (alguma coisa x nada). Daí, pois, registra-se a diferença entre o dito e o contradito.

As ocorrências acima são uma amostra de como a adversidade marcada pelo *aí* se manifesta no discurso de Natal.

#### 4.3.4 Agora

Martelotta (2004) recorre a Machado (1977) para explicar a origem da forma “*agora*”. Provinda do sintagma nominal latino *hac hora* (*esta hora, neste momento*), o *hac* (=por aqui) representa o advérbio espacial dêítico, estabelecendo uma relação de proximidade entre os falantes.

Houaiss, Vilar e Franco (2004), baseados no Índice do Vocabulário do Português Medieval, compartilham do mesmo pensamento e vão mais adiante traçando uma linha evolutiva do termo do século XIV ao século XVI, assim demonstrada: *agorra* > *aguora* > *haguora*.

Rodrigues (2002) explica que a origem do termo remete a “*nunc*”, forma que deu origem a *hac hora* e *hora* e posteriormente *agora*, *ora* e *hora*, posição

confirmada pelas ocorrências do latim mais antigo, presentes em exemplos de Cícero, Virgílio e Plauto:

*Nunc* > *hac hora* > *agora*  
*hora* > *ora e hora*

No português contemporâneo, em seu uso canônico, a forma assume o valor de *neste momento*, advérbio dêitico temporal.

Segundo Votre, Cezário e Martelotta (2004), a fusão entre noções de espaço e tempo já se manifesta na língua, através de vários outros casos.

É relevante considerar que esta trajetória assinalada pela forma originária “esta hora”, “neste momento”, marca uma passagem de advérbio espacial dêitico para advérbio dêitico temporal e posteriormente para o campo discursivo. Esse percurso corrobora a percepção de que ocorreu uma mudança trajectorial *espaço* > (*tempo*) > *texto*, conforme Heine, Claudi e Hünne Meyer, (1991).

Traugott e Heine (1991) propõem que as formas se associam a novos significados, os quais são mais abstratos, partindo da noção de espaço, podendo ou não passar pela noção de tempo até percorrerem as categorias mais abstratas do texto.

Da condição de temporalidade da “dêixis”, as construções que abrigam o item realizam movimentos nos enunciados, e evoluem para uma posição relacional, mais voltada para o plano discursivo. Nesse ponto, “*agora*” exerce valores de conector, cujo papel é servir de nexos ou elo a frases, proposições ou orações que de alguma forma se opõem.

O *Corpus* D&G de Natal registra 26 (6,3%) ocorrências do elemento nessa função. Confirmam-se os dados:

- (27) I: a informação é imediata ... **agora** ... uma coisa que me preocupa ... hoje em dia na TV ... é .. os programas infantis principalmente ... eu vejo que as crianças elas ... assistem e copiam esse modelos da TV né... (D&G, oral, p.70).
- (28) isso pra criticar ... outras não têm o mínimo interesse mesmo ... não querem saber de Jesus ... quanto mais de religião ... então elas usam esses tipos de escândalos essas coisas que acontecem pra criticar ... né ... criticam

bastante ... **agora** ... tem o outro lado que a gente vê assim nas pessoas não-crentes ...(D&G,oral, p.125)

Em (27), apesar do movimento de parada, de pausa reflexiva, para então projetar o pensamento para frente, com força de informação nova. Nesse transcurso de conversa o informante compartilha com o ouvinte idéias que, de certa forma, se opõem à declaração inicial. Ele começa declarando que a informação é imediata, porém contra-argumenta, apontando que os programas infantis influenciam o comportamento das crianças, configurando-se uma dicotomia do bem contra o mal. A força do argumento contextual compensatório contracena com um contraponto que gera a preocupação. Isso leva a crer que existe uma relação de adversidade entre as partes enunciativas que contraem elo com o *agora*, cujo valor contextual contrapõe-se às informações oracionais anteriores.

O exemplo (28) revela também um comportamento bem semelhante a (27). Como se pode perceber, o termo *age* num contexto e logo após se segue uma pausa para dar seqüência ao fluxo discursivo, mas esta logo é preenchida pela informação de caráter oposto, revelando nuances de um conector adversativo. Basta verificar a possibilidade de a construção ser parafraseável pela forma *mas*, eleita por muitas pesquisas anteriores o protótipo-base da categoria dos adversativos.

Dessa forma, verifica-se que há uma liberdade de estruturação entre as formas, quando partem para o discurso, numa demonstração de que o processo de categorização dos itens lingüísticos é maleável, de modo que no transcurso da fala, os elementos lexicais estão sujeitos a assumir posições variáveis, postura que se contrapõe aos preceitos ditados pela gramática tradicional.

O item *agora* será retomado em seção posterior.

#### **4.3.5 Só que**

De acordo com Longhin (2003), a perífrase *só que* se criou dentro da nossa própria língua, através da reorganização de material já existente. A autora procura evidenciar que a expressão perifrástica de contra-expectativa é o resultado de um processo de gramaticalização da combinação de dois elementos da língua: *só* (operador de foco) e o *que* (partícula multifuncional).

A investigação de Longhin comprova que a perífrase coordena orações, sendo, em grande parte das ocorrências, intercambiável com *mas*, conector adversativo, muito embora, não necessariamente com as mesmas intenções, mas se apresenta em início de orações e é uma expressão indivisível.

Algumas notas da autora trabalham os elementos constitutivos de *só que*. O *só* veio da forma adjetiva latina (*solus*)- “único, desacompanhado”, acrescido à palavra mente (*somente*)- “unicamente, apenas”. No século XVI, o advérbio *somente* foi usado como conjunção adversativa (BARRETO, 1999).

Com relação à partícula *que*, esta apresenta um leque variado de funções, conforme o contexto em que está inserido: integrante, temporal, final, causal, consecutivo, concessivo e comparativo. Provém, segundo Câmara Júnior (1985 apud BARRETO, 1999) do interrogativo latino (*quid*), mas houve convergência em referência à comparativa (lat. *quam*) e à causal (lat. *quod*).

No *corpus*, ora analisado, registram-se 10 (2,5%) ocorrências da expressão de contra-expectativa, conforme amostra:

- (29) parte para o candomblé ... né ... a macumba ... propriamente dita ... não deixa de ser uma forma de atingir Deus ... porque eles também falam em Deus ... **só que** sob outro aspecto ... o candomblé também é dividido ... né ... eu não sou dessa religião ... não participo ... (D&G, oral, p. 26)
- (30) ... se investisse mais na ... na ... no ensino público ... obviamente teria:: porque a capacidade desse pessoal é a mesma do particular ... inclusive ... tem professor que ensina em colégio particular e em colégio público ... então ... **só que** agora em colégio particular ele recebe muito mais ... dá vontade de ensinar ... e no público não ... então ... se tiver esse incentivo ... (D&G, oral, p.91)

A contra-expectativa, em (29), é visualizada pela expressão “só que sob outro aspecto”, a qual define a diferença entre as demais religiões e a macumba. Em (30), há um jogo comparativo entre escola pública e privada, muitas vezes igualando alguns aspectos das duas. A contra-expectativa se manifesta no contexto em que o informante passa a comparar as duas facções no nível da diferença. Dessa forma, o fato de o professor de escola particular receber mais incentivos do que o de ensino

público produz a diferença, introduzida pelo *só que* para marcar o adverso do argumento anterior.

#### 4.3.6 No entanto

Está em Barreto (1999) a procedência da forma *no entanto*. Para a autora, *entanto* se formou a partir da preposição latina que se justapôs ao indefinido *tantum*, o qual originou o advérbio *intantum* (por isso). Daí, explica-se a forma *entanto*.

Barreto, ainda, afirma que o termo percorreu a seguinte trajetória de evolução: *advérbio* > *conjunção* e pode ter sido empregado a partir do século XVI. A princípio com a forma *entanto*; evoluiu posteriormente para *no entanto*, uso comum no nosso português escrito contemporâneo.

Apesar de constar em maioria das listas de conjunções adversativas das gramáticas tradicionais, na amostra do *corpus* em análise, registraram-se apenas duas ocorrências do item contrajuntivo, ou seja, 0,5 %.

- (31) tá todo mundo lá vidrado porque:: porque eles querem sonhar com a vida melhor ... mas eles só sonham ... **no entanto** ... querem receber aquilo ... não vê e pra abrir os olhos é difícil ... é preciso que haja alguém que invista mais na educação ...

(D&G, oral, p.36)

O caráter do adverso da ocorrência (31) parece emanar de condições cognitivas da mente do falante, que o fazem acreditar que o sonho por si só não é suficiente para se alcançar uma vida melhor. Dessa forma, a insuficiência da asseveração não pode permitir a inferência consecutiva de receber o benefício, delineando-se um perfil de contrariedade ao enunciado anterior, consignada a partir do item *no entanto*.

#### 4.3.7 Já

Segundo Ferreira (2004), *já* se origina do latim (*Jam*). Cunha (1986), Infante (2006) e outros gramáticos tradicionais o incluem na categoria dos advérbios de tempo.



Pereira (1923) o classifica como advérbio de afirmação, servindo a língua como reforço em frases afirmativas, entretanto, pelo exemplo por ele apresentado, o item parece mais adversativo. Observe-se: *Antônio é muito travesso, já Augusto não é assim*. O caso expressa uma comparação adversativa. Para se perceber o efeito adversativo é bastante fazer a permuta do *já* pelo *mas*: Antônio é muito travesso, **mas** Augusto não é assim.

No D&G, o elemento, além de advérbio de tempo, assume também o valor de conector adversativo, muito embora se manifeste em apenas 01 (0,3%) ocorrência, conforme dado a seguir:

- (32) . . . não sei o que que o povo tá pensando ... no começo falava muito em pena de morte ... né? (...) já pararam um pouco de falar ... mas antes ...  
 E: talvez depois do plebiscito volte ...  
 I: também isso ... né? tem agora esse assunto do plebiscito ... aí pronto ...  
**já** é outro assunto pra ... pra ocupar a cabeça do brasileiro ... né? (D&G, oral, p. 111)

Em (32) o *já* se envolve em uma relação de adversidade para marcar a mudança de assunto, uma vez que introduz outro tema diferente do que vinha sendo tratado anteriormente. Nessa relação, o interlocutor pressupõe que o tema novo possa ocupar a mente do brasileiro. A adversidade, dessa forma, se delinea através de um sistema de crenças avaliativas advindas de relações semântico-pragmáticas do mundo do falante.

#### 4.4 DA APLICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS FUNCIONALISTAS À ADVERSIDADE NA FALA DO USUÁRIO NATALENSE

Em conformidade com o exposto em capítulo do referencial teórico, passa-se aqui a aplicar os princípios funcionalistas da iconicidade e da marcação às ocorrências da fala do natalense, quando em situações em que se configurem a adversidade.

##### 4.4.1 Princípio da iconicidade

Compartilhando a idéia de Givón (1995), que defende as línguas como, em parte, icônicas, procura-se refletir sobre a correspondência entre os arranjos estruturais da língua e suas estruturas semânticas.

Pretende-se observar como o princípio em tela atua nas escolhas do usuário da cidade de Natal, a fim de se averiguar se existe uma motivação subjacente ao processo de emparelhamento entre forma e função.

Ao acionar o prisma da iconicidade, o olhar deve se voltar para o fato de que a estrutura da língua é determinada pela experiência que utentes arquivam em repositório mental, mediante experiências prévias captadas no trato com o mundo.

Destarte, acredita-se em uma correlação entre empacotamento cognitivo e empacotamento gramatical, os quais se concretizam por meio da construção de molduras que o próprio falante automatiza das relações sócio-interativas.

A gramática funcional, cujo formato delinea contornos adaptativos e emergentes prevê que a língua sofre mudanças e variações.

A hipótese com a qual se trabalha é que o fenômeno da adversidade exhibe uma arquitetura assentada numa ordem preferencial, cujos arranjos sintáticos refletem as pressões cognitivas oriundas do mundo biossocial.

Vale salientar que no aparato funcionalista se contemplam esses aspectos que a gramática tradicional não respalda. Gramáticos como Cunha (1986), Cegalla (1997), Bechara (2006), apenas enfatizam que as adversativas ligam ou enlaçam termos, unidades, orações para exprimirem contraste, oposição, no entanto, não promovem qualquer referência às pressões cognitivas e comunicativas sofridas pelo trato comunicativo, as quais podem determinar alterações.

Acredita-se que uma investigação contemplativa das preferências do usuário num âmbito icônico pode esclarecer o porquê de certas escolhas e a causa de variações e mudanças no perfil da oposição na fala do natalense.

Isso não justifica acreditar na absolutização da iconicidade. Como o próprio Givón (2001, p.35) advoga, “a iconicidade da gramática não é absoluta, mas apresenta graus”.

Outro fator importante a se mencionar é que o fenômeno investigado é aqui considerado na modalidade de língua oral, portanto, passível de mudanças bem mais bruscas. Dados de língua oral são provenientes de formulações *on-line*, sendo comuns as repetições e hesitações, como parte da evolução do fluxo de pensamento.

Givón (1990) entende que o princípio icônico em sua forma branda se materializa através dos seguintes subprincípios que dizem respeito à quantidade, à integração e à ordenação das cláusulas, os quais já se encontram definidos no capítulo do referencial teórico, porém serão aqui retomados.

- Subprincípio da quantidade: explica que quanto maior é o texto, mais informações ele codifica, ou seja, (+ *informação* = + *estrutura*).
- Subprincípio da integração: a distância entre a informação mental é proporcional à distância sintática (+ *distância mental* = + *distância sintática*).
- Subprincípio da ordenação: as orações se dispõem em uma seqüência linear na mesma ordem em que ocorrem os fatos por elas referenciados.

A propósito, observem-se como os subprincípios atuam nos arranjos adversativos formulados pelos sujeitos em análise:

- (33) a solução do país tá nas minhas mãos ... a solução dos meus filhos futuramente tá nas minhas mãos ... **mas** ele tem medo de enfrentar ... de encarar a realidade ... de pegar o seu direitos de voto e dizer assim ... “eu vou usar essa arma” ... não ... eles se deixa enganar ... se deixa iludir por um dinheiro ... por uma cara bonita ... por um ... por um:: meio de comunicação como é a televisão ... (D&G, oral, p.36)

Na ocorrência (33) o segmento adversativo contrasta com a informação de base, através do conector *mas*. A maneira como se emoldura a proposição que caracteriza a oposição parece revelar a necessidade de mais codificação por parte do falante para comprovar o seu argumento. Note-se a presença do paralelismo sintático “de enfrentar... de encarar a realidade... de pegar o seu direitos de voto”, recurso usado para explicar gradualmente e melhor a informação imprevisível, utilizando-se de mais codificação. Esse comportamento evoca o princípio icônico da quantidade, explicitado anteriormente. O subprincípio da quantidade prevê que, ao sabor de sua criatividade, o falante, movido por questões cognitivas e comunicativas, utiliza-se desses recursos para guiar o fluxo do pensamento.

Como se vê adiante, na mesma ocorrência, o discurso ganha continuidade através de uma paratática de teor também adversativo. A informação adversativa seria possível apenas com a oração “*mas ele tem medo de enfrentar a realidade*”. Entretanto, a relevância do discurso para os interlocutores os pressionam a

utilizarem mais material lingüístico. Dessa forma, (+ *informação* = + *estrutura*), ratificando o subprincípio icônico da quantidade. Confira-se também a ocorrência (34):

- (34) ...quanto o que as pessoas pensam sobre religião ... acho que é isso mesmo ... elas têm um certo medo né ... **agora** falando assim bem na parte ... na parte espiritual ... assim no relacionamento delas com Jesus ... elas também têm um medo de aceitar que elas estão erradas ... que o comportamento delas são errados né ... que o comportamento é errado ... e aí ... elas ... preferem também não dar a mínima ... né ... preferem não dar a mínima pra bíblia ... pra palavra de Deus ... (D&G , oral, p.125)

Em (34) há também indícios do subprincípio icônico da quantidade, visto que o informante argumenta não acreditar na existência de ateus, nem na importância da religião, informações básicas contrastadas pelo segmento posterior que se conecta pelo “*agora*” mediante uma série paralelística de formas que fazem o discurso fluir com uma volume maior de informações, talvez necessárias para o processamento da informação adversativa que o informante parece querer evidenciar.

A ocorrência (35) apresenta um *script* muito comum entre as construções adversativas: a seqüência afirmativo/negativa.

- (35) ...você acredita que a palavra de Deus é verdade? acredita que realmente tudo o que tem na bíblia é verdade? acredito ... num é? **mas** ... num procuram ler ... num procuram estudar ... num procuram entender ... né? não procuram seguir nada do que tem ali ... então eu fico com uma dúvida se elas realmente ... se elas realmente crêem ... acredita na bíblia (D&G, oral, p. 128).

É sabido que desde os antigos essa ordem já era preservada como um apelo cognitivo de processamento de informações de contra-expectativa, comprovando-se pelas palavras de Aristóteles (1984, p. 26): “a primeira proposição é a afirmação, a negação é a seguinte”.

É preciso argumentar que essas construções se emparelham de uma forma já institucionalizada. O subprincípio icônico da ordem parece ditar essa seqüência preferencial (afirmativa/negativa), com base em conceituações humanas do mundo.

Acerca das ocorrências em análise, deve-se mencionar que as mesmas além de remeterem ao subprincípio icônico da ordenação, envolvem-se com o subprincípio da quantidade no segmento adversativo, porquanto se registra um fluxo de informações subseqüentes à oração básica, que acentuam a informação nova, menos previsível no enunciado, utilizando-se de recursos paralelísticos e de gradação do enunciado.

É perceptível também entre as construções adversativas a tendência geral a pôr em primeira posição a informação matriz, para contrapô-la em segmento posterior, consoante as ocorrências seguintes:

- (36) ela disse ... “eita ... vem pra cá”... aí eles vinham bem pertinho aí disse ... “eita ... ele vai já falar alguma coisa” ... **aí** num falava nada... aí quando foi ... eu tava assim de costa ... aí quando ele passou ... aí eu olhei ... menina ... todos dois se olharam juntinhos ... eu e ele ... aí eu ... eu e ele ... aí ... aí a gente ... (D&G, oral, p.152)

Em (36) a informação básica *ela vai já falar alguma coisa* parece mais previsível no enunciado, por isso vem em primeiro lugar. Givón (1995, p. 407) defende que “a ordem temporal em que os eventos ocorrem será refletida na reportagem lingüística dos eventos”.

Quanto ao subprincípio icônico da integração, como se trata de uma pesquisa da língua na modalidade oral, convém observar algumas regras de entonação, as quais são relevantes para a compreensão da atuação desse subprincípio nas ocorrências estudadas.

Está em Givón (1995) a afirmação de que o tamanho da pausa temporal entre as informações corresponde ao tamanho da distância cognitiva e temática entre elas. Essa idéia pode ser evocada para explicar o alto índice de adversativas ocorrendo após uma pausa entre suas matrizes, adiante exposta na ocorrência (37):

- (37) ... ta certo que eles falam assim... confie em mim... **mas** é difícil a pessoa confiar... (D&G, oral, p.42)

Martelotta (1988, p. 42) acredita na hipótese de que as orações coordenadas apresentam grau de vinculação sintática menor do que as adverbiais. Talvez, por isso, possam ocorrer elos gramaticais não tão rígidos e nem tão

compactos e integrados. A tendência a ocorrerem depois de pausas pode refletir uma maior distância cognitiva entre os segmentos, do ponto de vista discursivo.

Pontos importantes da iconicidade atuando no complexo adversativo das formas em análise são observados, quando se enfoca o critério da marcação.

#### 4.4.2 Princípio da marcação

Givón (1995) orienta que o princípio da marcação pode ser usado para distinguir categorias marcadas de categorias não marcadas, mediante os critérios da complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade cognitiva, já explicitada no capítulo do referencial teórico desta pesquisa.

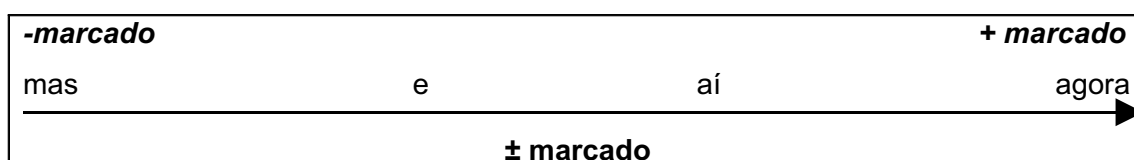
Vale salientar que esta análise averigua dados de fala, que em geral são menos complexos, e de processamentos mais simples. Nos contextos gerais da comunicação, considera-se que é a modalidade de língua menos marcada em relação à língua escrita, muito embora se considere a marcação uma noção relativa, dependente de um contexto de uso.

Em relação à distribuição da frequência, os conectores adversativos mais recorrentes estão distribuídos na tabela 1.

Retomando, pela ordem de recorrência, o *mas* é o campeão, com 269 (65,6%) ocorrências, seguido pelo *e* com 64 (15,6%) , *aí* com 38 (9,2%), *agora* com 26 (6,3%) , *só que* com 10 (2,5%), *no entanto* com 2 (0,5%).

Possivelmente o nível de gradiência da configuração da marcação entre os quatro adversativos mais recorrentes pode ser assim representado:

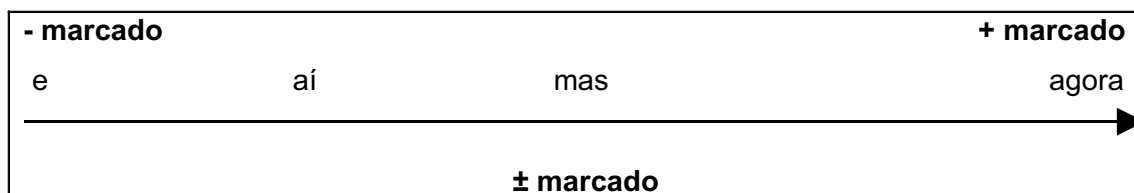
*mas > e > aí > agora*



**Quadro (4):** Marcação/ frequência dos conectores adversativos

No que diz respeito à complexidade estrutural o *e* é o que apresenta menor estrutura, sendo, por isso, mais fácil de codificar. Na seqüência, está em ordem de gradação o *aí*, *mas*, *agora*.

Em suma, o quadro da distribuição dos adversativos por ordem de complexidade estrutural, pode ser o seguinte:



**Quadro (5):** marcação/ complexidade estrutural dos conectores adversativos

Pelo critério da complexidade cognitiva, percebe-se que as codificações são mais fáceis ou difíceis de processar. É o que se pretende observar entre os conectores em uso pelo falante natalense.

A versão do mundo impressa na mente do habitante de Natal parece considerar o *mas* como o conector de contraste mais fácil de se processar, porquanto se percebe que mesmo entre os gramáticos tradicionais é ele o primeiro item a ser citado como representante da categoria dos adversativos. Além de ser um item dotado de pouco volume morfológico, é o protótipo de muitas situações de adversidade, demandando pouco esforço mental por parte do falante/ouvinte.


O “e”, apesar de conter pouco material morfológico e ser átono, é recorrente nas seqüenciações, além de ser o protótipo das aditivas, e exercer outras funções na língua, contribuindo para sua maior complexidade cognitiva, em relação ao *mas*, como bem afirma Silva (2005, p. 158) em análise dos mesmos conectores na língua escrita:

No que diz respeito ao item *e*, o fato de ser mais recorrente em funções seqüenciais, nas quais atua no engatamento das informações que se sucedem na linearidade textual, ocasiona, em relação à função opositiva, maior complexidade cognitiva, se comparado ao *mas*, que já se cristalizou como item prototípico em tal função.

O *aí*, também é privilegiado por conter menos volume de forma. No entanto, a sua complexidade cognitiva está em um esforço maior por parte do falante para evitá-lo em muitas circunstâncias, dada a existência do preconceito que proíbe seu uso em situações mais formais ou por ser considerado vício de linguagem (TAVARES, 2006, p. 130). O item se mostrou saliente no contexto em tela, talvez porque o falante esteja diante de uma situação discursiva menos formal.


*Agora* é um item reconhecido pela gramática tradicional como advérbio de tempo. Naturalmente, usá-lo como adversativo, requer do falante mais esforço mental, além do fato de que o item também já assume outras funções conectoras e discursivas.

Dessa forma, o quadro configurativo do nível de complexidade cognitiva dos itens inquiridos pode ser o seguinte:

<b>- marcado</b>			<b>+ marcado</b>
mas	e	aí	agora
			
<b>± marcado</b>			

**Quadro (6):** marcação/ complexidade cognitiva dos conectores adversativos

Considerando que os critérios de marcação givonianos atuam correlacionados, observem-se quais itens adversativos são possivelmente os escolhidos como tendências de escolha do usuário natalense:

<b>- marcado</b>			<b>+ marcado</b>
mas	e	aí	agora
			
<b>- complexidade</b>	<b>± complexidade</b>		<b>+ complexidade</b>
<b>+ frequência</b>	<b>± frequência</b>		<b>- frequência</b>

**Quadro (7):** marcação dos conectores adversativos

Os itens *mas/agora*, os quais se posicionam nas extremidades da tabela são respectivamente -marcados e +marcados. Desta guisa, são mais recorrentes e menos recorrentes; os que se apresentam na posição intermediária são considerados ± marcados, o que significa que são recorrentes em certas circunstâncias.

#### **4.4.2.1 A marcação controlada por fatores sociais e lingüísticos**

Avaliados os conectores adversativos *mas*, *e*, *aí* e *agora* em relação aos três critérios da marcação propostos por Givón (1995), já explicitados anteriormente, a análise se concentra a partir de agora na marcação dos fatores que distinguem cada



grupo entre si, para, em seção posterior, analisar-se a relação dos conectores adversativos relacionados a seus fatores condicionadores, procedimento similar ao adotado por Tavares (2003) em relação ao *e*, *aí*, *daí*, *então*. Para a autora, “é esperado que os fatores definidos como mais marcados atraiam com mais freqüência os conectores mais marcados, e os fatores definidos como menos marcados favoreçam os conectores menos marcados” (p. 183).

A primeira etapa da análise revelou a seguinte distribuição dos adversativos falados pelo natalense:

*mas > e > aí > agora*

Como se pretende verificar o uso desses mesmos conectores em relação a fatores sociais de grupos entre si, serão controlados a variável idade/escolaridade, tipos de discurso e níveis de articulação discursiva. Dessa forma, serão contemplados fatores relacionados à natureza do falante (idade), fatores adquiridos (escolaridade), fatores lingüísticos (tipos de discurso e articulação discursiva).

#### 4.4.2.1.2 Marcação quanto aos fatores idade e escolaridade

De acordo com Tavares (2003, p. 232), “a idade exerce influência sobre o modo como lidamos com a língua. Entender os efeitos da idade sobre a língua requer entender as mudanças nas relações sociais ao longo de nossas histórias de vida”.

Com o propósito de controlar o fator idade na comunidade de fala de Natal, foram observados no *corpus* os relatos de opinião e narrativas de experiência pessoal de informantes, correspondentes a recortes de falas dos grupos na faixa etária de 23 anos acima; (3º ano do 3º grau); grupos de 18 a 20 anos (3º ano do ensino médio); grupos de 13 a 16 anos (nono ano); grupos de 9 anos a 11 anos (5º ano) e grupos de 5 a 8 anos (Alfabetização). Os recortes etários foram feitos pela própria organização do *corpus*, e foram assim divididos porque estão relacionados ao fator condicionador escolaridade.

O fator escolaridade produz também efeitos sobre o uso da língua. Labov (2001) acredita que o uso das variáveis pelas crianças é mais determinado pela

quantidade de escolarização que receberam. Assim sendo, a análise dos dois fatores condicionadores será concomitante.

Em nível geral, observa-se nos dados uma tendência forte de uso das construções adversativas pelos grupos de idade e escolaridade mais elevada. Esse fato é corroborado pela afirmação de Martelotta (1988, p. 51):

essa tendência de as orações contrastivas relacionarem-se a níveis de escolaridade e idade mais altos provavelmente remete ao fato de que os usos dessas cláusulas refletem estratégias semânticas e discursivas, que indicam, por um lado, a quebra da relação de causa/efeito entre os fatos que expressam e marcam, por outro lado, a quebra de expectativa dos interlocutores.

A seguir, vejam-se os dados distribuídos por idade e escolaridade:

**Tabela 3:** distribuição dos adversativos – idade/escolaridade

<b>CONNECTORES</b> →	<b>Mas</b>		<b>e</b>		<b>ai</b>		<b>agora</b>	
	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
<b>IDADE/ESCOLARIDADE</b> ↓ Classe de Alfabetização: 5 a 8 anos	8	3	4	6,2	7	18,4	1	3,9
Quinto Ano do Ensino Fundamental: 9 a 11 anos	18	6,7	3	4,7	1	2,7	3	11,5
Nono ano do Ensino Fundamental: 13 a 16 anos	49	18,2	10	15,6	17	44,7	3	11,5
3º Ano do Ensino Médio: 18 a 20 anos	98	36,4	23	36	4	10,5	11	42,3
3º ano do 3º grau: + de 23 anos	96	35,7	24	37,5	9	23,7	8	30,8
<b>TOTAIS</b>	<b>269</b>	<b>100</b>	<b>64</b>	<b>100</b>	<b>38</b>	<b>100</b>	<b>26</b>	<b>100</b>

A tabela acima demonstra que os falantes entre 18 e 20 anos, como também os falantes de mais de 23 anos tendem a usar as construções adversativas com mais frequência, comprovando a hipótese de que os usos dessas construções se relacionam a contextos mais complexos.

É importante mencionar algumas particularidades que os dados evidenciam. Merece, pois, comentário o fato do item *ai* ser usado predominantemente na faixa etária entre 13 a 16 anos o que já era esperado. É natural que formas

estigmatizadas sejam mais aceitas pela população mais jovem, que apresenta menos anos de formação sistematizada. Não se pode deixar de lembrar também que o *aí* apresenta marcação intermediária, atraindo, desse modo, contextos de marcação intermediária.

Outro fator importante a se comentar é que o uso do conector diminui bastante entre informantes que estão concluindo o Ensino Médio, mas volta a aumentar entre os que já estão concluindo o 3º grau, certamente porque os alunos do Ensino Médio estão em plenas atividades escolares e os de 3º grau já estão se preparando para deixar a escola.

O uso do item “*agora*” como adversativo recebe a adesão das pessoas entre 18 a 20 anos, cujo recorte etário abrange os informantes que estão concluindo o Ensino Médio, composto por pessoas jovens e com mais instrução para aderir ao uso de formas mais novas e mais complexas cognitivamente.

É possível traçar o seguinte quadro de gradatividade do maior para o menor, envolvendo os quatro conectores mais recorrentes em relação aos fatores idade/escolaridade dos falantes, cuja seqüência revela na primeira coluna o item (*mas*) menos marcado e na última o mais marcado.

**Quadro (8):** marcação dos conectores adversativos- idade/escolaridade

<b>ALFABETIZAÇÃO: 5 A 8 ANOS</b>	<b>QUINTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: 9 A 11 ANOS</b>	<b>NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: 13 A 16 ANOS</b>	<b>3º ANO DO ENSINO MÉDIO: 18 A 20 ANOS</b>	<b>3º ANO DO 3º GRAU: + DE 23 ANOS</b>
mas ↓ (-)	mas ↓(-)	mas ↓ (-)	mas ↓(-)	mas ↓(-)
aí	e	aí	e	e
e	agora	e	agora	aí
agora (+)	aí (+)	agora (+)	aí (+)	agora (+)

Os informantes do 3º grau, cuja faixa etária abrange as pessoas de 23 anos acima, apresentam como menos marcados seqüencialmente os conectores *mas* > *e* > *aí* > *agora*.

Em relação aos informantes da faixa etária entre 18 a 20 anos, clientela do 3º ano do Ensino Médio, o quadro não é muito diferente, divergindo apenas em relação ao uso do *aí e agora* que invertem suas posições.

O quadro muda um pouco mais, quando se observam os dados que compreendem a faixa etária de 13 anos abaixo. Nesse recorte etário, o *mas* continua sendo o primeiro da preferência (- marcado). A disputa pelo segundo lugar fica entre o *e*, *aí* e o *agora*.

#### 4.4.2.1.2 A marcação quanto aos tipos de discurso

Para se verificar a marcação entre os tipos de discurso, foram observados os dois tipos discursivos selecionados para compor a amostra deste estudo: narrativas de experiência pessoal e relatos de opinião.

As narrativas se estruturam pela ação do informante ao contar um ou mais fatos que se passaram em um certo lugar e em um determinado tempo, com participação de personagens. Atente-se para a amostra:

- (38) chegou o dia da viagem ... é ... eu nunca tinha viajado de avião ... ((riso)) e ... estava uma ... eu tinha medo ... tinha ... existia uma certa expectativa ... uma ansiedade de ... pela primeira vez eu tive medo de sair de casa sabe? e fiquei ... **mas** ao mesmo tempo um medo com coragem ... porque era um desafio ... era um ... mostrar pra mim que eu já era homem ... que eu já podia caminhar sozinho ... longe de meus pais da minha ... da minha terra e tudo mais ... essa experiência que você viveu quando saiu de Fortaleza ... (D&G, narrativas de experiência pessoal, p. 41)

Com o fim de comparar os dois tipos de discurso, quanto à marcação, observam-se os tempos verbais mais recorrentes e a natureza do tipo de informação que predomina em cada discurso.

Segundo Tavares (2007), o contexto em que se insere a narrativa envolve seqüenciação cronológica e as ações são delimitadas temporalmente, ancoradas no evento narrado. O tempo verbal que predomina nesse tipo de texto é o pretérito perfeito, considerado de baixa marcação nos contextos gerais da língua e o aspecto é perfectivo, completo, por isso, é um tipo de discurso mais facilmente processável.

Os relatos de opinião são considerados textos de argumentação, os quais se ancoram na fala, não apresentam uma seqüencialidade, são apresentados no tempo presente, cujo aspecto é imperfectivo, durativo, incompleto. Processam informações referentes a um ponto de vista e dessa forma, o seu processamento e percepção são relativos, uma vez que se utiliza de tempo e aspecto mais marcados. Observe-se a amostra do tipo de discurso:

- (39) sabe a religião da Assembléia de Deus ... principalmente ... ela não deixa o indivíduo raciocinar ... ela lhe joga aquele pensamento dela e você não:: você apenas aceita ... sem fazer questionamentos ... **mas** na própria igreja protestante você já vê outras alas ... né ... uma Presbiteriana ... uma Batista que mostra um outro ... que mostra Deus mais acessível ... que as pessoas tenham mais condições de se aproximar dele ... você pode ... (D&G, relatos de opinião, p. 25)

A tabela abaixo representa em números a freqüência dos conectores adversativos nos dois tipos de discurso:

**Tabela 4:** distribuição dos conectores adversativos - tipos de discurso

<b>Conectores</b> →	<b>mas</b>		<b>e</b>		<b>ai</b>		<b>agora</b>	
	freq	%	freq	%	freq.	%	freq.	%
<b>Tipos de discurso</b> ↓								
Narrativas de	147	54,6	21	32,8	18	47,4	5	19,2
experiência pessoal								
Relatos de opinião	122	45,4	43	67,2	20	52,6	21	80,8
<b>TOTAL</b>	<b>269</b>	<b>100</b>	<b>64</b>	<b>100</b>	<b>38</b>	<b>100</b>	<b>26</b>	<b>100</b>

Considerando que a narrativa é um tipo de discurso menos marcado e menos complexo, é natural que atraia com mais freqüência o conector menos marcado, “o mas”, como comprovam os dados.

É válido comentar a pouca diferença quantitativa no uso do *ai* nos dois tipos de discursos -18 ocorrências nas narrativas (47,4%) e 20 (52,6%) nos relatos de opinião.

Ainda merece comentário o fato de o *agora* ser mais usado nos relatos de opinião.

Embora os dois tipos de discurso apresentem semelhanças na seqüência de uso dos conectores em análise, evidenciam pequenas diferenças que possivelmente

serão exibidas no quadro de marcação abaixo, em uma leitura vertical, expostos do menos marcado para o mais marcado:

NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIA PESSOAL	RELATOS DE OPINIÃO
mas ↓ (-)	mas ↓ (-)
e	e
aí	agora
agora (+)	aí (+)

**Quadro (9):** marcação dos conectores adversativos - tipos de discurso

Observa-se que o *aí* e o *agora* estão presentes em muitos contextos na disputa pelo terceiro lugar na preferência do falante natalense.

O *aí* é considerado de menos complexidade estrutural e cognitiva, mas a questão do preconceito que ainda circunda o uso de tal item talvez explique a resistência ao seu uso no contexto dos relatos de opinião, mesmo porque o contexto que envolve exposição de ponto de vista é considerado mais complexo.

O *agora* talvez tenha ganhado um espaço nos contextos dos relatos, porquanto é um tipo discursivo mais complexo, o que vem confirmar o pensamento meta-icônico de Givón (1995), para quem contextos mais marcados atraem formas mais marcadas.

#### 4.4.2.1.4 Marcação quanto aos níveis de articulação

As adversativas podem se articular em segmentos oracionais, tópicos, inter-tópico, subtópico.

Entendendo que o interesse do trabalho é averiguar a integração entre segmentos básicos e adversativos, este trabalho considera para esta análise apenas os segmentos oracionais e tópicos, envolvendo em um só bloco as três últimas divisões, uma vez que os segmentos oracionais se diferenciam das demais articulações por apresentar um grau maior de integração. Já que as duas articulações são as mais recorrentes do *corpus* utilizado, compreende-se que atendem ao objetivo do trabalho.

**Segmento tópico**<sup>22</sup> - o papel do conector é ligar dois segmentos adjacentes com a presença de pausas entre as conexões.

- (40) todos nós temos nossas coisas boas ... e acredito no arrependimento ... claro que eu acredito no arrependimento ... mas não é assim ... de repente você vai entrar no reino de Deus porque mudou de religião ... você só vai entrar no reino de Deus se você realmente tiver arrependido ... (D&G, oral, p. 27)

**Segmento oracional** - “o conector interliga orações que mantêm fortes elos de integração, do que é reflexo a ausência de pausa entre elas” (TAVARES, 2007a, p.99). Observe-se uma amostra:

- (41) ...porque cada pessoa tem a sua forma de chegar a Deus ... eu não costumo ir à igreja porque eu acho que Deus não está em muita gente ali ... porque a igreja passa a ser um ritual ... você vai todo domingo ... muitas vezes você vai e não está ali ... enquanto que se você estivesse em casa ... estivesse conversando com ele ali você estaria com ele ... então o importante é ter Deus dentro de si ... não importa o caminho que você utilize ... se é catolicismo ... se é ... como é que se diz? (D&G, oral, p.27)

Para diferenciar os níveis de articulação, no que diz respeito à marcação, a exemplo de Tavares (2007a), recorre-se a Givón (1995, 2005) para considerar o tratamento que este dedica às relações de coerência que circundam o discurso.

Conforme o autor, enquanto propriedade observável no texto, a coerência é vista como continuidade ou recorrência de elementos que constituem os melhores pontos para avaliar a coerência textual, por serem mais concretos e mensuráveis. São eles: referência, localização, temporalidade, aspectualidade, modalidade/modo e ação/evento e perspectiva de voz. O último foi acrescentado por Givón (2005). Esses componentes podem atuar nos segmentos adversativos tanto no nível da coerência local ou global.

<sup>22</sup>Para maiores detalhes sobre as articulações subtópico e inter-tópico, consultar Tavares (2003).

Givón ainda defende que a coerência pode ser definida com base em componentes cognitivos, os quais operam na mente de quem produz textos. Dessa forma, o fenômeno acontece com base em dois pontos de vista: os elementos são mensuráveis no texto (referencial, aspectual e temporal) e do ponto de vista das projeções mentais envolvidos em sua produção. Está em Tavares (2007a, p.99) que “a coerência no texto, isto é, suas marcas e pistas expressas materialmente, é reflexo de sua contraparte cognitiva, dos processos mentais responsáveis pela organização coerente do texto”.

Nesse âmbito, as articulações oracionais parecem menos complexas do ponto de vista cognitivo, visto que se percebe uma maior continuidade de subcomponentes (referencialidade, temporalidade e aspectualidade), resultando em um maior amarramento entre as orações, o que torna o processamento mais automático (TAVARES, 2007a).

Os segmentos tópicos, por sua vez, são considerados mais complexos. É perceptível uma distância maior entre seus subcomponentes, e como afirma Givón (1995, p.110), “o tamanho da pausa temporal entre as fatias de informação corresponde ao tamanho da distância cognitiva temática entre eles”. Assim, os segmentos tópicos se organizam de forma mais descontinuada, o fluxo discursivo é quebrado, comprovando que o processamento acontece de forma mais lenta e complexa.

A seguir, atente-se para a tabela que representa tais articulações no D&G:

**Tabela 5:** distribuição dos conectores adversativos/ níveis de articulação

<b>Conectores→</b>	<b>mas</b>		<b>e</b>		<b>ái</b>		<b>agora</b>	
<b>Níveis de articulação↓</b>	freq.	%	freq.	%	freq.	%	freq.	%
Oracional	15	5,6	9	14	1	2,7	1	3,9
Tópico	254	94,4	55	86	37	97,3	25	96,1
<b>TOTAL</b>	<b>269</b>	<b>100</b>	<b>64</b>	<b>100</b>	<b>38</b>	<b>100</b>	<b>26</b>	<b>100</b>

Os segmentos base se conectam ao segmento adversativo, predominantemente, antes de pausas. Não é de se estranhar o grande número de informações organizadas em tópicos, visto que a topicalização é uma das estratégias da língua falada.



Um fator relevante a se considerar é que os itens que apresentaram mais segmentos oracionais foram o *mas* e o *e*, possivelmente porquanto já são itens com mais gramaticalidade e aceitação na comunidade de fala de Natal.

Conforme os dados, pode-se visualizar a gradiência da marcação dos conectores adversativos distribuídos em segmentos tópicos e oracionais no quadro de marcação abaixo, em uma leitura vertical, expostos do menos marcado para o mais marcado:

SEGMENTOS TÓPICOS	SEGMENTOS ORACIONAIS
mas ↓ (-)	mas ↓ (-)
e	e
aí	agora/aí (+)
agora (+)	

**Quadro (10):** marcação dos conectores adversativos- níveis de articulação

#### 4.5 GRAU DE PROTOTIPICIDADE DOS CONECTORES ADVERSATIVOS MAIS RECORRENTES

A teoria dos protótipos tem base na psicologia cognitiva, conforme já foi explicitada no capítulo 2, deste trabalho.

Nesta seção, analisa-se o *continuum* de categorização dos conectores adversativos, com base no grau de prototipicidade dos quatro conectores mais recorrentes (*mas*, *e*, *aí* e *agora*).

Segundo a teoria dos protótipos, não existem categorias discretas, nem se pode prever limites demarcatórios rígidos para categorizar classes gramaticais ou termos sintáticos. Acredita-se que existem itens que apresentam um maior número de propriedades. O item que se aproxima do exemplar-modelo, ou seja, o que apresenta mais traços específicos do titular, esse é considerado o protótipo da classe.

Porém, antes de eleger os itens que farão parte da escala de prototipicidade entre os conectores em tela, convém definir-se alguns critérios que servirão de base para aferir o nível de prototipicidade dos itens responsáveis pelos elos entre as informações contrastivas no universo natalense. Assim sendo, foram relacionados os seguintes critérios para observar quais os protótipos da categoria em análise, no contexto em foco:

- a) ratificar e ressaltar o valor contrastivo das informações;
- b) apresentar alto índice de freqüência;
- c) ocupar posição fixa;
- d) conectar termos;
- e) articular-se oracionalmente.

- a) A presença do conector, por excelência, já determina que os segmentos sejam contrastivos, sem margens para ambigüidades.
- b) À medida que os falantes aderem ao uso de um conector, este tende a ser repetido e se tornar rotina em situações comunicativas. Dessa forma, pode-se dizer que o item ou conector mais freqüente é favorecido para ocupar a posição de protótipo.
- c) Quando um item tende a ocupar uma mesma posição na fronteira de orações que contrastam, ele apresenta mais possibilidades de se especializar naquela função daquele item que se mobiliza na oração.
- d) Relacionar termos que contrastam é um critério relevante para comprovar o caráter de oposição de um item, uma vez que ele pode relacionar diversas estruturas.
- e) A observação do nível de articulação é importante para se verificar se os itens se juntam mediante segmentos mais compactos, oracionais ou por segmentos tópicos, o que comprova se os itens estão mais, ou menos integrados.

Observe-se o quadro:

<b>CONECTORES</b> ↓	<b>RATIFICA OPOSIÇÃO</b>	<b>POSIÇÃO FIXA</b>	<b>CONECTA TERMOS</b>	<b>ARTICULAÇÃO ORACIONAL</b>	<b>TOTAL +</b>
Mas	+	+	+	+	4
E	-	+	-	+	2
Aí	-	+	-	+	2
Agora	-	+	-	+	2

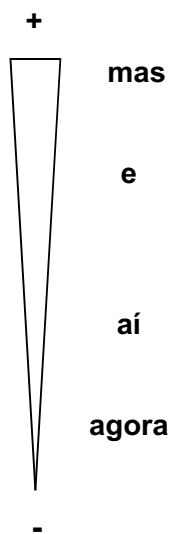
**Quadro (11):** prototipicidade dos conectores adversativos na fala de Natal

Pelos critérios definidos para avaliar o grau de prototipicidade dos conectores relacionados (*mas*, *e*, *aí*, *agora*), constata-se a posição de supremacia do *mas*, detentor de todos os traços relacionados. *E*, *aí* e *agora* estão em segundo lugar na escala. Para desempate, resolve-se usar o critério da freqüência, visto que

é considerado um fator de grande importância para se avaliar o grau de prototipicidade, muito embora se acredite mais na importância da junção de todos os traços. Porém, como todos foram observados, restou apenas a frequência para o desempate.

Assim sendo, o item *e* é o segundo mais freqüente, superando os outros dois: o *aí* ocupa o terceiro lugar e o *agora* o quarto lugar.

Confira-se a escala, seguinte, do mais central para o periférico:



**Figura 1:** prototipicidade dos conectores adversativos

#### 4. 6 E AGORA ?

Muitos estudos, inclusive em inglês, têm contemplado o advérbio “*agora*”. Mas poucas são ainda as pesquisas em relação a sua situação discursiva ou pragmática.

Por isso, nesta seção, retoma-se o elemento para um estudo mais minucioso. A escolha não se deve só a critérios de frequência, mas também porque o item vem se tornando proeminente entre os segmentos contrastantes, a exemplo do *mas*, do *e* e do *aí*. Como ele é considerado recorrente no discurso do natalense, não é reconhecido pela gramática tradicional como adversativo e nem faz parte dos projetos de pesquisas de outros trabalhos recentes da área do PPgEL, resolveu-se elegê-lo aqui para uma análise diferenciada.

Dessa maneira, parte-se para uma investigação do perfil estrutural das construções que se iniciam pelo *agora* adversativo, no D&G de Natal, os valores semânticos por ele assumidos em diversos contextos; verbos das construções que o envolvem, assim como, a trajetória sintética de sua gramaticalização.

#### 4.6.1 Perfil estrutural das construções com o *agora*

O parâmetro estrutural é considerado importante para se verificar a possibilidade que os itens têm de mobilidade na oração. Conforme Carvalho (1976), quando um item assume uma posição fixa dentro de um sintagma é indício de seu aumento de gramaticalidade.

Assim, observados os dados, eles revelam que o perfil estrutural das orações que se iniciam pelo *agora*, no exercício de funções adversativas na fala do natalense, efetua-se por segmentos tópicos, geralmente depois de uma pausa, conforme a tabela 5.

Semelhante ao *mas*, o protótipo das categorias adversativas, o item *agora* se apresenta após a informação básica, em uma posição fixa entre os dois segmentos.

- (42) fica brinca::do ... aí a mãe ... aí a mãe ... aí quando eu passo ... mainha compra Pippas ... mainha compra ... mainha compra danone ... mainha compra ... mainha compra biscoito ... mainha compra ... **agora** adulto ... num compra ... aí ... é ruim de ser/ é ruim de ser adulto ... é melhor ser criança mesmo ... (D&G, oral, p.184)

O *agora* de contraste é perceptível ainda em início de perguntas, em situações nas quais o entrevistador precisa retomar ou mudar o assunto, funções também observadas nas construções que carregam o conector *mas*.

- (43) E: você gosta do futebol e tá dando sua opinião ... né ... você deu do time ...  
**agora** o que você acha da violência no ... lá dentro ... a violência dos jogadores e a violência lá na ... arquibancada?  
 I: eu acho errado ... (D&G, oral, p.170).

#### 4.6.2 Perfil semântico do *agora*

Para definir o perfil semântico dos usos do *agora*, utilizam-se dados que remontam a sua origem latina e textos representativos do século XIII ao XVI<sup>23</sup>. A sincronia atual é analisada através de dados do português - *Corpus D&G* de Natal.

Ocorrências do latim comprovam que a origem da forma retroage aos tempos mais remotos em que o “*nunc*” representava o *agora* nas construções do tempo presente, além de ser sinônimo de *assim sendo*, *ora... ora*, *mas*, entre outros. Vejam-se as ocorrências:

- (44) *Nunc erat csil tempus*. [**Agora** é que é preciso] (HORÁCIO)<sup>24</sup>.
- (45) *Vera igitur illa sunt nunc omni*. [**Assim sendo**, todos esses dogmas são verdadeiros.] (CÍCERO, Acadêmica 2, 106 A. C.);
- (46) *Nunc sinistros, nunc dextros solvere sinus*. [Desferraram as velas, **ora** da esquerda, **ora** da direita.] (VIRGÍLIO);
- (47) *Quo quidem multo plura evenirent si; nunc...* (Plauto) [Coisas que na verdade aconteceram muito mais vezes se; **mas**]. (CÍCERO);
- (48) **Agora** lhe pergunta pelas gentes  
 De toda a Hespéria última, onde mora;  
**Agora**, pelos povos seus vizinhos,  
**Agora**, pelos húmidos caminhos.

<sup>23</sup> Constituem a amostra: textos latinos, textos da lírica trovadoresca (cantigas em galego-português do século XIII), o teatro de Gil Vicente (Auto da Alma) por representar uma modalidade de língua bem próxima do povo e amostras de Os Lusíadas de Luís de Camões), cuja linguagem poderá representar a modalidade escrita no século XVI.

<sup>24</sup> Algumas das ocorrências do latim não trazem suas datas de publicações, mas se presume que os dados datam de aproximadamente os anos 100 A. C, visto que são registradas em dicionários latinos, em concomitância com outros exemplos que datam de épocas semelhantes ou aproximadas.

(OS LUSÍADAS, Camões, Séc XVI, p. 59).

As ocorrências apontam para as evidências de que “o *agora*” traçou linhas de existências em contextos diversos, percorreu trajetos de gêneros distintos, e nessa trajetória assumiu posições variadas, num passeio que demonstra a multifuncionalidade do termo desde a gênese de sua história. A polissemia da forma parece remontar à história da sua origem. O *nunc*, provável elemento responsável pela origem do termo, conforme demonstrado acima, já assumia funções de conector adversativo, alternativo e conclusivo naquela temporalidade, conforme os exemplos (45), (46), (47).

O exemplo (48), extraído de Os Lusíadas, estabelece uma relação semântica de alternativa, visto que representa alternância de alvo a ser atingido. Reflete uma estrutura parecida com *umas vezes...outras vezes*. Outras ocorrências semanticamente semelhantes foram registradas nos recortes utilizados para a amostra. Apesar desta não ser uma acepção reconhecida pelos gramáticos, no entanto, Aurélio, em sua versão eletrônica, e Houaiss; Villar e Franco (2004) já registram em seus dicionários, entre outras, esta funcionalidade de alternância do termo.

As construções que envolvem o *agora* seguem tendências já detectadas por outros elementos de funções semelhantes, os quais migram de dêitico espacial para temporal até assumir funções de caráter pragmático-discursivo.

Utiliza-se aqui a seguinte classificação inspirada em Duque (2002) e Martelotta (2004) para categorizar as construções em foco: 1. *dêitico* (neste momento; neste momento que passou; neste momento que virá; a partir desse momento; 2. *conector* (contraste ou concessão); 3. articulador *discursivo* (organização tópica e sub-tópica).

#### **4.6.2.1 Dêitico temporal: presente, passado, futuro**

Dados do português atual, na modalidade oral, extraídos do *Corpus Discurso & Gramática* da cidade do Natal-RN (FURTADO DA CUNHA, 1998) comprovam a ampliação semântica da referência temporal em relação à proximidade do fato evocado para extensões diferenciadas. Confirmam-se os dados:

- (49) ..... se preocupar mais em jogar futebol do que em ganhar dinheiro né? como já aconteceu **agora** com ... com Careca eu acho que ele pediu dispensa né? pediu pra sair ... pediu pra sair e ... todo mundo sabe ... (D&G, oral, p.16)
- (50) ... você passa a ser bom ... automaticamente ... eu acho que não é assim ... sabe Sheila? não é você chegar e dizer assim ... vou ficar bom **agora** ... e de repente ficar bom ... primeiro você tem que se descobrir ... esse lado bom que você tem ..... (D&G, oral, p.27)

Em (49) o *agora* assinala a perda de traços cujos valores apresentam +referência presente para se estabelecerem pontos que se aproximam mais da referência passada. Em (50) o elemento em destaque assume um valor temporal com mais referência futura. Observe-se que o termo faz parceria com a construção perifrástica *vou ficar*, marca empírica de futuro, contribuindo semanticamente para que o *agora* aponte para uma direção mais indicada para o futuro, muito embora parta do momento presente pelas instâncias do discurso.

Desse modo, os dados ressaltam o caráter de mobilidade da forma, já nesta posição de advérbio temporal, muito embora se preserve o momento da fala, eixo central de onde partem todos os usos a ele vinculados, fazendo-se compartilhar com o pensamento de Neves (1989 apud RISSO, 1993), para quem o advérbio *agora*

nunca exprime momento ou período fisicamente delimitado, mas apresenta variação de abrangência que pode reduzir-se a um mínimo (pontual) (...),mas pode abranger um período maior ou menor, não só do presente mas também do passado ou do futuro, desde que toque o presente ou se aproxime dele.

#### **4.6.2.2 Conector (relacional)**

Da condição de temporalidade da *dêixis*, as construções que abrigam o item realizam movimentos nos enunciados, e evoluem para uma posição relacional, mais voltada para o plano discursivo. Neste ponto, *agora* exerce valores de conector, cujo papel é servir de nexos ou elo a segmentos ou orações.

O *Corpus* D&G de Natal registra várias ocorrências do elemento nesta função. Confira ocorrência:

- (51) isso pra criticar ... outras não têm o mínimo interesse mesmo ... não querem saber de Jesus ... quanto mais de religião ... então elas usam esses tipos de escândalos essas coisas que acontecem pra criticar ... né ... criticam bastante ... **agora** ... tem o outro lado que a gente vê assim nas pessoas não-crentes ...(D&G, oral, p.125)

No exemplo (51), o informante compartilha com o ouvinte idéias que de certa forma se opõem à declaração inicial. Como se pode perceber, o termo *agora* num contexto e logo após se segue uma pausa para dar seqüência ao fluxo discursivo, mas esta, logo após, é preenchida pela informação de caráter oposto, revelando nuances de um conector adversativo. Basta verificar a possibilidade de a construção ser parafraseável pelo item *mas*, eleito por pesquisas anteriores e por esta, o protótipo-base da categoria dos adversativos.

Desse modo, verifica-se que há uma liberdade de estruturação entre as formas quando partem para o discurso, numa demonstração de que seu processo de categorização é maleável, de modo que, no transcurso da fala, os elementos lexicais estão sujeitos a assumir posições variáveis, postura que se contrapõe aos preceitos ditados pela gramática tradicional.

#### 4.6.2.3 *Articulador discursivo*

Conforme Risso (1993, p 34-35), a diferenciação sintático-semântica da forma *agora* em relação ao advérbio temporal reside em algumas propriedades que são aplicáveis ao advérbio e bloqueadas ao marcador no âmbito textual.

Por exemplo: a) o marcador não é desencadeado por “Quando? “Ou “desde quando”? Ou parafraseável por “atualmente” e “neste momento”. b) Não se enquadra como foco de orações clivadas, configurando-se a sua condição de “elemento pragmático-discursivo”.

Risso (1993, p.39), cita Marcuschi (1989), para argumentar que o articulador gera a impressão de estarmos diante de “*um elemento descartável*”, que parece de sobra na fala. Ainda acrescenta que a sua eliminação não traz prejuízos, quando a perspectiva é estritamente sintática. Aqui, optou-se, entretanto, pelo não uso da nomenclatura *marcador discursivo*, por entender que, na literatura especializada,



esse termo quer assinalar a ocorrência de itens que não estariam atuando no âmbito da gramática, ponto de vista do qual não se compartilha na presente análise.

- (52) ... isso é do mal ... agora as pessoa que é:: é do bem ... é:: faz qualquer coisa ... brinca com a pessoa ... se a pessoa pedir ... brinca com a pessoa ... **agora** ... é:: se por exemplo ... se eu pedir a pessoa pra nu/ pra brincar e a pessoa num quiser ... brincar ... aí é mesmo que ... é do mal (D&G,oral, p.189)

A ocorrência (52) registra a presença do *agora* (em negrito) como articulador, aparentemente destituído de valores semânticos e sintáticos, acompanhado da pausa temática, deixando a impressão de que o informante quer ganhar tempo, preencher vazios para depois projetar a informação e não perder o fluxo da fala. Nesse contexto, observa-se um nível maior de abstração. O item, que na gênese era dêitico, parece ir perdendo suas marcas referenciais. Por isso, seu comportamento, na ocorrência em análise, indica o exercício de uma função mais discursiva, muito embora, percebam-se traços semânticos característicos de oposição. Talvez seja esse o contexto que, pragmaticamente, mais simbolize a mudança em curso.

#### 4.6.3 Verbos das construções com o *agora*

A partir de indicações de que o verbo somado a seus participantes podem determinar a funcionalidade de uma construção, analisam-se os verbos que se apresentam nos segmentos adversativos das proposições formuladas pelo habitante de Natal. Avalia-se que a análise gramatical dessas categorias possa trazer uma visão de inserção pragmático-discursiva do texto.

Os contextos da comunicação humana projetam suas transações comunicativas para que elas sejam verdadeiras, incertas ou falsas. Mas esse processo parece depender de situações discursivas, das relações entre o falante e ouvinte e até de suas próprias crenças.

Givón (1995) acredita que na modalidade real (*realis*), a proposição é fortemente lançada para ser verdadeira, mas a recusa do ouvinte é julgada

apropriada, embora o falante tenha evidências ou outros fundamentos para defender sua crença forte.

Na modalidade irreal (*irrealis*), a proposição é escassamente afirmada para ser de qualquer modo possível, provável ou incerta (sub-modos epistêmicos), ou necessário, desejável ou indesejável (sub-modos deônticos), mas o falante não está pronto para defender a afirmação com evidências ou argumentos fortes e a recusa do ouvinte é prontamente esperada, previsível.

Na asserção negativa, a proposição é fortemente asserida para ser falsa, mas comumente em contradição a crenças explícitas ou assumidas pelo ouvinte.

São as construções *realis*<sup>25</sup> que predominam nos segmentos adversativos que contraem elo pelo *agora*, modalidade que Givón (1995) considera, em contextos gerais, a forma não-marcada, de mais fácil processamento.

#### 4. 6.3.1 Modos dos verbos das construções com o “*agora*”

A distribuição dos modos verbais das construções introduzidas pelo item *agora* pode ser resumida na seguinte tabela:

**Tabela 6:** modos dos verbos das construções com o *agora*

<b>Modo</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
Indicativo	23	88,4
Subjuntivo	1	3,9
Modo não-finito	2	7,7
<b>TOTAL</b>	<b>26</b>	<b>100</b>

Parece natural que os verbos que se apresentam nas construções adversativas sejam representados visivelmente pelo modo indicativo, modo verbal que reflete menos independência e talvez mais apropriado para caracterizar as orações adversativas que se juntam pelo processo de coordenação. A presença do subjuntivo e do modo não-finito, embora representem um baixo número de ocorrências, pode indicar a tendência das construções a ingressarem em um *continuum* que é característico dos processos de junção de orações para um nível mais integrado.

<sup>25</sup> O contraste entre *realis* e *irrealis* não se dá no nível da tradição lógica (eventos reais e irreais), mas depende de fatores cognitivos e comunicativos, ou seja, a certeza é sempre subjetiva porque envolve uma negociação social entre falante e ouvinte.

#### 4. 6.3.2 Tempos verbais das construções com o “*agora*”

Os tempos verbais que predominam nas construções adversativas que contraem elo pelo *agora* estão distribuídos na tabela, a seguir:

**Tabela 7:** tempos dos verbos das construções com o *agora*

<b>Tempo verbal</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
Presente do indicativo	22	84,6
Presente do subjuntivo	1	3,9
Futuro do indicativo	3	11,5
<b>TOTAL</b>	<b>26</b>	<b>100</b>

A predominância do presente do indicativo, ou do presente como um todo, sobre os demais tempos é claramente atestada pelos números. Mas como o *agora* adversativo é mais recorrente nos relatos de opinião, talvez o uso de tal tempo seja característica do contexto em que se insere.

#### 4.6.3.3 Aspectos verbais dos verbos das construções com o “*agora*”

Considerando que as construções com o *agora* adversativo se envolvem com formas verbais que não expressam necessariamente um evento ocorrido no exato momento de sua enunciação, porque se entende que o presente (tempo predominante entre elas) se dilata em direção ao passado, ao futuro ou aos dois (COROA, 2005), investiga-se o aspecto durativo dessas formas verbais.

Observem-se os resultados na tabela seguinte:

**Tabela 8 :** aspectos dos verbos das construções com o *agora*

<b>Aspecto</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>%</b>
Perfectivo		
Imperfectivo	26	100
<b>TOTAL</b>	<b>26</b>	<b>100</b>

Verifica-se nos dados a tendência absoluta das construções que são introduzidas pelo *agora* adversativo a se apresentarem com verbos de aspecto imperfectivo. Essa aspectualidade incompletiva é considerada, nos contextos gerais, a forma mais marcada (GIVÓN, 1995).

Contudo, como se sabe que a questão da marcação é flutuante e dependente do contexto, talvez isso aconteça devido as adversativas serem consideradas construções complexas, ao ponto de serem usadas, preferencialmente, por pessoas de escolaridade mais elevada, e como complexo atraí complexo, certamente essas pessoas se sentem atraídas para usar verbos de aspectos mais complexos.

Vale salientar que esses resultados modo-temporais em relação ao uso das construções contrastivas, enlaçadas pelo *agora*, não constituem exatamente uma novidade em termos quantitativos. Silva (2005), em tese sobre a oposição e seus conectores, analisando os modos, tempo e aspecto dos verbos das construções opositivas na escrita, já obteve constatações similares em relação às construções com o *mas*.

#### 4. 6. 4 Trajetória de gramaticalização do *agora*

Conforme já foi exposto, *agora* se originou da forma latina *nunc*, posteriormente *hac hora* (*esta hora, neste momento*), evoluindo para *agora*:

*Nunc* > *hac hora* > *agora*  
*hora* > *ora e hora*

A história do item revela um percurso de dêitico espacial, dêitico temporal, para depois desaguar no campo discursivo. Na verdade, é um trajeto que ratifica a mudança trajetorial espaço > (tempo) > texto, proposta por Heine; Claudi; Hunnemeyer (1991).

Há indícios de que o item migrou para a função de conector adversativo depois do exercício da função temporal, quando penetrou na categoria mais abstrata, ou seja, no texto.

Do ponto de vista estrutural, o conector se apresenta no discurso através de uma conexão representada por segmentos tópicos, em aparições pós-pausa.

Semanticamente, o item apresenta o seu valor temporal, com extensões para o presente, passado e futuro. Investido na função de conector revela nuances de alternância, causa e adversidade, alcançando posteriormente até valores mais discursivos como é o caso da função de articulador discursivo, usado para preencher vazios e guiar o fluxo do pensamento.

No que diz respeito aos verbos das construções introduzidas pelo *agora* adversativo, elas se inserem em contextos nos quais predominam a modalidade *realis* da língua, modo indicativo, tempo presente e aspecto imperfectivo. Entretanto, esses resultados parecem estar mais ligados ao tipo de discurso em que os conectores adversativos predominam: os relatos de opinião (Ver tabela 4).

É relevante frisar que há registros de que, embora a gênese das construções com o *agora* revele a sua porção espacial, o termo já assumia funções de circunstanciador temporal no latim, além das funções de conector adversativo, alternativo, conclusivo, numa demonstração de que as suas várias funções convivem harmonicamente umas com as outras.

#### 4.6.5 Mas e agora?

Perante o fato de que o *agora* foi eleito para receber um tratamento diferenciado, nesta seção, questiona-se a gradualidade do item como conector adversativo.

Para isso, será criado um quadro comparativo entre o conector adversativo prototípico (*mas*) e o conector *agora*. De antemão, alguns critérios serão definidos, os quais seguem:

- a) **Pode coordenar sintagmas, orações e enunciados:** para justificar esse critério, recorre-se a Neves (2000). A autora entende que os segmentos coordenados podem ser introduzidos por sintagmas, orações e enunciados.<sup>26</sup> Pelo que se percebe, o *agora* é intercambiável com o *mas* nas duas últimas situações.
- b) **Apresenta posição fixa na oração:** Silva (2005), em estudo sobre o *mas*, chama a atenção para a característica estrutural mais marcante do *mas* – a colocação fixa no início de seqüência opositiva de junção de orações. O *agora* adversativo, geralmente, ocorre no início do segmento adversativo.

---

<sup>26</sup> São exemplos de Neves (2000):

Sintagmas: *Ângela ria fraca, MAS ostensivamente.*

Orações: *O garçom tem cara de mentecapto, MAS isto não me afeta grande coisa.*

Enunciados: *Se se come bem aqui não sei. MAS que se bebe bem, bebe-se!*

- c) **Pode co-ocorrer:** O *mas* co-ocorre com outros conectores com os quais concorre, conforme seção 4.3.1. Tavares (2003) acredita que quando dois concorrentes co-ocorrem registram-se indícios de gramaticalização, resultando em mais rigidez de posição sintática e das relações de escopo com os elementos. No *D&G*, há registros do item *agora* co-ocorrendo com o *só que* (*ver ocorrência (17)*).
- d) **Indica oposição:** a simples presença do conector já dá indicações de que ele é opositivo. O *mas* é um conector de oposição, por excelência, porque mesmo se licenciando de sua função principal para exercer outras funções no discurso, conserva resquícios do seu sentido-fonte, comportamento explicado pelo princípio da persistência de Hopper. O item *agora* não é, por excelência, um conector opositivo. Sua função temporal parece ser mais persistente em seu comportamento.
- e) **Conecta-se em articulações oracionais:** é relevante considerar que quando o item *agora* se apresenta em conexões no nível oracional (*ver ocorrência (41)*), isso pode significar uma familiaridade maior do falante/ouvinte com as construções unidas por tal item. No *D&G* o *mas* se apresenta em construções oracionais em 6,35% de suas ocorrências, o *agora* em 3,84%.

Daí, pode-se esboçar o seguinte quadro:

	<b>Mas</b>	<b>Agora</b>
Coordena sintagmas, orações e enunciados	X	X
Apresenta posição fixa na oração	X	X
Pode co-ocorrer	X	X
Indica oposição	X	X

Conecta-se em	X	X
articulações oracionais		

**Quadro (12):** comparação entre o item prototípico (*mas*) e o *agora*

O quadro revela que há muitas semelhanças entre o *mas* e o *agora*, porém verifica-se que, apesar das semelhanças, não são dois itens que se igualam no discurso. *Mas* é um conector mais absoluto como representante da oposição, uma vez que apresenta grau maior de fixidez, de oposição, de articulações oracionais e de co-ocorrência entre as orações. O *agora* pode até apresentar essas mesmas características, entretanto as apresenta em graus bem menores.

De qualquer forma, é válido salientar que o *agora*, apesar de não ser igualado ao *mas*, apresenta sintomas gerais de um item adversativo legítimo, uma vez que conecta segmentos e orações de cunho adversativo, apresenta posição fixa na fronteira oracional, co-ocorre com outros conectores adversativos e em muitos casos pode ser intercambiável com o *mas*.

É óbvio que os dois itens disputam espaço no campo das adversativas, porém se observa que o *agora* é dotado de menos gramaticalidade do que o *mas*, porquanto é sabido que funcionalmente as mudanças lingüísticas não acontecem de forma abrupta, mas graduais.

Apesar do item *agora* já se apresentar de forma saliente no discurso, acredita-se que ainda precisa de uma aceitação maior para “cair na boca do povo”, e desta guisa, sinalizar que está se tornando mais abstrato, cognitivamente menos complexo e conseqüentemente mais usado e mais gramatical.

## 5 SUGESTÕES DE APLICAÇÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA

Furtado da Cunha e Tavares (2007, p. 34) analisando a língua na perspectiva funcionalista acreditam que

um dos papéis do professor de língua materna é o de atuar como orientador do processo de construção e re-construção do saber gramatical dos alunos, incentivando-os a experienciarem a língua em suas múltiplas faces, em situações de uso real.

Trazendo a reflexão para uma situação mais específica de tratamento dos conectores, Tavares (2007a, p. 108) chama a atenção para que se trabalhe uma maior diversidade de conectores em gêneros diversos, e propõe algumas atividades que devem ser estimuladas pela escola:

(...) Por exemplo, os alunos podem comparar os usos dados a conectores coordenativos na fala e na escrita, em textos lidos e/ou escritos pela turma, orais e escritos de diferentes gêneros- textos jornalísticos variados (de mídia falada e impressa), receitas, histórias em quadrinho, contos, e-mails, etc. A fala de membros da própria comunidade (incluindo os alunos) pode ser gravada e analisada levando-se em conta os diferentes gêneros que aparecerem.

Nesse âmbito, propõe também que os alunos trabalhem semelhanças e diferenças no emprego de conectores coordenativos em seqüências e gêneros variados e na articulação de mais de um nível de articulação textual. Acredita-se que as evidências de preferência pelo uso de um ou outro conector em uma dada



situação da comunidade lingüística poderão fornecer pistas para que o aluno perceba qual é o conector mais adequado a cada contexto de uso.

A esse respeito, Tavares (2007a, p.109) ainda acrescenta:

Ao dominarem um leque maior de possibilidades de seqüenciar partes do texto e suas especificidades de uso, os alunos estarão mais bem munidos para evitar a repetição constante de um só item.

Antunes (2007), por sua vez, também traz a sua contribuição para um estudo mais eficaz dos conectores, chamando a atenção para se focalizar esses itens relacionais que marcam o encadeamento entre partes do texto, mediante o reconhecimento das relações e de suas funções (lógica, argumentativa, discursiva), considerando a atividade “um saber da mais alta relevância para administrar as possibilidades de organização do texto” (p. 133).

É importante citar o que a autora diz a respeito dos itens em estudo:

São elementos sinalizadores- pistas- para irmos encontrando a direção argumentativa, inclusive, do texto. Esse saber seria bem mais útil que, simplesmente, saber dizer se a conjunção é coordenativa ou subordinativa ou se a expressão é adjunto adverbial ou não. (Infelizmente, já se perdeu tempo demais com essa inutilidades! (...))

Diante disso, acredita-se que o primeiro passo a ser adotado para orientar uma aplicação metodológica advinda da teoria aqui em foco será orientar o processo de aprendizagem de um item ou construção a partir de textos, nos seus diversos gêneros e modalidades. Por um lado, deve-se sugerir ao aluno atividades de escuta de textos orais e leitura de textos escritos, objetivando a ampliação progressiva de conhecimentos discursivos, semânticos e gramaticais que se envolvem na produção do sentido. Por outro lado, promover a construção e reconstrução de textos variados, adequando-os às múltiplas situações contextuais requeridas pela ordem social. Veja o que diz Antunes em relação ao assunto (2007, p.138):

A proposta (...) é que o texto seja analisado: no seu gênero, na sua função, nas suas estratégias de composição, na sua distribuição de informações, no seu grau de informatividade, nas suas remissões intertextuais, nos seus recursos de coesão, no estabelecimento de sua coerência e, por causa disso tudo, só por causa disso tudo, repito, os itens da gramática aparecem.

Dessa forma, para que esses aspectos produzam efeitos na prática pedagógica, acredita-se que estratégias devem ser moldadas com base na visão dos Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 49), os quais definem como objetivo de ensino das línguas desenvolver no aluno os domínios da expressão oral e escrita em situações funcionais.

No caso das construções adversativas, deve-se promover a reflexão sobre a origem e multifuncionalidade dos diversos conectores que se envolvem com a adversidade, em sincronias diferentes. Posteriormente, mapear cada função ou subfunção assumida, em contextos orais e escritos e promover atividades de percepção do uso dos referidos itens em situações que o identifiquem como funcionalmente múltiplos. É interessante que o aluno perceba como as formas funcionam quando postas em uso.

Nesse contexto, o papel do professor parece ser o de mediador de situações-problemas, trabalhos de pesquisa, através dos quais o aluno possa fazer deduções, hipotetizar, interpretar recursos cognitivos e projeções conceituais evocadas pelas situações enunciativas, e, sobretudo, conscientizar-se das relações entre forma – função/forma, uma vez considerado que a gramática está em constante reconstrução - gramática emergente (HOPPER, 1998). Vale a pena acrescentar a esse pensamento a afirmação de Antunes (2007, p. 138):

Evidentemente, o domínio desses pontos exige professores com uma sólida formação lingüística, o que equivale a dizer com um grande conhecimento das questões relativas ao funcionamento do léxico, da gramática e das práticas cognitivo-textuais com que efetivamos o jogo complexo de nossa atividade comunicativa.

Convicto desse entrelaçamento entre forma e função e vice-versa, o aluno deve se conscientizar de que o estudo das formas em foco não podem se reduzir ao trabalho estanque de categorizar classes morfológicas ou categorias sintáticas desvinculadas da intenção comunicativa. Torna-se relevante introduzir a teoria dos protótipos como forma de categorizar as construções, a partir da relação de aproximação ou distância do protótipo-base, uma vez considerado que a recorrência do uso pode produzir regularidades e apontar as tendências das mencionadas construções para assumir algumas categorizações, ao invés de imprimir rótulos preexistentes, fragmentados.

Acredita-se que uma alternativa viável para uma aprendizagem mais eficaz do fenômeno em estudo pode ser a proposição de exercícios que envolvam a substituição de um item por outro de sentido semelhante, no mesmo contexto, como forma de explorar a riqueza de meios que conduzem à produção de sentido.

Outro trabalho possível, nesse âmbito, é o uso do item em diferentes funções, inclusive em exercícios de conexão de partes maiores do texto (orações, parágrafos) e remontagem de histórias. Ainda, nesse âmbito, cogita-se sobre a proposta de entrevistas com os próprios colegas para organizar *corpora* que possibilitem ao aluno um trabalho de interface entre as tendências de uso da forma nas modalidades de língua oral x escrita.

Todas essas atividades são sugestões que se pressupõem relevantes para uma compreensão mais sistemática da dinâmica da língua que falamos. Poderá ser adaptável para o estudo de outros itens gramaticais, especificamente os conectores.

Enfim, sugere-se, em termos mais práticos, a aplicação da teoria defendida na proposta de atividades, a seguir em amostra:

## 5.1 PROPOSTA DE ATIVIDADES

1) As construções abaixo trazem uma relação de efeito contrário. Substitua os conectores que representam a adversão por outros de valor correspondente e analise se os efeitos de sentido por eles produzidos e o grau de formalidade são os mesmos. Comente<sup>27</sup>.

a) eu ... eu ... eu num relaxava porque existia um ... um período de turbulência né? o avião ... passou por umas nuvens e ... houve uma certa trepidação ... então nesse momento eu tava com profundo sono ... **mas** eu num ... como eu num conseguia me entregar totalmente ao sono ... eu ... é ... no meio do sono quando dava a turbulência ... eu acordava dum sopapo e ... aí eu perdia a classe sabe? ((riso)) (D&G, oral, p.43)

b) aquela prostituição ... aí a cara do Brasil ... as pessoas não go/ não querem assistir ... são elas ... são muito:: num é valorizado ... mas você vê né ... uma novela né ... é modelo americano ... um filme estilo americano ... tá todo mundo lá vidrado porque:: porque eles

<sup>27</sup> A atividade pode ser realizada com ocorrências de fontes diversificadas, nas modalidades de língua oral e escrita e com diversidade textual: textos de histórias em quadrinhos, charges, músicas, poemas, jornais, revistas, etc.

querem sonhar com a vida melhor ... mas eles só sonham ... **no entanto** ... querem receber aquilo ... não vê e pra abrir os olhos é difícil ... é preciso que haja alguém que invista mais na educação ... (D&G, oral, p.36)

c) ...que a gente num sabe onde é que vai ... onde é que essa situação vai chegar porque se hoje existe homens que não:: que governam e não sabem governar ... amanhã talvez num exista mais homem que governe ... porque nem ninguém confia mais em ninguém ... num dá mais pra se admitir ... se esperar ... não:: não temos mais esperança... ( D&G, oral, p.37).

2) O item *agora*<sup>28</sup> pode assumir diversos significados, embora seja reconhecido pela gramática tradicional apenas como advérbio de tempo. Substitua o item em cada contexto, por outro de sentido similar:

a) ... isso pra criticar ... outras não têm o mínimo interesse mesmo ... não querem saber de Jesus ... quanto mais de religião ... então elas usam esses tipos de escândalos essas coisas que acontecem pra criticar ... né ... criticam bastante ... **agora** ... tem o outro lado que a gente vê assim nas pessoas não-crentes ... (D&G, oral p.125)

b) ... ele enfrenta uma transformação muito grande **agora** ... vem enfrentando ... **agora** vai tá piorando e a gente vê aí os brasileiros ... os nordestinos ... os sertanejos ... ninguém abre os olhos ... tá todo mundo iludido ... (D&G, oral, p.36)

c) eu acho que tudo devia ser assim ... o povo decidir ... porque se der errado ... foi o povo que decidiu ... como Collor ... né? não deu certo ... então foi o povo que quis assim ... **agora** ... minha filha ... é levantar a cabeça ... teve *impeachment* ... né? pronto ... vamos ver agora o que é que vai ser ... mas tem que ser o povo ... eu acho que tudo deveria ser o povo ... sabe?(D&G, oral, p.111).

- Observe agora quais as funções exercidas pelos itens destacados nos contextos propostos e verifique se as formas iguais exercem também funções idênticas em todos os contextos? Por quê?

<sup>28</sup> As atividades de aplicação dão margens para o aluno inferir que o item trabalhado exerce múltiplas funções no discurso: além de dêitico temporal em três dimensões, exerce as funções de conector e marcador discursivo. Assim, o estudo da categorização de itens gramaticais deve partir do uso que fazemos da língua no ato discursivo.

- Reflita sobre a perspectiva de o item destacado assumir outras funções e apresente conclusões a respeito da língua em uso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analizados os dados, eis que é chegado o momento de comentar os resultados e as tendências a possíveis generalizações, advindas das observações feitas durante a pesquisa. Não se pode esquecer de que a investigação se fundamenta em dados de fala e, por isso, são tendências mais fugidias, porém importantes.

Em primeiro lugar, convém se relacionar o *mas*, *e*, *aí*, *agora*, *só que*, *no entanto* e *já*, como itens no exercício de funções adversativas, na fala do habitante de Natal. Dentre os itens citados, foram mais recorrentes o *mas*, *e*, *aí* e *agora*.

Conforme já era esperado, existem outros conectores exercendo a função de adversativos na fala do natalense, os quais a gramática tradicional não reconhece em seu elenco. Dos conectores mais utilizados no *corpus*, apenas o *mas*, e o *no entanto* constam nas listas de conectores adversativos dos gramáticos tradicionais e o *e* que é reconhecido por Cunha (1986).

Outro fato que parece estranho e merece comentário em relação aos dados é a não-ocorrência do conector *porém*, tão freqüente na língua escrita.

No que toca à atuação dos princípios da iconicidade e da marcação na arquitetura sintática das construções adversativas, constatou-se a tendência a um emparelhamento entre forma e função, possivelmente advinda de elementos da ordem social do mundo do falante.

O princípio icônico se torna manifesto através dos seguintes subprincípios: o da quantidade atua na repetição das estruturas menos previsíveis do segmento adversativo, como forma de acentuar a informação nova. O da ordenação age nas

seqüências afirmativas/negativas, inclusive atuando em concomitância com o subprincípio icônico da quantidade. A ação do subprincípio da integração também foi observada na considerável quantidade de pausas entre informações básicas e informações contrastivas, comprovando-se um grau menor de vinculação sintática entre informação básica e adversa.

Quanto ao princípio da marcação, os dados são reveladores e comprovam o pensamento de Givón (1995). Os itens menos marcados são menos complexos e freqüentes, os mais ou menos marcados são mais ou menos complexos e freqüentes e os mais marcados são mais complexos e menos freqüentes.

Ainda em relação à marcação, é válido citar que a tendência dos contextos mais marcados atraírem formas mais marcadas, ou seja, complexo atrair complexo, defendida por Givón (1995), é refletida pelos dados. Os conectores de marcação intermediária foram mais utilizados por pessoas também de idade/escolaridade intermediária, entre 13 a 16 anos. O *aí*, por exemplo, que é estigmatizado pela escola como item de menor *status*, é mais utilizado nos dados pelos jovens dessa faixa etária.

Outra constatação visível no princípio da marcação é a relação entre complexidade e freqüência. Os conectores considerados mais complexos foram mais freqüentes nos relatos de opinião do que nas narrativas. Acredita-se que relatos dependem de estratégias argumentativas, as quais são consideradas mais complexas do que as estratégias utilizadas para narração.

No que diz respeito ao nível de prototipicidade dos conectores adversativos mais recorrentes, a hipótese de que o *mas* seria o protótipo da categoria dos adversativos se confirmou. A observância de traços peculiares às construções adversativas indicou-o como melhor exemplar da classe, possivelmente, por ser considerado o menos complexo e de mais fácil processamento. Isso ratifica a idéia da existência de uma relação entre a teoria dos protótipos e o princípio da marcação, uma vez que o menos marcado é o protótipo.

A análise panorâmica dos conectores adversativos mais recorrentes revelou a tendência dos conectores de adversidade apresentarem um passado adverbial, caso bem ilustrado pelo conector “*agora*”.

Pelo olhar diferenciado conferido ao *agora*, permite-se inferir que as mudanças experimentadas pelo item no seu transcurso existencial podem ter sido

herdadas da sincronia latina, temporalidade em que o termo já exercia, harmonicamente, nos variados contextos, funções diversas.

A trajetória de gramaticalização do *agora* é atestada pelo percurso universal proposto por Heine, Claudi e Hunnemeyer (1991): *espaço* > (*tempo*) > *texto*, o qual assinala uma evolução gradativa de abstratização.

Outro fato importante que merece comentário foi a observância da multifuncionalidade dos itens que se ocupam na adversidade na fala do natalense.

Diante disso, as implicações da teoria funcionalista para o ensino fundamental e médio, especificamente das formas em estudo, são no sentido de que não se pode mais trabalhar as categorias lingüísticas apenas com base em critérios estritamente morfológicos ou sintáticos. As pesquisas lingüísticas revelam que as formas da língua devem ser trabalhadas também com base em critérios semântico-pragmáticos.

Assim, necessariamente, deve-se envolver o aluno num trabalho de observação, descrição, categorização, manipulação e exploração, a fim de se construir explicações para os fenômenos lingüísticos característicos das práticas discursivas, na dimensão já explicitada, com o fim de gerar conclusões e descobertas. Daí, inferir o que é regular e generalizante na língua e em conseqüência, tornar mais eficaz o processo de ensino-aprendizagem de línguas nas salas de aulas de ensino fundamental e médio.

E como o trabalho não se esgota por aqui, acredita-se que o estudo possa inspirar outras pesquisas, sobretudo, a partir da perspectiva de retomada, podendo-se citar a possibilidade de comparar os dados de fala com dados da escrita; trabalhar de forma mais detalhada o comportamento adversativo de alguns dos itens relacionados como atuantes no campo da adversidade; averiguar a multifuncionalidade de alguns dos itens estudados ou fazer um estudo mais detalhado do item *agora*, explorando uma quantidade maior de dados reais de língua em seus diversos estágios de existência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, I. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. **Aula de português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARISTOTLE. De interpretatione. In: BARNES, J. **The complete works of Aristotle**. Princeton: Princeton University, 1984, v. 1 e v.2.

BARBOSA, J. S. **Grammatica philosophica da língua portugueza** ou princípios da grammatica geral applicados à nossa linguagem. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1856.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitex, 1995.

BARRETO, T. M. M. **Gramaticalização das conjunções na história do português**. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Salvador: 1999.

BECHARA, E. **Moderna gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BERLIN, B; KAY, P. **Basic Color Terms**. Their Universality and Evolution. University of California Press, Berkeley, CA, 1969.

BOLINGER, D. **The form of language**. London: Longmans, 1977.

BRINTON, L. TRAUGOTT, E. C. **Lexicalization and language change**. Cambridge University Press, 2005.

BYBEE, J. **A functionalist approach to grammar and its evolution**. Evolution of communication.v.2, n.2, 1998. p. 249-278.



\_\_\_\_\_; PERKINS, R; PAGLIUCA, W. 1994. **The Evolution of Grammar**. Chicago: University of Chicago Press, 1994

CAMÕES, L. **Os Lusíadas**. Edição crítica de BUENO, Francisco da Silveira. Universidade de São Paulo-Brasil. TECNOPRINT S.A.: Rio de Janeiro.

CARVALHO, J.G.H. Systems of deitics in portuguese. In: Portuguese linguistics. Amsterdam: North Holland Company, 1976, p. 245-266.

CASTILHO, A. T. **A gramaticalização**. Cadernos de estudos lingüísticos e literários. Salvador: UFBA, 1997.

\_\_\_\_\_. **A língua falada no ensino do português**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_. Entrevista. In: XAVIER, C. X.; CORTEZ, S. **Conversas com lingüistas: virtudes e controvérsias da Lingüística**. Parábola. São Paulo, 2005.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 40 ed. São Paulo, Nacional, 1997.

CHAFE, W. Language and the flow of thought. In: TOMASELLO, M (Ed). **The new psychology of language**. Lawrence Erlbau: New Jersey, 1998, p. 93-111.

CONFESSOR, F. W. **Aí marcador de especificidade de SN indefinidos: um estudo funcionalista com implicações para o ensino**. Dissertação de Mestrado. UFRN: Natal, 2008.

CORÔA, M.L.M.S. **O tempo nos verbos do português**. São Paulo: Parábola, 2005.

CRHISTIANO, M. E. A.; SILVA, C. R.; HORA, D. (orgs.) **Funcionalismo e gramaticalização: Teoria, análise, ensino**. Idéia: João Pessoa, 2004.

CUNHA, C. **Gramática da língua portuguesa**. 11 ed. Rio de Janeiro: Fename, 1986.

DIK, S. **The theory of functional Grammar**. Dordrecht- Holland/ Providence RI- U.S.A.: Foris Publications, 1989.

DUBOIS, J. et. al. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 2006.

DU BOIS, J. W. Discourse and Grammar. In: TOMASELLO, M. **The New psychology of languages: cognitive and Functional to language structure**. v. 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003, p. 65-87.

DUQUE, P. H. **O elemento “agora” sob o enfoque da gramaticalização**. Dissertação de Mestrado. UFRJ: 2002.

FERREIRA, M. F. **Aprender e praticar gramática**. Ed. Renovada. São Paulo: FTD, 2003.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio** - Versão eletrônica (5.0.). By Regis LTDA - cedido à Editora Positivo Informática LTDA. 3ª ed. 2004.

FORD, C. E.; FOX, B; THOMPSON, S.A. Social interaction and grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed). **The new psychological of language**. v. 2, Lawrence Erlbaum: New Jersey, 2003, p.119-143.

FURTADO DA CUNHA, M. A; TAVARES, M. A. Lingüística Funcional e Ensino de gramática. In: \_\_\_\_\_. (orgs) **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2007.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, M. R. de; VOTRE, S. A interação sincronia/diacronia no estudo da sintaxe. In: **D.E.L.T.A.** São Paulo: feb/july, 1999, v. 15. n. 1.

\_\_\_\_\_. (org.). **Corpus Discurso & gramática** - a língua falada e escrita na cidade do Natal. Natal: EDUFRN, 1998.

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. 13 ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

GIVÓN, T. The functional approach to language. In: TOMASELLO, M. (Ed). **The new psychology of language**. Lawrence Erlbaum: New Jersey, 1998. p. 41 -66.

\_\_\_\_\_. **Syntax I**. New York: Academic Press, 1984.

\_\_\_\_\_. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

\_\_\_\_\_. **Syntax**. A functional-typological introduction. v. II. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1990.

\_\_\_\_\_. **Functionalism and grammar**. John Benjamins: Amsterdam/ Philadelphia: 1995.

\_\_\_\_\_. **Syntax**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001, v.1.

\_\_\_\_\_. **Syntax**: an introduction. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2002, v.2.

\_\_\_\_\_. **Context as other's minds**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C. CASSEB-GALVÃO, V. C. (orgs.) **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. **Notes on transitivity and theme in English**. Journal of linguistics. v. 3, parte I, p. 37- 81; Parte II: p. 199-244, 1968.

\_\_\_\_\_. **Categories of the theory of grammar**. Word v.17 n.3, p. 241-282, 1961.

\_\_\_\_\_. Estrutura e função da linguagem. In: LYONS, J (org.) **Novos horizontes em lingüística**. São Paulo: Cultrix/ Ed. da USP, p. 134-160, (trad. J. A. Durigan), 1970.

\_\_\_\_\_. **An introduction to functional Grammar**. London: Edward Arnold Publishers, 1985

HEINE, B; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. **Grammaticalization a conceptual framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B. **English grammar: a functional based introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

\_\_\_\_\_; KUTEVA, T. **The Genesis of Grammar**. A reconstruction. Studies in the evolution of language. New York: Oxford University press, 2007.

HOLANDA, A.B. **Novo dicionário Aurélio** - Versão eletrônica (5.0.) By Regis LTDA - cedido à Editora Positivo Informática LTDA. 3. ed., 2004.

HOPPER, P. J. **Emergent Grammar**. BLS 13. 1997, p. 139-57.

\_\_\_\_\_. Emergent grammar. In: TOMASELLO, M. (ed). **The new psychology of language**. Lawrence Erlbaum: New Jersey, 1998. p.155 -175.

\_\_\_\_\_. On some principles on grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd (Eds). **Approaches to grammaticalization**. In: Amsterdam: John Benjamins, 1991, v.1. p. 17-35

\_\_\_\_\_; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. **Grammaticalization**. 2<sup>nd</sup>. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, A; VILLAR, M.S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

INFANTE, U. **Curso de gramática aplicada aos textos**. Nova ed. São Paulo: Scipione, 2005.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: BLACKWELL, 2001.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**. v.2. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: In: HAIMAN. J; THOMPSON, S. A. (eds.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1988.

\_\_\_\_\_. Latin subordination in typological perspective. In: GUALTIERO, C (Ed). **Subordination and other topics in latin**: Proceedings of the third colloquium on Latin linguistics. Amsterdam: Benjamins, 1989.

LEME, O. S. **Linguagem, literatura, redação**. São Paulo: Ática, 2003.

LONGHIN, S. R. L. **A gramaticalização da perífrase conjuncional 'só que'**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 2003.

MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. V. II, Lisboa: Livros Horizonte, 1977.

MACHADO, A. R. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J.L.; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros teorias, métodos, debates**. 2. ed., São Paulo: Parábola, 2005.

MARCUSCHI, L. A. A hesitação. In: NEVES, M.H. (org.). **Gramática do português falado: novos estudos**. Campinas: Unicamp: Humanitas/FAPESP, 1999, p.159-195. v II.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTELOTTA, M. E. Gramaticalização e graus de vinculação sintática em cláusulas concessivas e adversativas. In: **Veredas**: revista de estudos lingüísticos, Juiz de fora, v-2, n. 3, 1988, p. 37-56.

\_\_\_\_\_. Gramaticalização em operadores argumentativos. In: MARTELOTTA, M. E; VOTRE, S. J.; CEZÁRIO, M. M.. **Gramaticalização no Português do Brasil: Uma abordagem Funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1996.

\_\_\_\_\_. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; MARTELOTTA, M. E; OLIVEIRA, M. R. de. (orgs). **Lingüística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003, p.17 - 28.

\_\_\_\_\_. Operadores argumentativos e marcadores discursivos. In: VOTRE, S. J; CEZÁRIO, M.; MARTELOTTA, M. **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras: UFRJ, 2004.

MATTHIESSEN, C; THOMPSON, S. A. The structure of discourse and subordination. In: HAIMAN. J; THOMPSON, S. A (eds.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1988.

MEURER, J. L. Integrando estudos de gêneros textuais ao contexto de cultura. In: In: KAROWSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.). **Gêneros textuais - reflexões e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006,

MOTTA-ROTH, D. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KAROWSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.). **Gêneros textuais-reflexões e ensino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, p. 165-185.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. v. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos epistemológicos**. v. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

NARO, A. J; VOTRE, S. J. Mecanismos funcionais do uso da língua: forma e função. In: **D.E.L.T.A.**, 8 (2). São Paulo: Abralin, 1992.

NASCIMENTO, M. Teoria gramatical e mecanismos funcionais do uso da língua. In: **D.E.L.T.A.** 6 (1), 1990, p. 83-98.

NEVES, M.H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. Estudos Funcionalistas no Brasil. In: **D.E.L.T.A.** v. 15. n. especial. São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. Uma introdução ao Funcionalismo: proposições, escolas, temas e rumos. In: CHRISTIANO, M. E. A.; SILVA, C. R.; HORA, D. da (orgs). **Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino**. João Pessoa: Idéia, 2004.

\_\_\_\_\_. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Língua Portuguesa: terceiro e quarta ciclo do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.

PEREIRA, C. E. **Grammatica histórica**. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia, 1923.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

RISSO, M. S. "Agora... o que eu acho é o seguinte": um aspecto da articulação do discurso no português culto falado. In: CASTILHO, A. T. (org). **Gramática do português falado**. Volume III: As abordagens. Campinas, SP: São Paulo: FAESP, 1993.

ROCHA. A. P. A. **Gramaticalização de conjunções adversativas em português: em busca da motivação conceptual do processo**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC). Rio de Janeiro, 2006.

RODRIGUES, F. C. D. O termo agora: prototypicalidade e funcionalidade. In: **Anais**. Caderno 09-08: Congresso Nacional de Lingüística e Filologia. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2002.

SACONNI, L. **Nossa gramática: teoria**. 14 ed. São Paulo: Atual, 1990.

SILVA, C. R.; CHRISTIANO, M. E. A. As múltiplas funções do conector mas na oralidade. In: HORA, D. da.; BARROS, A. M. **Lingua(gem)**. Macapá-Amapá, ILAPEC, 2000.

SILVA, C.R. O conector mas no discurso oral :Gramaticalização ou discursivização. In: **Anais da XX jornada do GELNE**. João Pessoa: Idéia, 2003.

\_\_\_\_\_. Iconicidade do uso do conector mas: um estudo funcionalista. In: CHRISTIANO, M. E. A.; SILVA, C. R., HORA, D. da. (orgs). **Funcionalismo e gramaticalização**: Teoria, análise, ensino. João Pessoa: Idéia, 2004.

\_\_\_\_\_. **Mas tem um porém...**: mapeamento funcionalista da oposição e seus conectores em editoriais jornalísticos. Tese de doutorado. Universidade Federal da Paraíba/UFPB. João Pessoa, 2005.

\_\_\_\_\_. O conector mas na fala e na escrita: uma abordagem funcionalista com implicações para o ensino da gramática. In: SILVA, C. R.; HORA, D. da. CHRISTIANO, M. E. A. C. (Orgs). **Linguística e práticas pedagógicas**. Santa Maria: Palotti, 2006.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de e, aí, daí e então**: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo-propulsora de informações - um estudo sociofuncionalista. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

\_\_\_\_\_. Conectores seqüenciadores na fala natalense: algumas sugestões para o ensino de gramática. In: **Odisséia**. v. 9, n. 13-14, Natal: EDUFRN, 2006.

\_\_\_\_\_. Os conectores e, aí e então na sala de aula. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal-RN: EDUFRN, 2007a, p. 87-115.

\_\_\_\_\_. **Notas de aula**. Disciplina: Metodologia da Pesquisa em Linguística Aplicada (Mestrado em Linguística Aplicada). Natal: UFRN/PPgEL, 2007b.

TAYLOR, J. **Linguistic categorization**: prototypes in linguistic theory. Oxford: Clarendon Press, 1995.

TERRA, E. **Minigramática**. 9 ed. São Paulo: Scipione, 2002.

THOMPSON, S. A. Subordination and narrative event structure. In: TOMLIN, R. (Ed.), **Coherence and grounding in discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987, p. 435-454.

\_\_\_\_\_; COUPER-KUHLEN, E. **The clause as a locus of grammar and interaction**. Discourse Studies. v.7, n. 4-5. p. 481-506. London, 2005.

TOMASELLO, M. (Ed.). **The new psychology of language**. v.1 e 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

\_\_\_\_\_; KÖNING, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 1991.

VICENTE, G. **Obras primas do teatro vicentino**. Edição organizada por Segismundo Spina. 3. ed. DIFEL-São Paulo - Rio de Janeiro: 1980.

VOTRE, S. J.; CEZÁRIO, M.; MARTELOTTA, M. **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras: UFRJ, 2004.

VOTRE, S. J. Mecanismos funcionais do uso da língua: forma e função. In: **D.E.L.T.A.**, 8 (2). São Paulo: Abralín, 1992.

\_\_\_\_\_. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, M. E; VOTRE, S.J.; CEZÁRIO, M. M. (orgs.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.

\_\_\_\_\_; NARO, A.J. Mecanismos funcionais do uso da língua. In: **D.E.L.T.A.**, 7 (2). 1989.